FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.895 — QUINTA-FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 2022 — R$ 5,00

Correção no teto vai dar R$ 1,8 bi extra ao governo

IPCA de 2021 fica menor que projeção inflada que servirá de base para aumentar limite de despesas federais

A previsão de inflação adotada pelo Congresso na elaboração do Orçamento vai garantir ao governo Jair Bolsonaro (PL) espaço extra de R$ 1,8 bilhão para gastar em 2022, ano em que o presidente buscará a reeleição.

Os congressistas aprovaram a peça orçamentária com correção de 10,18% no teto de gastos —regra que condiciona o avanço das despesas à inflação. Mas o IPCA, índice oficial, ficou abaixo disso, em 10,06%. Essa diferença percentual equivale a R$ 1,829 bilhão, para todos os Poderes. Apenas o Executivo ficará com um ganho de R$ 1,75 bilhão.

O Planalto entende que não é obrigado a cortar esse excesso e que pode fazer o ajuste somente em 2023.

Especialistas temem que parlamentares vejam no mecanismo um incentivo em jogar para cima projeções de inflação e, assim, turbinar despesas de interesse de deputados e senadores nos próximos anos.

A possibilidade de inflar o teto vem de mudança feita pela PEC dos Precatórios.

Agora, o limite é atualizado com base no IPCA de janeiro a dezembro do ano de envio da peça orçamentária.

A proposta de Orçamento é enviada até 31 de agosto do ano anterior ao de vigência, quando a variação efetiva da inflação anual ainda é desconhecida. Mercado A13

A pedido, dois secretários e um diretor deixam pasta da Economia A14

Carlos Souza/AFP

RIO INICIA PROJETO DE OCUPAÇÃO DE FAVELAS COM OPERAÇÕES POLICIAIS

Agentes do Bope, da Polícia Militar, durante ação ontem no Jacarezinho, alvo de uma incursão que deixou 28 mortos há cerca de oito meses; houve procedimento também na comunidade de Muzema, como parte do Cidade Integrada Cotidiano B4

ENTREVISTA
Paulo Teixeira

Alckmin como vice de Lula não muda programa do PT

Secretário-geral do PT, Paulo Teixeira diz à Folha que a escolha do vice de Lula passa por ser alguém fora do partido e do Sudeste, para atrair o voto conservador. "Cumpridos esses critérios, Alckmin não pode sofrer restrição do PT", afirma. Poder A9

Biden completa 1 ano no cargo sem vencer vírus e inflação

Há 1 ano, Joe Biden assumia a Casa Branca tendo como principais desafios vencer a Covid, recuperar a economia e tentar pacificar brigas internas. A lista hoje continua a mesma, agravada pela tensão até entre os democratas. A10

ANÁLISE *Patrícia Campos Mello*

Democrata não atrai e perde apoio

Joe Biden, que assumiu prometendo unir um país polarizado, termina 1º ano de mandato sem conquistar os republicanos e ainda perdendo o apoio de democratas. A11

Maria H. Tavares

Extremismo antidemocrático seguirá atuante

É difícil imaginar que uma possível derrota de Jair Bolsonaro recoloque a escolha do titular do governo nos trilhos da competição relativamente civilizada. Com ou sem ele, o extremismo antidemocrático, embora minoritário, continuará a ser uma presença ameaçadora. Opinião A2

Advogado de Bolsonaro libera madeira do caso Salles

Frederick Wassef, advogado de Jair Bolsonaro (PL), conseguiu na Justiça liberar madeira apreendida de um dos alvos da operação considerada pela PF como a maior já realizada na área ambiental e que sofreu ingerência de Ricardo Salles, então ministro do Meio Ambiente.

Salles foi acusado de atrapalhar a investigação, e o desgaste levou à sua saída.

A pedido de Wassef, o desembargador Ney Bello, do TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), concedeu liminar à MDP Transportes para restituir o material. Bello é um dos cotados para uma vaga no Superior Tribunal de Justiça. A indicação será de Bolsonaro.

Procurados, Wassef e Bello disseram que não comentariam o caso. Poder A4

Contra Boris, político conservador vira casaca

Parlamentar Christian Wakeford deixou ontem o Partido Conservador e entrou no opositor Partido Trabalhista em protesto contra Boris Johnson, que é alvo de pedidos de renúncia por festas de seu gabinete no lockdown. A13

Robinho é tido como culpado por estupro coletivo

Robinho foi condenado na 3ª e última instância da Justiça italiana pelo crime de estupro coletivo, cometido há nove anos em Milão. Com a sentença definitiva, ele passa a ser considerado culpado, com pena de nove anos de prisão. Segundo a defesa, o atacante é inocente. Esporte B7

Diretor de gestão do Inep é trocado após Enem 2021

Cotidiano B6

Eduardo Anizelli/Folhapress

MIRANTE DE VIDRO É NOVA ATRAÇÃO EM GUARUJÁ (SP)

Plataforma suspensa 45 m acima do mar com vista para praias do Tombo e das Astúrias; turistas, porém, têm disputado balanço instagramável no morro da Caixa D'água Cotidiano B5

Cresce internação de adolescentes e crianças em SP

Saúde B1

Brasil tem 2º dia seguido de recorde de casos de Covid

Saúde B2

Ilustrada C1

'Eduardo e Mônica'

Filme com Gabriel Leone e Alice Braga leva às telas o romance da música de Renato Russo

Guia C7

Conheça a história de Elis Regina em 10 passeios pela capital paulista

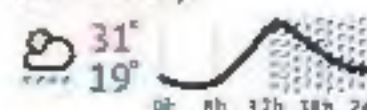
Turismo C8

Viagem de carro à Cornualha apresenta aos turistas a Inglaterra 'real'

EDITORIAIS A2

Na ponta do lápis
Sobre condições para socorro financeiro a estados.

A pândega do premiê
A respeito de turbulência política no Reino Unido.

ATMOSFERA
São Paulo hoje
31°
19°

ISSN 1414-5723

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Na ponta do lápis

Socorro a estados, se inevitável, tem de se pautar por critérios técnicos; judicialização é grande risco

Estão longe de serem animadores os resultados do regime de recuperação financeira dos estados, instituído em 2017. Na época, apenas o Rio de Janeiro aderiu à iniciativa, que acabou reformulada no ano passado. Agora, o mesmo Rio se tornou objeto de um impasse na nova versão do programa.

Na avaliação da área técnica do Ministério da Economia, o plano do governo fluminense para o ajuste de suas contas —uma exigência para o generoso socorro federal— está baseado em "premissas técnicas frágeis". Em bom português, não se notou no documento real intenção de equilibrar receitas e despesas num futuro próximo.

Bastaria dizer que o governador Cláudio Castro (PL) pretende continuar elevando os gastos com servidores, a rubrica mais onerosa dos orçamentos estaduais. Só neste ano a folha de pessoal cresceria 17,1%; em 2023, mais 8,9%; a partir daí, correção inflacionária.

Mas não é só. Prevê-se aumento contínuo de investimentos —que magicamente levariam a uma alta da arrecadação de impostos— e deixa-se a parcela fundamental do ajuste para um longínquo 2030, ano derradeiro do plano.

Ante a perspectiva de pareceres técnicos contrários que inviabilizam a adesão ao regime, o governador politiza e sua administração ameaça judicializar a questão. Trata-se de um grande risco.

O federalismo brasileiro tem longa tradição de paternalismo no tratamento de estados e municípios. As demandas de entes subnacionais em dificuldades em geral contam com a boa vontade do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, sempre às custas dos contribuintes do restante do país.

O resultado é um incentivo a gestões perdulárias e composições políticas em benefício das corporações do setor público, enquanto se mantêm pressões constantes por novos programas para o refinanciamento de dívidas com a União.

Na avaliação que o Tesouro faz da capacidade de pagamento dos estados, o Rio amarga a nota mais baixa, D, ao lado de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A dívida fluminense, equivalente a 324% da receita anual conforme boletim de 2021, supera com folga as demais.

Pela medição mais recente, saltou de 10 para 20 o número de administrações com notas A e B, tidas como satisfatórias. O dado mostra que não se devem encarar com fatalismo as mazelas orçamentárias dos entes federativos: melhoras são factíveis, e governos responsáveis podem fazer a diferença.

Na maior parte dos casos, a agenda reformista passa pela revisão de despesas administrativas e por privatizações, de modo que os estados possam priorizar seu papel fundamental de prover educação, saúde e segurança pública.

A pândega do premiê

Descoberta de festas durante a pandemia prolonga a crise de governabilidade do Reino Unido

As últimas semanas têm sido atribuladas no Reino Unido. Enquanto enfrenta uma nova e avassaladora onda de Covid-19, o país acompanha, em suspense, o desenrolar de outra crise —intimamente ligada à pandemia, mas de repercussão política— que sacode o governo e ameaça o cargo do primeiro-ministro, Boris Johnson.

O motivo é a revelação de uma série de festas realizadas no interior da residência oficial do premiê durante as restrições provocadas pela emergência sanitária. A mais rumorosa delas ocorreu em maio de 2020 e contou com a presença do próprio Johnson.

Estima-se que o número 10 da Downing Street tenha abrigado algo como uma dezena de encontros durante a pandemia —um deles na véspera do funeral do príncipe Philip, ex-marido da rainha Elizabeth 2ª, que permaneceu solitária durante as exéquias devido às regras de distanciamento.

Embora a pândega tenha ocorrido em diferentes momentos, em maio de 2020 o país vivia, talvez, seu pior momento na crise sanitária, com centenas de mortos por dia e um severo lockdown. Quase todo o comércio estava fechado e os encontros eram limitados a duas pessoas, em locais abertos e a dois metros de distância.

Com o escândalo ganhando proporções cada vez maiores, o premiê viu-se obrigado a dar explicações ao Parlamento. Desculpou-se por ter participado da festa de maio, mas alegou que imaginava tratar-se de um encontro de trabalho.

Não bastasse a justificativa inverossímil, soube-se depois que um auxiliar de Johnson pedira aos convidados que levassem bebidas ao evento —fazendo com que o primeiro-ministro passasse também a ser acusado de mentir a seus pares.

A situação do premiê é sem dúvida periclitante. Membros do próprio Partido Conservador já defendem sua saída do cargo e uma investigação interna foi aberta.

Mas mesmo que o resultado lhe seja favorável, Johnson dificilmente se livrará do enorme peso simbólico de ter violado a quarentena num momento sombrio da pandemia, transmitindo ao público a sensação, terrível para a credibilidade de um líder, de que alguns estão imunes às regras que deveriam valer para todos.

Pode não ser o fim da linha para ele, mas as esperanças de que sua acachapante vitória eleitoral em 2019 representaria o fim da crise de governabilidade nascida no referendo do brexit caíram por terra.

Jornalismo reverso

Thiago Amparo

Em 2015, Dylann Roof, aos 21 anos, entrou numa histórica igreja negra em Charleston, na Carolina do Sul (EUA), e matou a tiros nove pessoas. Roof afirmou: "Alguém tinha que fazê-lo porque, sabe, os negros estão matando os brancos toda hora na rua". Em manifesto, relata ter buscado na internet por "crime de negros contra brancos" (black-on-white crime) e, a partir daí, nunca seria o mesmo.

Endosso a carta-manifesto à direção deste jornal e ao Conselho Editorial, do qual faço parte, redigida por 186 jornalistas da **Folha**, nesta quarta (19), sobre o texto de Antonio Risério. Schwartsman não vê "nada de escandaloso" no texto; Pinheiro pensa que o texto só relata a violência contra não negros; para Lygia Maria o problema é Risério ser branco. Nenhum deles entendeu patavina sobre retórica supremacista.

Eis o argumento de Risério. Premissa 1: "Ninguém precisa ter poder para ser racista" (ignora que racismo é sistema de poder). Premissa 2: "o racismo negro é um fato" (ignora que negros tem 2,6 mais chances de serem assassinados e que em Salvador 100% dos mortos pela polícia são negros). Conclusão: "neorracismo identitário" é "norma" (ignora que exceções não configuram norma).

O maior problema do texto não é ser racista (ele é); é ser supremacista, no tom e no método, pois cria um inimigo imaginário de uma onda antibrancos. Qual a evidência de Risério? Episódios esparsos de crimes de negros contra brancos, judeus e asiáticos. Os mesmos casos mencionados por Trump em tuítes supremacistas e que alimentam blogs supremacistas (vide relatório da Southern Poverty Law Center de 2018).

Pergunto se o jornal publicaria anedotas de crimes por mulheres ou por LGBTs para desacreditar o crime de feminicídio ou o de LGBTfobia. O problema do texto de Risério não é ele ser polêmico (não se preocupem, temos estâmina o suficiente para aguentar); o problema é que esta **Folha** aceitou alçar a página inteira um texto que reproduz teorias supremacistas que, até ontem, apenas habitavam os porões da internet.

A peneira eleitoral vem aí

Bruno Boghossian

Nos próximos meses, a peneira eleitoral vai começar a determinar os verdadeiros candidatos da próxima corrida ao Palácio do Planalto. Pouca coisa deve mudar nesse período no cenário desenhado pelas pesquisas de intenção de voto, mas fusões, desistências e sabotagens tendem a reduzir o rol de concorrentes de 2022.

Dois times podem ficar pelo caminho. O primeiro conta com nomes que têm planos sólidos de campanha, mas se verão com poucas chances de sucesso ou serão abatidos por suas próprias legendas. A outra classe é daqueles que só entraram no jogo para ganhar projeção e acumular poder na negociação de alianças com outros candidatos.

Alguns presidenciáveis já sofrem pressão interna. No PSDB, uma ala que não é muito simpática a João Doria gostaria que o governador desistisse para apoiar Sergio Moro (Podemos) ou Simone Tebet (MDB). No PDT, parte dos deputados vê poucas chances para Ciro Gomes e pede que a sigla mantenha um caminho para uma aliança com Lula (PT).

O pragmatismo move esses grupos. Sem uma candidatura presidencial competitiva, os partidos podem fechar alianças com outros concorrentes e usar o dinheiro do fundo eleitoral para financiar campanhas parlamentares. Com isso, eles tentariam ampliar suas bancadas no Congresso e conquistar um ativo valioso para oferecer ao próximo governo, seja quem for o presidente.

Em outros casos, uma pré-campanha pode ser útil para as legendas que preferem manter uma suposta neutralidade na largada da corrida. É o que move parcelas do MDB e do PSD, siglas que reúnem políticos lulistas e bolsonaristas. Ainda que pareçam frágeis, as candidaturas de Simone Tebet e Rodrigo Pacheco mantêm os dois partidos no muro e evitam divisões internas.

Lula ainda tem chances de atrair políticos que sentem o cheiro do poder, enquanto a tal terceira via seria capaz de unir Moro e Doria num ato de sobrevivência. Até as convenções partidárias de agosto, todas essas peças ainda vão se reacomodar.

Maracugina para Queiroga

Ruy Castro

Marcelo Queiroga, ex-médico e atual porta-voz do presidente e ministro da Saúde Jair Bolsonaro, está muito irritadinho no cargo. A qualquer pergunta descontrola-se, faz má-criação ou abandona a entrevista. Em setembro de 2021, em Nova York, quando ajudou a carregar as malas de Bolsonaro na visita deste à ONU para um esquete humorístico, Queiroga estomagou-se com um protesto e mostrou o dedo para as câmeras. Era caso de Maracugina na veia.

Disse há tempos que espera "um bom julgamento da história". Tarde demais. Seu antecessor Eduardo Pazuello entregou-lhe o país com 11,5 milhões de casos de Covid e 280 mil mortos. Queiroga já elevou esses números para, até agora, 23 milhões de casos e 620 mil mortos. Números, aliás, são um problema para ele. Sempre que tem de citar algum, embarafusta-se com os zeros e erra por milhares ou milhões.

Outro dia, disse que o Brasil tinha 4.000 mortos por uso da vacina anti-Covid. Mas, segundo seu próprio ministério, só uma pessoa morreu disso, donde Queiroga errou por 4.000%. Quando ele anuncia que 20 milhões de testes ou 40 milhões de vacinas vão chegar no dia tal, é bom dividir os números pela metade e multiplicar os prazos por dois. Neste momento, atendendo à voz do dono, está sentado nas traseiras, tentando adiar a vacinação das crianças.

Queiroga quer ser governador ou senador por seu estado, a Paraíba. Num comício em João Pessoa, anunciou que Bolsonaro tinha "chamado outro paraibano para vencer uma pandemia". Referia-se ao presidente Epitácio Pessoa, que "governou o país na época da Gripe Espanhola". Errou. A Espanhola foi de setembro a novembro de 1918. O presidente era Wenceslau Braz. Na época, Epitácio estava na França, tomando champanhe e preparando-se para fazer figuração na Conferência de Paz, em Versalhes. "Eleito" (votos fraudados) em 13 de abril de 1919, só tomaria posse em 28 de julho.

Em "narrativa", Queiroga é doutor.

O passado se foi de vez

Maria Hermínia Tavares

Pesquisadora do Cebrap e professora aposentada da USP. Escreve às quintas

É possível derrotar Bolsonaro nas urnas e virar esta página infame da história brasileira. Mais: é provável que isso venha a acontecer em outubro que vem, embora o caminho até lá seja tudo menos tranquilo, mesmo para quem, como o desafiante Lula, desfruta de folgada dianteira nas pesquisas.

Afirmar que a derrota espreita o ex-capitão não significa ignorar que ele fará o que puder "dentro das quatro linhas constitucionais", se bastar, e além delas, se necessário, para tumultuar o processo eleitoral e desqualificar os resultados caso lhe sejam adversos a fim de continuar no Planalto a qualquer preço, tratorando as instituições democráticas.

Além disso, mesmo que o império das leis e a força dos fatos o obriguem a passar a faixa ao sucessor, continuará existindo espaço político para a extrema direita, sob sua liderança ou de outro político do gênero.

Tem razão o professor Oliver Stuenkel (FGV-SP) ao ressaltar, em artigo na edição eletrônica da revista Piauí de 11 de janeiro, que o fortalecimento político de Donald Trump, nesses 12 meses desde a malograda invasão do Capitólio, ensina que a derrota eleitoral não zera o jogo e que a aposta continuada na radicalização pode recompensar quem aspira a conduzir forças extremistas.

Na verdade, por circunstanciais que possam ter sido seus resultados, as eleições brasileiras de 2018 produziram uma liderança nacional para as falanges do ódio, da violência, da ignorância prepotente e do irremissível atraso existentes no país. Até então, tinham expressão política dispersa em organizações e indivíduos militando nas redes sociais, nos meios de comunicação, nas eleições legislativas, nutrindo assim as reservas do baixo clero, desde as câmaras municipais ao Congresso.

A prolongada crise política da década passada tirou o PT da Presidência, mas também destruiu a capacidade do PSDB de aglutinar, para fins da disputa presidencial —e só para ela—, os partidos perfilados do centro à extrema direita do espectro político.

Ativistas e eleitores sem compromisso com regras e valores democráticos, antes participantes indistinguíveis da grande fronda antipetista, adquiriram visibilidade e expressão nacional própria.

É difícil imaginar que uma possível derrota eleitoral de seu mais autêntico representante torne a colocar a escolha do titular do governo nos trilhos da competição relativamente civilizada entre candidatos dos dois lados do centro.

Com ou sem Jair Bolsonaro, o extremismo antidemocrático, embora minoritário, continuará a ser uma presença visível, atuante e ameaçadora no país.

O passado se foi de vez.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Uma tragédia bem brasileira

Gestações planejadas esbarram em oferta limitada de métodos contraceptivos

Carolina Sales Vieira

Médica e professora do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) e associada da Sociedade de Planejamento Familiar dos EUA

A falta de planejamento reprodutivo é uma tragédia nacional. No mundo, 40% das gestações não são planejadas. No Brasil, o índice é maior: 55%. Ou seja, de 100 bebês que nascem em nosso país, 55 não foram planejados por suas mães.

As gestações não planejadas são mais comuns em determinados grupos: adolescentes, mulheres solteiras, mulheres mais pobres, com menor escolaridade, portadoras de doenças crônicas e usuárias de álcool ou drogas. A pesquisa Nascer no Brasil traz um dado especialmente alarmante: 65,3% dos partos de adolescentes não são planejados.

São muitos os efeitos negativos. Para o bebê, é maior a possibilidade de prematuridade, baixo peso e morte no primeiro mês de vida. Para a mãe, aumenta o risco de sofrer violência física, de iniciar tardiamente o pré-natal, de desenvolver depressão pós-parto, de realizar abortos clandestinos e, caso a gravidez ocorra na adolescência, de abandonar a escola.

Entre as principais causas do alto índice de gestações não planejadas estão a falta de uso de métodos anticoncepcionais ou a utilização incorreta deles. São muitos os fatores que levam a isso: o medo de efeitos colaterais, a dificuldade de acesso a variados métodos anticoncepcionais e a falta de conhecimento adequado sobre esses métodos por parte dos profissionais de saúde.

Nenhum método anticoncepcional é infalível. Quanto mais um método depender da disciplina de uso, maior será a probabilidade de falhas. Os chamados contraceptivos reversíveis de longa ação (Larcs, na sigla em inglês) são métodos altamente eficazes, duram pelo menos três anos e não exigem que a mulher se lembre com frequência de usá-los. Isso vale para o implante hormonal subcutâneo, o dispositivo intrauterino (DIU) de cobre e o DIU hormonal.

A porcentagem de mulheres brasileiras que desejam evitar uma gravidez e usam algum tipo de anticoncepcional é de 80%, índice alto mesmo na comparação com países desenvolvidos. O que explica, então, nossas elevadas taxas de gestações não planejadas? Boa parte da explicação está no baixo acesso aos Larcs no país.

Os anticoncepcionais mais sujeitos ao uso inadequado são os de curta ação, como a pílula, cuja eficácia depende de lembrança frequente da mulher. O SUS fornece sete métodos de curta ação (pílula combinada, pílula de progestagênio, injeção mensal, injeção trimestral, preservativo feminino, preservativo masculino e diafragma), dois métodos cirúrgicos definitivos (laqueadura e vasectomia) e apenas um Larc (DIU de cobre).

[...]

Faltam políticas públicas de ampliação da oferta de Larcs [contraceptivos reversíveis de longa ação, na sigla em inglês], como o implante hormonal subcutâneo. Mulheres para as quais o DIU de cobre seja contraindicado ficam praticamente sem opção no SUS. Para elas, restam hoje a laqueadura tubária ou os métodos de curta ação

Os métodos anticoncepcionais mais utilizados no Brasil são a pílula e a laqueadura tubária. Entre as usuárias de métodos anticoncepcionais, só 2% usam um Larc, mesmo com a disponibilidade gratuita do DIU de cobre no SUS. Faltam políticas públicas de ampliação da oferta de Larcs, como o implante hormonal subcutâneo. Mulheres para as quais o DIU de cobre seja contraindicado ficam praticamente sem opção no SUS. Para elas, restam hoje a laqueadura tubária ou os métodos de curta ação.

Sabe-se que a redução das gestações não planejadas é uma tarefa complexa que exige investimentos de longo prazo. É importante que as ações sejam baseadas nos direitos da mulher, promovendo o acesso a serviços de planejamento reprodutivo e evitando práticas coercitivas, como insistir para a mulher usar determinado anticoncepcional que ela não deseja.

Muitas transformações são necessárias para enfrentar esse problema de forma adequada. Mencionemos só algumas delas: melhorar a qualidade da educação, preparando os adolescentes para definir objetivos de vida e ensinando-os sobre saúde reprodutiva; ofertar mais tipos de Larcs no SUS; combater a violência sexual e o casamento infantil; capacitar os profissionais de saúde nessa área específica; usar celulares e redes sociais como canais de informação; melhorar o acesso e o acolhimento nos serviços de saúde reprodutiva, principalmente para adolescentes e mulheres vulneráveis.

São transformações profundas que podem fazer deste país uma nação melhor. Quem discorda?

Visibilidade trans

Novo protocolo do CNJ facilita compreensão de agentes da Justiça sobre tema

Clara Serva e Maria Paula Bonifácio

Respectivamente, sócia responsável e advogada da área de Empresas e Direitos Humanos do TozziniFreire Advogados

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou recentemente o Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero, uma iniciativa no enfrentamento da violência de gênero que, com frequência, é compreendida como violência contra a mulher.

O momento é muito apropriado: 2021 foi marcado por luzes e sombras. O ano em que se celebrou 15 anos da Lei Maria da Penha teve também um sensível aumento dos feminicídios e de violência doméstica. Segundo o Datafolha, 1 em cada 4 mulheres com mais de 16 anos sofreu violência na pandemia, e 48% a vivenciaram dentro de casa. Também no ano passado, o Brasil foi responsabilizado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos por discriminação no acesso à Justiça ao se omitir de investigar e julgar a partir da perspectiva de gênero no caso de Márcia Barbosa de Souza.

Entre muitos acertos, o novo protocolo ressalta a pluralidade de mulheres: pretas, com deficiência, quilombolas, indígenas, idosas e LGBTQIA+. Em que pese a gravidade do tema (17 milhões de casos em 2020, segundo estudo publicado em 2021 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública), os perigos e discriminações são diferentes para cada mulher. Pretas e pardas, por exemplo, são a maioria das vítimas de violência (54%).

Mas o protocolo joga luz em outra transversalidade pouco discutida e com a mais grave vulnerabilidade: as pessoas transgênero. Reconhece a identidade e a expressão de gênero como intrínsecas à pauta de gênero e legitima o acesso à Justiça de pessoas trans, esclarecendo que "é possível nascer do sexo masculino, mas se identificar com características tradicionalmente associadas ao que culturalmente se atribuiu ao sexo feminino e vice-versa, ou então, não se identificar com gênero algum".

Relembra que o Supremo Tribunal Federal reconheceu que as pessoas trans podem mudar nomes e gênero no registro civil sem necessidade de decisão judicial ou de cirurgia de redesignação. Aponta que, em fevereiro de 2021, a CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos) recomendou que o Brasil investigue, processe e sancione, com uma perspectiva de gênero e com prioridade, as violações aos direitos humanos de mulheres e meninas, especialmente de mulheres trans.

[...]

[O documento] aponta que, em fevereiro de 2021, a CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos) recomendou que o Brasil investigue, processe e sancione, com uma perspectiva de gênero e com prioridade, as violações aos direitos humanos de mulheres e meninas, especialmente de mulheres trans

O documento ainda aborda as peculiaridades das discriminações sofridas por diferentes mulheres em ambiente de trabalho, tema que já está na pauta das cortes. A 7ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região (RJ) condenou, em 2021, uma empresa ao pagamento de danos morais por entender que houve dispensa discriminatória em razão de identidade de gênero, ressaltando que é papel das empresas contribuir com uma sociedade mais justa e inclusiva.

Apesar dos avanços, o Brasil segue como um dos piores países para pessoas trans, com altos índices de violência, baixa expectativa de vida (35 anos), falta de acesso a direitos e oportunidades. No mês da visibilidade trans, deve-se destacar iniciativas como a do CNJ: o protocolo facilita a compreensão de agentes da Justiça sobre o tema, dando passo importante para a conscientização do Judiciário e buscando pouco a pouco afastar as mazelas sociais que tanto invisibilizam as pessoas trans.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Lula e Alckmin em jantar em novembro de 2021 Ricardo Stuckert/Divulgação

Lula e Alckmin

Tenho mais de 35 anos militância e afirmo: estão dando tiro no pé.
Antonio José Santana (Camaçari, BA)

★

A lógica do eleitor em 2022: a frente de centro-esquerda liderada por Lula e Geraldo é um saco de gatos de todas as cores, mas do outro lado existe um tosco, sem nenhum escrúpulo, que quer vencer a qualquer preço. Lula entregou o maior PIB do Brasil e Geraldo entregou o melhor governo de São Paulo. O resto é futrica de quem não pensa nos interesses do país.
Gil Almeida (São Carlos, SP)

★

Trensalão, mensalão, petrolão... Pixulecos são apenas gorjetas, ou para amadores. As gangues petralhas e tucanas agem em grande estilo, são atacadistas no crime. Para não haver disputa nas "bocas de fumo", uniram suas forças e quadrilhas. São profissionais, corruptos com doutorado
Marcos Serra (Porto Alegre, RS)

★

A única forma de a Folha listar os inúmeros esquemas de corrupção dos tucanos, que nunca deram em nada, é tentando atacar o PT? Nessa hora até melindrar aliados é válido. Se o chuchu integrar a chapa, aposto que finalmente serão abertas as CPIs de 19 anos atrás.
José Roberto Pereira (Curitiba, PR)

★

Confio tanto na inteligência e na competência política de Lula que apoio qualquer decisão sua em relação ao vice, mesmo sendo Alckmin, com aquele passado, bem lembrado por Boulos, como governador. Acho que Alckmin, depois de ter sofrido a traição sem vergonha de Doria e de ter atuado como professor, deve ter repensado sua vida e se tornado mais sensível. Só o fato de querer ser vice de Lula já evidencia mudança positiva em sua visão de mundo.
Beatriz Telles (São Paulo, SP)

Genocídios

"Livros didáticos de história omitem genocídios comunistas" (Leandro Narloch, 19/1). Senhor articulista, que tal falar sobre o genocídio armênio na sua próxima coluna? Ou a Turquia era também comunista à época do ocorrido?
Enio Schneider (Arapoti, PR)

★

Leandro Narloch é fantástico, sensacional, gênio, contundente. Fala no jornal porta-voz da esquerda aquilo que ela finge não ter existido, as desgraças provocadas no século 20 por ditadores comunistas. Parabéns.
Hideraldo Rocha (São Luís, MA)

★

Não conheço o autor do artigo. Mas conheço bem, por estudo sério e experiência de vida, os crimes dos comunistas. Sou sou cubano-brasileiro e tenho 78 anos.
Pedro Castello (Fortaleza, CE)

★

Parabéns ao autor pelo artigo. A história não deve ser tratada com narrativas, censuras ou omissões. Realmente não entendo como ainda hoje são defendidas ditaduras, sejam de esquerda, sejam de direita.
Marco A. Moreira (São Paulo, SP)

★

Esse jornalista, pseudointelectual da direita, se mete a tratar de assuntos dos quais nada entende, utilizando sempre exemplos pinçados para fazer generalizações, com sua visão preconceituosa e parcial sobre o mundo. Pergunto: como os livros didáticos tratam da ditadura militar no Brasil?
Maria Beatriz Telles Marques da Silva (São Paulo, SP)

★

Puxa! Realmente o tema comunismo é de extrema importância nos tempos atuais... Especialmente para tipos reacionários, plantados no passado e nas fakes, como Narloch. Enquanto o capitalismo sem balizas consome a natureza, a capacidade racional e as relações humanas, Narloch nega a realidade! Age por ignorância ou má-fé?
Andréia Chaieb (São Paulo, SP)

Racismo

Excelentes as colunas de Hélio Schwartsman e Lygia Maria na **Folha** desta quarta-feira (Opinião, 19/1). Didáticos quanto ao racismo, racismo estrutural e debates sobre o tema. Vale lê-las!
José Antonio Garbino (Bauru, SP)

★

Recortei e guardei o artigo escrito por Lygia Maria, "A chave biológica". Merece ser lido de tempos em tempos.
Jussara Helena Beltraschi (São Paulo, SP)

★

Parabéns à **Folha** por permitir a charge de 19/1/22!
Marcelo Uchoa (São Paulo, SP)

★

É importante lembrar, aos que propagam a existência do racismo reverso, que há apenas 134 anos, no Brasil, o negro era tratado como uma propriedade, assim como bois, cavalos etc. Não tripudiem com a dor dos nossos ancestrais.
Jorge César Bruno (Rio de Janeiro, RJ)

Convicta

O bolsonarista convicto tem que ser estudado: Carla Zambelli foi aos EUA (com dinheiro público) fazer campanha contra o aborto enquanto aqui ela luta para suspender a vacinação infantil.
Paulo Bittar (São Paulo, SP)

Liberdade de expressão

Torna-se praxe a defesa irracional da liberdade de expressão, como se de direito absoluto se tratasse. Hélio Beltrão ("Democracia em perigo", Poder) se esforça em tal sentido, talvez sem perceber que o próprio Niall Fergusson concorda em limitar a expressão de ideias que contenham ameaças. E basta ver os discursos que culminaram nas prisões dos propagadores do ódio para verificar ameaças, incitações à violência e ofensas diretas a honras alheias, cabendo ao Estado coibi-las. Na ordem social estabelecida, não há direitos absolutos (nem o direito à vida). A liberdade de expressão merece ser respeitada e ter limites. Palavras podem muito bem ser violência!
Érico Reis Duarte (São Paulo, SP)

Colunistas

Lamento a saída de Catarina Rochamonte e Guilherme Boulos. Usualmente, discordo de ambos. E é para isso que leio o jornal. Para saber o que pensa quem discorda de mim.
Liz Augusto (Santos, SP)

poder

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Chuchu ao Povo Brasileiro

Lideranças do PT exaltaram nesta quarta (19) a repercussão no mercado do aceno de Lula à chapa com Geraldo Alckmin, o mais forte até aqui. Segundo versão difundida pelo partido, a fala do ex-presidente ajudou a reduzir os juros futuros, sobretudo os de janeiro de 2023, termômetro para o risco político. Na avaliação de lulistas, a presença do ex-tucano na chapa, mesmo ainda não anunciada, já está tendo o efeito desejado: servir como uma nova Carta ao Povo Brasileiro, sinalizando responsabilidade.

LATERAL Analistas de mercado, no entanto, atribuíram papel secundário à entrevista de Lula na curva de juros futuros, procurando atribuir o fenômeno a fatores como perspectiva de controle da pandemia e alta de commodities.

ANTÍDOTO Ainda na avaliação otimista do PT, Alckmin ao lado de Lula compensaria com sobras os temores gerados com a promessa de reversão de medidas como reforma trabalhista e teto de gastos.

QUEM... Também na entrevista, Lula criticou o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello e disse que ele, com a ignorância e a grosseria que tem, "jamais poderia ser general".

...FOI A promoção do militar ao posto ocorreu em 2014, no governo Dilma Rousseff (PT).

CALMA, GENTE Uma das principais lideranças do Podemos, o senador Alvaro Dias (PR) diz não ver com bons olhos a discussão sobre mudança do ex-ministro Sergio Moro para o União Brasil para disputar a Presidência. "Ele está há 2 meses e 9 dias no partido, e já começa a se cogitar mudança, é algo impróprio", afirma Dias.

JALECO Moro incluiu visitas a hospitais no roteiro que iniciará pelo interior de SP no fim do mês. Um deles é o Hospital de Base de São José do Rio Preto. A ideia é que ele converse com médicos e pacientes, marcando diferenças com relação a Jair Bolsonaro (PL), que sempre minimizou a pandemia.

SONDAGEM A investida do PSD para atrair tucanos de SP tem gerado queixas de aliados de Rodrigo Garcia (PSDB). O partido de Gilberto Kassab teve conversas com Paulo Serra, Duarte Nogueira e Paulo Alexandre Barbosa. Felício Ramuth, prefeito de São José dos Campos, já trocou o PSDB pela legenda.

AFAGO Em entrevista nesta terça (18), o governador João Doria (PSDB) elogiou Barbosa e Nogueira, prefeito de Ribeirão Preto, que inclusive foi convidado a falar no evento.

CAUTELA Técnicos do Ministério da Economia expressaram internamente temor de que fossem alvo de punição caso dessem aval para a inclusão do Rio no Plano de Recuperação Fiscal (PRF) do governo federal. A autorização poderia resultar em prejuízo de R$ 144,5 bilhões ao Tesouro.

VIGILANTE A informação que chegou a eles foi de que o Tribunal de Contas da União (TCU) está de olho no processo de adesão do Rio ao programa de socorro federal e que há possibilidade de punição em caso de aprovação de um plano que cause tamanho desfalque nas contas da União.

VOO SOLO A discussão a respeito do descongelamento do ICMS sobre combustíveis no final de janeiro se encaminha para que cada estado adote a medida que achar adequada.

CADA UM POR SI Após votação na semana passada em que a maioria dos secretários da Fazenda decidiu pelo descongelamento, alguns mudaram de posição e hoje o placar é de 13 a 13. A falta de consenso deve fazer com que os estados sejam liberados a decidir individualmente, em reunião nesta quinta-feira (20).

MAPA Em Minas Gerais, por exemplo, Romeu Zema (Novo), aliado de Jair Bolsonaro (PL), defende a continuidade do congelamento. No Piauí, Wellington Dias (PT) tem se colocado a favor do fim dele.

LIMPA O Ministério da Justiça publicou a demissão do delegado da Polícia Federal Fernando Caieron. Ele foi alvo em 2019 da Operação Chabu por suspeita de venda de informações sigilosas para empresários e políticos.

NEGÓCIOS No pedido que embasou a operação, a PF afirma que enquanto atuava no órgão o delegado desenvolvia "ações comerciais paralelas". A investigação flagrou, por exemplo, conversas de Caieron intermediando os interesses de um instituto com a Prefeitura de Florianópolis.

TIROTEIO

“ Lula tentar se apropriar da social-democracia é o fim da picada e o oportunismo de sempre

De Marco Vinholi, secretário no governo de SP, sobre Lula dizer que o PSDB de Doria não é o social-democrata de Covas, FHC e Serra

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

Frederick Wassef, advogado de Bolsonaro, no aeroporto de Brasília Pedro Ladeira - 10.jun.20/Folhapress

Advogado de Bolsonaro libera na Justiça madeira apreendida no caso Salles

Frederick Wassef cuida dos interesses da MDP Transportes; liberação foi dada por Ney Bello, desembargador do TRF-1 e cotado para o STJ

Marcelo Rocha

BRASÍLIA Frederick Wassef, advogado do presidente Jair Bolsonaro (PL), conseguiu na Justiça liberar madeira apreendida de um dos alvos da operação considerada pela Polícia Federal como a maior já realizada na área ambiental.

A pedido de Wassef, o desembargador Ney Bello, do TRF-1 (Tribunal Federal Regional da 1ª Região), concedeu decisão liminar (provisória) em dezembro para restituir material recolhido a uma das empresas investigadas.

A Operação Handroanthus GLO ocorreu em dezembro de 2020. A apreensão gerou reclamações por parte de empresários, que acionaram o governo Bolsonaro.

Então titular do Ministério do Meio Ambiente, Ricardo Salles se envolveu no caso sob justificativa de tentar mediar o conflito, mas sua participação virou alvo de uma notícia-crime feita pela PF ao Supremo por suposta tentativa de atrapalhar as apurações em andamento. Essa e outra investigação acabaram causando sua saída do ministério.

Salvo a existência de restrições de ordem administrativa ou comercial, os produtos alcançados pela ordem judicial podem ser comercializados pela empresa.

Procurado pela **Folha**, Wassef disse que não se manifestaria sobre o assunto em razão do sigilo das investigações.

Especialistas em ética pública consultados pela reportagem, que não quiseram se identificar por serem advogados, consideram difícil o enquadramento do caso como conflito de interesses. No entanto, disseram reprovar a atuação do colega sob o moral.

A empresa agora representada por Wassef é a MDP Transportes. Ela não foi a primeira a se beneficiar de decisões do TRF-1 no âmbito dessa apuração. Em outubro, o mesmo desembargador já havia determinado a devolução de madeiras apreendidas para outras seis empresas. Wassef não está vinculado a elas.

Ney Bello é um dos cotados para assumir uma vaga no STJ (Superior Tribunal de Justiça). A indicação será feita por Bolsonaro a partir de uma lista tríplice enviada pela corte ao Palácio do Planalto. A lista dos indicados será definida em fevereiro.

Deflagrada no final de 2020 contra a exploração ilegal de madeira, a Handroanthus resultou na apreensão de mais de 131 mil m³ em toras na divisa do Pará e do Amazonas, o equivalente a cerca de 6.240 caminhões lotados de carga.

O caso abriu uma crise política que culminou com a queda de Ricardo Salles do Ministério do Meio Ambiente. A ministra Cármen Lúcia, do STF, autorizou a abertura de investigação sobre suposta tentativa do ministro de embaraçar investigações. Em paralelo, ele e integrantes do Ibama foram alvos de buscas por autorização do ministro Alexandre de Moraes em uma outra investigação. Salles pediu demissão em junho.

Em relação à MDP Transportes, a PF afirmou nos autos que levantou indícios de exploração florestal realizada numa propriedade vinculada à empresa incompatível com o volume de guias florestais emitidas pelas autoridades ambientais. E também suspeitas de irregularidades no processo de autorização da atividade extrativa.

A empresa, por sua vez, alegou que, por ocasião da apreensão de seus bens, "inexistia autorização judicial" ou "situação flagrancial" a respaldar a ação dos investigadores, acusados de recolher produtos "injustificadamente" e a "esmo".

Sustentou a ausência de indícios da prática criminosa, em especial que a polícia não conseguiu demonstrar no inquérito serem as madeiras apreendidas originárias de local distinto de área de manejo devidamente autorizada pelas autoridades ambientais.

Por fim, afirmou que a restrição sobre os bens perdurava há um ano sem "qualquer decisão judicial chancelando a apreensão realizada pela PF/AM [Superintendência da PF no Amazonas]" e que isso lhe causava prejuízos.

Em sua decisão, Ney Bello deferiu o pedido liminar "para determinar a imediata restituição das madeiras/toras que estejam devidamente etiquetadas e legalizadas, oriundas de atividade legalmente exercida". Segundo o magistrado, documentos apresentados pela MDP demonstraram que a origem florestal de toras apreendidas "está devidamente comprovada".

Afirmou também que a apreensão de bens "não pode ser genérica", cabendo à polícia vincular cada item apreendido aos delitos perpetrados, "de modo a demonstrar a clandestinidade da extração e que o bem especificado seja produto do crime". De acordo com ele, não havia nos autos informação de que a polícia tenha feito essa identificação.

> “ É preciso separar as situações fáticas que acarretam repercussão criminal, posto que claramente há, entre o material apreendido, madeiras efetivamente legalizadas e objeto de planos de manejo autorizados e devida certificação ambiental. Não é razoável que madeira legalizada e devidamente classificada seja confundida com madeira oriunda de derrubada clandestina
>
> **Ney Bello**
> juiz do TRF-1 em decisão que liberou madeira para empresa investigada

"É preciso separar as situações fáticas que acarretam repercussão criminal, posto que claramente há, entre o material apreendido, madeiras efetivamente legalizadas e objeto de planos de manejo autorizados e devida certificação ambiental. Não é razoável que madeira legalizada e devidamente classificada seja confundida com madeira oriunda de derrubada clandestina."

O desembargador determinou que a polícia fizesse essa diferenciação e que devolvesse exclusivamente as toras de madeira legalizada, segundo o documento.

Foram também liberados pelo integrante do TRF-1 caminhões, balsas, documentos e outros bens móveis de propriedade da MDP e apreendidos durante a ação da PF.

Bello frisou que a devolução parcial de madeiras apreendidas não acarretará frustração das investigações e do andamento do inquérito.

Antes de recorrer ao tribunal, a empresa acionou a primeira instância da Justiça Federal no Amazonas para tentar reaver os bens apreendidos na operação policial.

Em setembro, após ouvir o MPF (Ministério Público Federal), a juíza Mara Elisa Andrade, da 7ª Vara Federal Ambiental e Agrária no Amazonas, negou o pedido.

Entendeu, segundo posição defendida pela Procuradoria, que a restrição deveria ser mantida em razão das investigações em curso, "estando vedada a livre disposição ou transferência a terceiros".

A juíza nomeou a MDP como fiel depositária dos bens para que ela pudesse transferi-los dos locais onde foram apreendidos para suas dependências a fim de assegurar a sua conservação.

As dezenas de milhares de toras apreendidas pela PF em poder das empresas sob investigação estavam dispersas por diversas localidades.

"Ao final das investigações ou da ação penal, o julgador poderá dar ao bem apreendido a destinação que se adequar ao caso, porque a nomeação do impetrante como fiel depositário não tem o condão de interferir no destino final do bem em questão", afirmou.

A empresa recorreu, então, ao TRF-1 e conseguiu a decisão favorável. A **Folha** entrou em contato com Ney Bello, mas ele afirmou que não comenta decisões judiciais.

Governo defende ao STF manter fundo eleitoral de até R$ 5,7 bi

Órgão que faz a defesa judicial do Executivo enviou manifestação à corte contra ação do partido Novo

Matheus Teixeira

BRASÍLIA A AGU (Advocacia-Geral da União) defendeu ao STF (Supremo Tribunal Federal) a rejeição da ação em que o partido Novo pede a derrubada do trecho da LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) que permite que o fundo eleitoral chegue a R$ 5,7 bilhões em 2022.

Em manifestação enviada à corte nesta quarta (19), o órgão que faz a defesa judicial do governo afirmou que seria correto o Supremo manter a decisão do Congresso de destinar o montante ao pleito deste ano.

"Não se apresenta razoável partir da premissa de que a destinação de recursos para campanhas eleitorais, definida por critérios legais, estaria a depender de um sarrafo quantitativo para sabermos se atende ou não ao princípio constitucional da moralidade", diz a peça.

A AGU, porém, não entra no mérito sobre o valor do fundo, se deve ser de R$ 5,7 bilhões ou de R$ 4,9 bilhões.

Inicialmente, o Congresso havia aprovado a LDO com o primeiro valor. Depois, o presidente Jair Bolsonaro vetou esse trecho da lei e o Congresso, então, derrubou o veto. Nesta última votação, porém, os parlamentares decidiram reduzir o montante em cerca de R$ 800 milhões.

O governo ainda avalia elevar o fundão ao patamar inicialmente aprovado porque uma parte da equipe do presidente entende que o governo precisa ampliar o valor por ele ter sido previsto em regra da LDO. Do contrário, a interpretação é que Bolsonaro correria risco de descumprir a lei.

A ação está sob a relatoria do ministro André Mendonça, indicado por Bolsonaro.

Na semana passada, na primeira decisão como ministro da corte, o magistrado determinou que o Congresso e o Executivo prestassem informações sobre o fundo eleitoral.

O governo, então, defendeu a rejeição do processo movido pelo partido Novo e disse que não vê desvio de finalidade nem violação ao princípio da moralidade.

Ameaça não é igual a risco, questão é se intentos de Jair Bolsonaro contra a democracia são críveis

OPINIÃO
RÉPLICA

Carlos Pereira
É professor titular da FGV-Ebape, no Rio de Janeiro

Celso Rocha de Barros, um dos intelectuais de esquerda mais tolerantes e fraternos que conheço, me deu o prazer em sua coluna do dia 17 de janeiro de estabelecer um diálogo crítico com meu livro, Making Brazil Work, coautorado com Marcus Melo, e com a coluna que publiquei no Estadão no dia 10 de janeiro.

Celso argumenta que nosso livro foi importante para explicar o Brasil de 20 anos atrás, mas não seria mais útil para interpretar o que ele denomina de "crise política dos últimos anos".

No livro, afirmamos que existem três condições necessárias para que o presidencialismo multipartidário alcance funcionalidade: 1) o presidente precisa ser constitucionalmente forte e capaz de dominar a agenda legislativa; 2) a existência de moedas de troca institucionalizadas sob a discricionariedade do Executivo; e 3) instituições de controle robustas e independentes.

Se tais premissas institucionais não foram modificadas, não se pode concluir que a explicação que oferecemos para o funcionamento do presidencialismo multipartidário perdeu a validade.

Celso confunde ameaça com risco. Por exemplo, se a Marinha brasileira zarpar do Atlântico Sul para atacar os EUA, a grande potência do norte estaria sendo mais ameaçada do que se os navios estivessem ancorados na baía de Guanabara. Mas ninguém consideraria os EUA sob risco real, pois a ameaça brasileira não seria crível.

Ou seja, a questão a saber é se as ameaças de Bolsonaro à democracia são críveis. A credibilidade de uma ameaça é diretamente proporcional aos custos de cumpri-la. Bolsonaro não dispõe dos recursos políticos, sociais e nem institucionais para arcar com tais custos.

Celso sugere que para mim a democracia só estaria em risco se houvesse golpe. Entretanto, golpe é consequência de enfraquecimento institucional, o que não tem ocorrido no Brasil, mesmo diante das ameaças de Bolsonaro.

Não estou argumentando que o Brasil estaria imunizado para sempre contra liberalismos de direita ou de esquerda. Mas quanto mais o jogo democrático é jogado, menores as probabilidades de quebra democrática diante do amadurecimento e da densidade institucional já adquiridos pelo país.

Celso argumenta que "para quem morreu sem vacina, nossa democracia falhou". Na realidade, há uma confusão entre incompetência governamental e mal funcionamento da democracia. Em última instância, mistura governo ruim com autoritarismo. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Governos autoritários podem ser eficientes e democracias podem ser ineficientes, e vice-versa.

> [...]
> A credibilidade de uma ameaça é diretamente proporcional aos custos de cumpri-la. Bolsonaro não dispõe dos recursos políticos, sociais e nem institucionais para arcar com tais custos

Outro aspecto importante é não interpretar impeachment como uma questão de merecimento, como faz Celso. Bolsonaro não foi "degolado" porque foi domesticado, mesmo que tardiamente, ao jogar com as armas do presidencialismo de coalizão. Montou uma coalizão minoritária, mas suficiente para obstaculizar tentativas de abreviamento do seu mandato. Além do mais, posicionou aliados estratégicos na presidência das casas legislativas. Entretanto, tem pago caro por essa proteção.

Por fim, o argumento de que "tudo se justificaria para evitar o grande desastre", até mesmo votar em líderes pouco retilíneos, foi uma provocação que fiz para os eleitores pragmáticos, que votaram em Bolsonaro em 2018 para evitar o PT, mas que se frustraram profundamente com o péssimo governo do capitão.

Agora, paradoxalmente, consideram votar em Lula com o "nariz tampado" com o argumento da necessidade de derrotar Bolsonaro. Esses eleitores não precisam ter o desprazer de votar em Lula no primeiro turno. Se querem, de fato, aniquilar o bolsonarismo, a melhor opção não seria Lula ganhar no primeiro turno, mas sim Bolsonaro não ir para segundo turno. Bolsonarismo e o lulismo são gêmeos fraternos.

Lula defende união com Alckmin e diz que PSDB de Doria não é o de FHC

Petista afirma esperar que ex-tucano esteja junto de sua campanha presidencial, sendo vice ou não

Victoria Azevedo

SÃO PAULO O ex-presidente Lula (PT) defendeu nesta quarta-feira (19) a união com o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (sem partido) em torno de sua candidatura —sendo vice em sua chapa, ou não.

O petista afirmou ainda que o PSDB de João Doria não é o mesmo que abrigou figuras importantes da sigla, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o senador José Serra e o ex-governador Mario Covas.

"Da minha parte não existe nenhum problema de fazer aliança com Alckmin e ter ele de vice. Nós vamos construir um programa de interesse para a sociedade brasileira. Não abro mão de que a prioridade é o povo brasileiro. Espero que o Alckmin esteja junto, sendo vice ou não sendo vice, porque me parece que ele se definiu em fazer uma oposição não apenas ao Bolsonaro, mas ao 'dorismo' aqui em São Paulo", afirmou Lula em encontro com jornalistas.

"É importante lembrar que o PSDB do Doria não é o PSDB social-democrata do Mario Covas, do Fernando Henrique Cardoso e do José Serra criado no período da Constituinte, no tempo do Franco Montoro", seguiu o petista.

O ex-presidente insistiu que, apesar de divergências com Alckmin, elas não impedem uma possível aliança. "Temos divergências? Temos. Por isso pertencemos a partidos diferentes. Temos visões de mundo diferentes? Temos. Mas isso não impede, se for necessário, construir a possibilidade de colocar as divergências em um lado e as convergências em outro. Não terei nenhum problema em fazer chapa com Alckmin para ganhar as eleições", continuou.

Participaram do encontro, que teve transmissão pelas redes sociais, jornalistas dos sites Brasil 247, Revista Fórum, DCM, Jornal GGN, Blog da Cidadania, Tutaméia, Jornalistas Livres e Rede Brasil Atual.

Como a **Folha** mostrou nesta semana, aliados do ex-presidente Lula e do ex-governador Geraldo Alckmin avaliam que a construção da chapa conjunta está pavimentada e que a união demonstrou resistir a desafios de ordem programática e partidária.

Ex-presidente Lula durante entrevista coletiva em Brasília Ueslei Marcelino - 8.out.21/Reuters

A leitura de quem acompanha as conversas entre Lula e Alckmin é a de que ambos querem fazer a chapa acontecer e, para isso, estão dispostos a superar diferenças —a união pode ser anunciada em fevereiro.

"Vocês perceberam que só eu e o Alckmin não estamos falando sobre o assunto. Todo santo dia alguém fala sobre isso, mas você não vê uma fala minha ou dele sobre isso. Por uma razão simples: o Alckmin saiu do PSDB e não definiu para qual partido vai. E eu não defini minha candidatura. Então não pode ter candidato nem vice", afirmou Lula, que lidera a corrida eleitoral.

"Precisamos construir uma força política capaz de dar sustentação às mudanças que precisamos fazer. Tenho certeza que qualquer pessoa que vier a ser vice vai contribuir para que a gente faça isso. Não vou escolher um vice para ele ser contra."

O petista disse ainda que tem "conversado muito" com o PSD, de Gilberto Kassab. "É bem possível que a gente possa construir alguma coisa junto. Também com o Paulinho [da Força], do Solidariedade", continuou o petista.

Lula também citou questões que têm sido colocadas como entraves na viabilização de uma possível federação com o PSB e afirmou que o PT mantém íntegra sua afinidade com o partido. Disse ainda que possíveis candidaturas ao governo do estado de Humberto Costa, em Pernambuco, e Fabiano Contarato, no Espírito Santo, dependem do andamento das conversas com a sigla.

"Se o PSB definir a candidatura, o Humberto Costa está fora. Nós não temos candidaturas no Espírito Santo. Quando Contarato quis entrar no PT para ser candidato, foi dito a ele que estávamos fazendo conversas com o PSB. Se ele vai ser ou não candidato, vai depender da relação com o PSB. Se a gente estiver reunido direitinho com o PSB, ele não será candidato", reiterou.

Ele também defendeu a candidatura do deputado Marcelo Freixo (PSB) ao governo do Rio de Janeiro e celebrou o cenário em São Paulo, com Fernando Haddad. "O PSB diz que tem o Márcio França. Em algum momento se faz uma avaliação para ver quem tem mais chances. Se for o Márcio França, vamos discutir com ele. Mas eu acho, com toda modéstia, que o PT nunca esteve tão próximo de ganhar o governo do estado, como está agora."

Já no Rio Grande do Sul, Lula disse que é possível fazer uma pesquisa com os candidatos do PT e do PSB para identificar qual deles tem mais possibilidade de vencer as eleições e indicar para concorrer ao cargo. "O PT não está fechado com as suas candidaturas. O PT tem interesse que o PSB tenha direitos. Precisa apenas a gente afinar a viola."

Também na conversa com os jornalistas, o ex-presidente afirmou que a desigualdade social deve ser colocada como prioridade do governo federal, e não o teto de gastos. O petista disse ainda que é preciso colocar em segundo plano o "compromisso fiscalista" do governo de Jair Bolsonaro (PL).

Ele também afirmou que para solucionar problemas no país é preciso, em primeiro lugar, "colocar o pobre no Orçamento e, em segundo lugar, colocar o rico no Imposto de Renda".

Lula disse ainda que a decisão de concorrer à Presidência só tem sentido se "tiver um compromisso de fé". "Não posso querer ser presidente para resolver o problema do sistema financeiro, o problema dos empresários, o problema daqueles que ficaram mais ricos na pandemia. Só tem uma razão de eu ser candidato a presidente da República: é para tentar provar que esse povo pode voltar a ser feliz", disse.

O ex-presidente também voltou a declarar que os resultados das eleições deverão ser respeitados por todos, em recado ao presidente Jair Bolsonaro (PL). "Não quero ser um candidato do PT, o PT é o meu partido, mas quero ser de um movimento que esteja disposto a resgatar a dignidade do nosso povo e o direito de ele ser feliz. Esse movimento que vai restabelecer a democracia e que vai dar um golpe de urna no Bolsonaro. Essa história de que não vai aceitar, vai ter Capitólio... Ele pode até sair pelas portas dos fundos, mas quem ganhar vai tomar posse e vai presidir esse país", disse Lula.

Ele também atacou o ex-ministro Sergio Moro (Podemos). "Em vida, consegui desmontar o canalha que foi o Moro no julgamento dos meus processos, o [Deltan] Dallagnol, as fake news. Consegui provar que a quadrilha eram eles", disse.

> Temos [Lula e Alckmin] divergências? Temos. Por isso pertencemos a partidos diferentes. Temos visões de mundo diferentes? Temos. Mas isso não impede, se for necessário, construir a possibilidade de colocar as divergências em um lado e as convergências em outro
>
> Se o PSB definir a candidatura [em Pernambuco], o Humberto Costa está fora. Nós não temos candidaturas no Espírito Santo. Quando Contarato quis entrar no PT para ser candidato, foi dito a ele que estávamos fazendo conversas com o PSB. Se ele vai ser ou não candidato, vai depender da relação com o PSB. Se a gente estiver reunido direitinho com o PSB, ele não será candidato
>
> **Lula (PT)**
> ex-presidente da República

Conrado Hübner Mendes
O colunista está em férias.

Folha é acusada de veicular textos racistas em troca de audiência

> [...]
> Abaixo-assinados a favor e contra (este de parte de jornalistas da Folha) Antonio Risério foram divulgados nesta quarta (19); jornal fará seminário interno sobre pluralismo e questão racial

Suzana Singer

SÃO PAULO A um mês de completar as comemorações pelo seu centenário, a **Folha** lida com a acusação de abrigar textos racistas com o objetivo de alavancar a audiência.

A crítica vem de fora e de dentro. O estopim foi o artigo "Racismo de Negros contra Brancos Ganha Força com Identitarismo", do antropólogo baiano Antonio Risério, publicado no sábado (15) na Ilustríssima. Nele, o autor afirma que "o racismo negro é um fato" e discorda da definição de que só há racismo quando existe opressão.

Risério cita casos de ataques a brancos por parte de negros e afirma que "militantes pretos, como pastores evangélicos, querem o poder".

A **Folha** já publicou desde então cerca de dez artigos que refutam a tese de Risério e que o acusam de tentar deslegitimar os avanços obtidos pelo movimento negro.

Vários leitores se manifestaram também. "A Folha tem prazer em ficar do lado errado da história", escreveu Matheus Henrique, do Rio Grande do Norte.

Em apoio a Risério, foi divulgada uma carta de intelectuais e artistas, com 186 signatários, entre eles aparecem os nomes dos antropólogos Luiz Mott e Roberto da Matta e da cineasta Ana Maria Magalhães. Em um dos trechos, afirmam que o autor "é no momento uma das vozes mais importantes do país, sobretudo por fazer oposição a uma ideologia intolerante e autoritária. Manifestamo-nos com um apelo para que sua livre expressão seja respeitada".

Polêmica semelhante já havia acontecido em outubro passado, envolvendo o colunista Leandro Narloch, que citou um livro escrito por Risério. Agora, porém, um grupo de jornalistas da **Folha** encaminhou à Direção uma carta alertando para o risco de publicar de forma "recorrente conteúdos racistas".

Como os próprios autores reconhecem na carta, é incomum que jornalistas se manifestem sobre decisões editoriais da chefia. Os 208 remetentes (191 identificados, 17 anônimos) afirmam que "buscar audiência às expensas da população negra é incompatível com estar a serviço da democracia".

"O racismo é um fato concreto da realidade brasileira, e a **Folha** contribui para a sua manutenção ao dar espaço e credibilidade a discursos que minimizam sua importância. Dessa forma, vai na contramão de esforços importantes para enfrentar o racismo institucional dentro do próprio jornal, como o programa de treinamento exclusivo para negros", afirma trecho da carta.

Além do treinamento exclusivo para negros, que está com inscrições abertas para a sua segunda edição, a **Folha** criou o cargo de editor de Diversidade, aumentou o número de colunistas negros e levou em conta a questão identitária na formação do novo Conselho Editorial.

O texto havia sido submetido para publicação em Tendências/Debates, mas, enquanto era avaliado pela Direção de Redação, foi vazado para a concorrência do jornal. A publicação foi então suspensa, uma vez que a seção só publica artigos inéditos.

Marcos Augusto Gonçalves, editor da Ilustríssima, não concorda com a avaliação feita por parte de seus colegas. "O texto do Risério, por criticável que seja, se inscreve nos limites do debate público, algo que, infelizmente, vem se estreitando nos últimos tempos", diz.

Em sua coluna, Hélio Schwartsman afirma que não viu nada de "escandaloso" no artigo de Risério e comemora o fato de a **Folha** continuar promovendo o debate de assuntos que "estão se tornando tabu".

A Direção da **Folha** reconhece o abaixo-assinado como um instrumento legítimo de manifestação, mas afirma que o conteúdo vai contra a pluralidade e a defesa intransigente da liberdade de expressão, pilares do Projeto Folha.

"O abaixo-assinado erra, é parcial e faz acusações sem fundamento, três características indesejáveis em se tratando de profissionais do jornalismo. Erra ao sugerir que a **Folha** publicou artigos que relativizam ou fazem apologia do racismo, o que não aconteceu, até porque racismo é crime. É parcial ao omitir iniciativas que têm sido a prioridade do jornal nos últimos três anos. Acusa sem fundamento ao creditar a publicação de opiniões divergentes, que são a base do jornalismo defendido pelo jornal, a uma pretensa busca por audiência —os textos mencionados tiveram cerca de 1% da audiência total dos dias em que foram publicados", afirma Sérgio Dávila, diretor de Redação.

Será organizado um seminário interno para discutir pluralismo e a questão racial. Antonio Risério não quis comentar a polêmica provocada por seu artigo. Os jornalistas que assinaram o texto também não quiseram acrescentar declarações.

O primeiro bilhão a gente nunca esquece

Em 2021 completamos 9 anos e conquistamos o nosso primeiro bilhão de faturamento

É com muito orgulho que atingimos essa marca histórica para a companhia e somos imensamente gratos a todos os clientes que acreditaram e confiaram na **PATRIANI**.

Somos uma construtora que atua no segmento de **alto padrão tecnológico**, oferecendo prédios preparados para o futuro e com muitas soluções inovadoras e sustentáveis.

Não à toa fomos a primeira construtora do Brasil a colocar **fazenda de energia solar** no topo de todos os prédios lançados no ano passado, assim como uma **vaga para carro elétrico** por apartamento, com medição individual. São mais de **50 diferenciais exclusivos**!

Temos muito orgulho da nossa história e de todos os nossos colaboradores e parceiros, que sempre trabalham com muito carinho e atenção extrema aos detalhes para realizar o sonho de cada cliente. Afinal, **entregamos lares e não somente paredes**.

Um brinde aos nossos clientes e às nossas conquistas! Temos um bilhão de motivos para celebrar e continuar trabalhando firme para oferecer o que há de melhor e mais moderno na construção civil.

Uma nova história na construção civil

Fale conosco: (11) **4318-0666** • Whatsapp: (11) **97673-1715**
ou acesse nosso site: **construtorapatriani.com.br**

1 Brizola chega ao Rio, em 1979, na volta do exílio; 2 então governador do RS, comanda a Campanha da Legalidade pela posse de Jango; 3 em ato das Diretas com Ulysses Guimarães e Tancredo Neves; 4 ao lado de Mario Covas (PSDB), participa de comício de Lula no 2º turno das eleições de 1989;

Museu da Comunicação Hipólito José da Costa | Paulo Simas/Divulgação

Aos 100, Brizola estaria contra Jair Bolsonaro, dizem aliados

Familiares e líderes políticos avaliam qual seria hoje papel de ex-governador

Ana Luiza Albuquerque e Catia Seabra

RIO DE JANEIRO Se estivesse vivo, Leonel de Moura Brizola completaria 100 anos no próximo sábado (22). Convidados pela **Folha** a imaginar qual seria o seu posicionamento político hoje, familiares, aliados e líderes políticos do país afirmam, em sua maioria, que Brizola estaria ao lado da ciência e das vacinas e contra o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Nascido no povoado de Cruzinha (RS), Brizola foi deputado estadual e federal, prefeito de Porto Alegre e governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Sofreu três derrotas em eleições presidenciais —duas como cabeça de chapa, em 1989 e 1994, e uma como vice de Luiz Inácio Lula da Silva, em 1998.

Fundador do PDT (Partido Democrático Trabalhista), Brizola é considerado o herdeiro do trabalhismo antes simbolizado nas figuras de Getúlio Vargas e João Goulart, de quem foi aliado. Teve importante papel na Campanha pela Legalidade, em 1961, para garantir a posse de Jango, e tentou organizar a resistência ao golpe militar, em 1964.

Ferrenho inimigo do regime, Brizola foi para o exílio no Uruguai em maio do mesmo ano. Com a anistia, em 1979, voltou ao Brasil e se elegeu governador do RJ. Ocupou duas vezes o Palácio Guanabara. No estado criou os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), voltados para o ensino integral, uma das principais marcas de sua gestão.

Com posicionamentos duros e um discurso afiado, Brizola movimentou paixões e por isso foi amado e odiado. Ele morreu vítima de um infarto, no Rio, em junho de 2004.

A **Folha** fez três perguntas a pessoas próximas e contemporâneos de Brizola: 1) Gostaria de dar um depoimento sobre os 100 anos do nascimento de Leonel Brizola? Lembra alguma experiência ao seu lado? 2) Na sua opinião, qual seria o posicionamento político de Brizola hoje, tendo em vista também a pandemia da Covid? 3) Quem ele estaria apoiando no primeiro e no segundo turno das eleições presidenciais, se as projeções das pesquisas se confirmarem?

☆

JULIANA BRIZOLA (PDT)
deputada estadual no RS e neta de Brizola

Não tenho dúvidas de que desde o início ele estaria do lado da ciência, de quem pesquisa, de quem estuda sobre o vírus. Estaria lutando muito para diminuir todas as mortes, seria uma voz atuante na defesa do povo brasileiro, como um pai.

Politicamente, ele estaria com o partido dele, que ele criou. Hoje temos um projeto nacional de desenvolvimento liderado pelo Ciro Gomes que representa muito o que ele defendia. Acho que eles têm muito em comum, a defesa da educação e a mudança no modelo econômico, que é muito importante para que a gente possa voltar a crescer.

Tenho dúvidas se ele defenderia com unhas e dentes o Lula. Me lembro muito do velório dele no Rio de Janeiro, extremamente popular, com gente vindo de longe para colocar uma rosinha. Quando Lula chegou todo mundo começou a cantar "você pagou com traição a quem sempre lhe deu a mão". Ele morreu extremamente magoado e decepcionado com o Lula.

Seria muito difícil que ele ficasse com Bolsonaro por tudo o que ele representa, sobretudo a defesa de um torturador como Ustra, a negação da ciência, o sucateamento das universidades, o corte das verbas para educação e cultura. [No segundo turno] Acho que ele tamparia o nariz e engoliria o sapo barbudo mais uma vez. Mas a gente tem bastante esperança no projeto do Ciro.

☆

LEONEL BRIZOLA NETO (PT)
ex-vereador e neto de Brizola

Brizola tinha uma capacidade impressionante de se comunicar com o povo. Darcy Ribeiro dizia que ele sabia ler gente. Antes de ser neto, sou um profundo admirador da prática política e da história do Brizola.

Ele estaria contra as privatizações, defenderia a Petrobras e as empresas estatais.

Estaria com Lula como sempre esteve nas horas mais cruciais da história brasileira. Brizola sempre dizia: "ou nos unimos agora ou seremos degraus para a direita chegar ao poder".

☆

CARLOS BRIZOLA (PDT)
ex-ministro e ex-deputado, neto de Brizola

Brizola era um engenheiro, um homem que sempre se guiou pela razão e pelo conhecimento científico. Se estivesse vivo durante esta pandemia, certamente estaria combatendo o negacionismo, se aconselhando com os especialistas da área de saúde e fazendo uma defesa enfática das suas recomendações sobre distanciamento social e vacina. Seria um grande defensor da saúde pública, dos seus trabalhadores e do Sistema Único de Saúde.

Brizola era um nacionalista, um líder que dedicou a sua vida defendendo o projeto nacional de desenvolvimento de Getúlio Vargas e nos últimos anos era um crítico ferrenho do atual modelo econômico neoliberal. Neste atual contexto político eleitoral só vejo Ciro Gomes defender estes valores, a mudança do atual modelo econômico e a defesa de um Projeto Nacional de Desenvolvimento. Aliás, não foi por acaso que Ciro Gomes foi seu último voto para presidente, em 2002.

☆

TARSO GENRO (PT)
ex-governador e ex-ministro

Não existem políticos gaúchos do campo da esquerda que não tivessem, de forma mais, ou menos intensa, alguma relação com Brizola —seja por unidade com ele, seja em contradição com ele— em algum tema relevante. Tive vários momentos, tanto ao seu lado, em questões-chave na luta contra ditadura, pelas diretas, pela Constituinte, como também em disputa com ele, na época em que o PT se firmava no campo popular, como um forte partido de esquerda, alternativo ao PDT.

Do Brizola, faço a seguinte síntese: um homem que demonstrou com a sua vida e a sua capacidade de luta que o patriotismo não é somente o refúgio dos canalhas.

Não tenho a menor dúvida que Brizola não seria um negacionista e estaria à frente de um amplo movimento pela vacinação imediata das crianças.

Se não estivesse concorrendo, tentaria formar uma chapa com Lula e Ciro (ou Ciro e Lula), mas não tenho certeza, se estivessem em chapas diferentes, qual dos dois ele apoiaria no primeiro turno. No segundo turno, não tenho a mínima dúvida que ele apoiaria quem se opusesse a qualquer candidato da direita.

☆

TRAJANO RIBEIRO (PDT)
advogado e secretário no governo Brizola

Brizola não era uma pessoa normal, que tem interesses pessoais, preocupado em ganhar dinheiro. Ele tinha uma ideia fixa na questão do país. Esse negócio todo começou quando ele era menino e passava sempre em frente a uma escola bonita, grande, com um jardim. Ele ficava olhando as crianças pela grade, mas não podia entrar porque era muito pobre. Esse fato marcou o resto da existência dele.

Se fosse vivo, estaria em oposição a Bolsonaro, teria se oposto ao impeachment da Dilma Rousseff, denunciado as interferências estrangeiras nesses episódios. Quanto à pandemia, certamente estaria ao lado da ciência, defendendo a vacinação, especialmente das crianças, pelas quais tinha preocupação especial.

Quanto às eleições, estaria defendendo o candidato do partido. Caso não chegássemos ao segundo turno, apoiaria o candidato comprometido com o projeto de nação fundado por Getúlio Vargas, seguido em grande parte por Juscelino e Jango, defendendo a prevalência do trabalho sobre o capital, a soberania nacional e a educação.

☆

VIVALDO BARBOSA (PT)
ex-deputado federal e secretário no governo Brizola

A melhor característica de Brizola era ser portador de um pensamento. Brizola tinha pensamento político, o que o diferenciava de tantos do seu tempo e de hoje em dia. Brizola era trabalhista, que na política brasileira ligava-se ao nacionalismo. O Figueiredo, presidente tão justamente esquecido, dizia que tinha muitas diferenças com Brizola, mas que ele era um patriota.

Brizola, hoje, estaria ao lado de Lula, sem dúvida. Sendo homem de pensamento, sendo trabalhista e nacionalista, não titubearia em ver que o único político no Brasil, hoje, que abraça as causas trabalhistas é o Lula. Assim como o PT é o partido que mais defende a legislação trabalhista, a Previdência Social e as estatais estratégicas.

Ele teria uma grande tristeza. Ver o partido que ele fundou, o PDT, afundado no fisiologismo e no carreirismo. Sem rumo e sem perfil ideológico, a receber apenas 1% de apoio do povo brasileiro, como indicam as pesquisas.

☆

OLÍVIO DUTRA (PT)
ex-governador do RS e ex-ministro

Meu primeiro contato com Brizola foi em 1979. Ele voltava do exílio. Eu era um dirigente sindical cassado. Disse-lhe que a intervenção no sindicato não tinha acontecido com base no AI-5, mas na CLT. Ele não gostou. Disse que não defendiam mais o trabalhismo. Acho que fui politicamente incorreto.

Brizola foi uma figura importante para seu tempo e merece respeito. Mas, quando voltou ao Brasil, o momento político era outro, com trabalhadores sujeitos do processo.

Hoje ele estaria no campo de oposição, dada essa situação desgraçada em que temos um celerado na presidência. Acho que Brizola votaria no Lula, mas faria de tudo para que seu partido tivesse um espaço maior na coligação.

☆

CESAR MAIA (DEM)
vereador, ex-prefeito do Rio e ex-secretário de Brizola

Quando Brizola me convidou para ser secretário de Fazenda em 1983, me deu três conselhos. 1) Não acredite que o governo está quebrado. É sempre assim. Quem acredita perde o controle. 2) O secretário de Fazenda não é do partido, não é do governo. É do governador. 3) Nunca aceite convite de empresários para almoços e jantares nas casas deles, ou para fins de semana fora. Secretário da Fazenda ou está na secretaria, ou no trânsito, ou com o governador, ou em Brasília ou em casa. Eu cumpri disciplinadamente.

Certamente hoje Brizola teria uma ênfase ainda mais acentuada no fator social e na redução da desigualdade. No quadro atual, nenhuma dúvida de que apoiaria Lula.

+ A trajetória de Leonel Brizola

22.jan.1922 Nasce Leonel de Moura Brizola no povoado de Cruzinha (RS)

1945 Ingressa no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e, dois anos depois, elege-se deputado estadual no RS

1950 Casa-se com Neusa Goulart, irmã de João Goulart, sendo Getúlio Vargas seu padrinho

1958 Elege-se governador do Rio Grande do Sul

1961 Comanda movimento de resistência para garantir a posse do vice-presidente João Goulart

1962 É eleito deputado federal pelo estado da Guanabara

31.mar.1964 Tenta articular uma resistência ao golpe militar, recebendo Jango em Porto Alegre e conclama o povo gaúcho a pegar em armas e resistir, mas Goulart decidiu refugiar-se

Abr.1964 Nome de Brizola aparece na primeira lista de parlamentares cassados pela Ditadura Militar. Um mês depois, ele vai para o exílio no Uruguai

1979 Com a anistia, volta ao Brasil e cria o PDT

1982 É eleito governador do Rio de Janeiro

1990 É reeleito governador no 1º turno

1998 Se candidata a vice-presidente na chapa de Lula. FHC é reeleito

2002 Concorre a senador pelo RJ, sem sucesso. Apoia Lula no 2º turno

Dez.2003 Insatisfeito com a pressão para votar matérias liberais, PDT deixa o governo Lula

21.jun.2004 Brizola morre vítima de um infarto, no Rio. Seu corpo é enterrado em São Borja (RS)

Paulo Teixeira

Alckmin como vice na chapa de Lula não muda programa eleitoral do PT

Para secretário-geral do partido, debate sobre a aliança com o ex-tucano deve ocorrer sem interdições dentro da sigla

ENTREVISTA

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Favorável ao diálogo para o ex-tucano Geraldo Alckmin ser vice na chapa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, o deputado federal e secretário-geral do PT, Paulo Teixeira (SP), adota postura pragmática e defende a composição, criticada por outros integrantes do partido.

"Ao mesmo tempo que o nome dele [Alckmin] entra no debate, temas fundamentais para o nosso projeto estão sendo discutidos sem que haja uma mudança nas agendas do PT", diz ele à **Folha**.

Teixeira, que integrou a oposição ao ex-governador de São Paulo, admite que sejam dados "todos os passos possíveis na direção de derrotar o bolsonarismo", o que inclui a aliança com Alckmin.

Em entrevista à **Folha** no domingo (16), o ex-presidente do PT e deputado federal Rui Falcão (PT) disse que "Lula não precisa de uma muleta eleitoral" e que o ex-tucano representa uma contradição a tudo o que o partido fez e quer fazer na Presidência.

Luis Macedo - 10.out.17/Divulgação Câmara dos Deputados

Contemporizando com a frase "no PT é proibido proibir", Teixeira afirma que o debate não pode ser interditado e que é preciso ouvir "as preocupações trazidas por aqueles que resistem" à ideia. O importante, ressalta, é que o programa da legenda não sofra recuos.

O parlamentar argumenta ser necessário deixar diferenças de lado em nome de uma frente democrática para derrotar tanto o presidente Jair Bolsonaro (PL), que ele classifica como de extrema direita, quanto o que chamou de "outra cepa do bolsonarismo", o ex-juiz e presidenciável Sergio Moro (Podemos).

*

O que está sendo feito para conciliar as alas do partido favoráveis e contrárias à chapa com Alckmin? Antes de entrar nisso, é preciso falar dos esforços para construir a aliança para disputar a eleição e governar o Brasil. Isso envolve debates com PSB, PC do B, PSOL, Solidariedade, PV, Rede e, por que não dizer, segmentos do MDB que querem apoiar o presidente Lula.

O segundo esforço é o de oferecer uma proposta de reconstrução nacional, com um programa elaborado pelo PT e os partidos aliados. E o terceiro é em torno da formação de uma federação com siglas como PSB, PC do B e PV, ainda que saibamos que as alianças que faremos não necessariamente estarão nesse formato.

Constituída a aliança, é preciso que ela tenha uma agenda. Estamos falando em valorizar o mundo do trabalho, rever o enfraquecimento sindical pela reforma trabalhista, fortalecer o salário-mínimo e enfrentar os temas da emergência climática, da fome, do desemprego e do baixo crescimento econômico.

São agendas nas quais os governos Lula e Dilma Rousseff foram muito bem, com responsabilidade fiscal e manutenção de direitos. Muito diferente dessa agenda retrógrada que veio depois.

Paulo Teixeira, 60
Deputado federal por São Paulo em seu quarto mandato, é pré-candidato à reeleição em outubro. Ocupa hoje o posto de secretário-geral nacional do PT, partido ao qual está filiado desde 1982. Já foi também vereador e deputado estadual em São Paulo e secretário na prefeitura da capital, entre outros cargos. Nascido em Águas da Prata (SP), é graduado pela Faculdade de Direito da USP

E como a questão da vice se insere nesse debate? A definição da vaga de vice não deve preceder a esse roteiro que apresentei. Em primeiro lugar, ela não deve representar um rebaixamento programático, nada que comprometa ou prejudique o programa. Os partidos da aliança concordam com nosso projeto de reconstrução nacional, com atuação do Estado para estimular o crescimento, instituições públicas robustas, fortalecimento dos sindicatos.

A aliança que está sendo construída tem como missão a consolidação da escolha democrática feita na Constituição de 1988. Estamos diante de um risco profundo, com ameaças à democracia brasileira por este governo [Bolsonaro]. Para fazer frente a isso, precisamos construir uma frente democrática que garanta a manutenção do pacto constitucional.

A possibilidade de ser Alckmin o vice dialoga com o que o sr. propõe? O PT, em primeiro lugar, tem critérios para a escolha de um vice. Na minha opinião, os critérios são: que não seja alguém do PT —seguindo o exemplo de 2002, na escolha do José Alencar [PL]— e que venha do Sudeste, para alcançar um eleitorado com perfil mais conservador. Cumpridos esses critérios, na minha opinião, o nome do Alckmin não pode sofrer qualquer restrição por parte do PT.

O Alckmin fez um movimento interessante: saiu do PSDB e não foi construir a terceira via. Está fazendo um diálogo com o Lula, conhece o programa e os propósitos do Lula. E acho que o PT não pode ter nenhum tipo de veto ou reserva a uma chapa com Alckmin, que também precisa ser amadurecida com os partidos do arco de alianças.

> O PT, em primeiro lugar, tem critérios para a escolha de um vice. Na minha opinião, os critérios são: que não seja alguém do PT —seguindo o exemplo de 2002, na escolha do José Alencar [PL]— e que venha do Sudeste, para alcançar um eleitorado com perfil mais conservador. Cumpridos esses critérios, na minha opinião, o nome do Alckmin não pode sofrer qualquer restrição

Vê Geraldo alinhado aos debates propostos pelo PT, por exemplo, em relação à reforma trabalhista? O movimento que ele faz em direção à candidatura do Lula é também em direção a algo conhecido, já que todo o país conhece as posições do PT em relação aos principais assuntos. E, ao mesmo tempo que o nome dele entra no debate, temas fundamentais para o nosso projeto estão sendo discutidos sem que haja uma mudança nas agendas do PT.

O ex-presidente do PT Rui Falcão fez críticas a essa chapa em entrevista à Folha e outros líderes do partido também são contra. O que o partido faz para equacionar essas questões? No PT, nenhum debate pode ser interditado. No PT é proibido proibir. E é assim desde que o PT foi fundado, com debate caloroso, ideias circulando. Mas também temos que dialogar com as preocupações trazidas por aqueles que resistem. É por isso que estou reafirmando a necessidade de não haver nenhum rebaixamento programático. Além disso, creio que essa aliança democrática progressista, que é de esquerda, mas também com alcance para o campo democrático, vai criar uma onda no Brasil que possa levar [Lula] à vitória e afastar qualquer ameaça de ruptura com o sistema democrático que este presidente [Bolsonaro] representa.

Seu raciocínio é o de que essa chapa teria maior legitimidade, afastando, por exemplo, o risco de impeachment? Acho que devemos entrar na campanha com o espírito de que vamos criar um movimento de mudança no Brasil, de fortalecimento democrático, que vai oferecer oportunidades de trabalho, reduzir a desigualdade social, valorizar o salário-mínimo, fortalecer o SUS e a educação pública, cessar o desmatamento da Amazônia.

As condições para isso estão dadas. Temos que transformar essa aliança num movimento político que contagie a sociedade brasileira, que leve o Lula à Presidência e uma grande bancada ao Congresso Nacional.

A história não nos perdoará se nós errarmos e Bolsonaro não for derrotado, ou não for derrotada a outra cepa do bolsonarismo, que é o morismo. Por isso defendo que possamos dar todos os passos possíveis na direção de derrotar o bolsonarismo e o ultraliberalismo que está destruindo a economia brasileira.

O sr., assim como outros vários petistas, já fez duros ataques a Alckmin quando ele era governador de São Paulo e candidato à Presidência pelo PSDB. Como conciliar a posição crítica do passado com a chance real de uma aliança? É inegável que nós estivemos em campos opostos com o PSDB, que fizemos uma dura oposição ao governo do Alckmin e que tivemos divergências ao longo das nossas histórias. Entretanto, nós temos hoje um governo que permite a morte de 620 mil brasileiras e brasileiros [por Covid], que destrói a Amazônia, que entrega o patrimônio nacional e que representa um risco de uma ruptura com o sistema democrático.

Então, tenho que saudar o reencontro dessas forças para recuperar a escolha democrática da Constituição de 1988. As nossas divergências ficaram no passado. O que agora vai nos unir é derrotar este governo da destruição nacional e colocar no lugar o da reconstrução nacional.

Se essa composição for resultado de um amadurecimento do presidente Lula e dos partidos aliados, vejo com bons olhos. Creio que o PT não terá dificuldade em aprová-la. Precisamos formar uma aliança para ganhar as eleições e reconstruir o Brasil.

O PT considera ser possível dialogar com a base de Bolsonaro ou vê essa como uma causa perdida? Nós não podemos entrar nessa campanha de salto alto. Temos que entrar sem o "já ganhou", com humildade. E a humildade é promover esse diálogo que estamos propondo, um diálogo aberto e respeitoso, que recepciona aqueles que querem vir e têm boas intenções de caminhar juntos conosco.

Acho que, ainda que as pesquisas indiquem que o Lula tem muita chance de ganhar no primeiro turno, nós temos que notar que são pesquisas.

A campanha não começou de fato e haverá um esforço da extrema direita e da direita, representadas respectivamente por Bolsonaro e Moro, para derrotar o presidente Lula. São craques em mentiras e manipulações.

Por isso acho que todo esforço na direção de construir uma frente democrática, com conteúdo forte, que possa criar um movimento político no Brasil, nós temos que fazer. São três desafios: derrotar [o bolsonarismo], impedir um golpe e conseguir governar o Brasil.

O PT admite a possibilidade de fazer autocrítica em relação à corrupção, tema amplamente explorado pelos adversários e comprovado em vários casos? O PT fortaleceu as instituições brasileiras para combater a corrupção. Agora, o grande desvio ali na Lava Jato foi tentar associar o PT a essa corrupção. Uma coisa é a existência de corrupção, que é um mal que tem que ser combatido, mas ele está presente na atividade pública e na atividade privada.

Os governos Lula e Dilma combateram a corrupção, e o grande desvio da Lava Jato foi querer associar essa corrupção aos dois presidentes. Tanto foi um erro que as sentenças contra o presidente Lula foram anuladas e a presidenta Dilma nem sequer responde a processo. O grande pecado da Lava Jato foi se politizar. O juiz virou ministro. Por outro lado, acho que devemos aperfeiçoar os instrumentos de combate à corrupção e avaliá-los.

E Dilma, associada à recessão econômica, deve ser lembrada na campanha? A Dilma é uma mulher honesta, séria e que sempre trabalhou para melhorar a vida do povo. Nós temos que sempre incluí-la nos nossos projetos. O Brasil viveu em 2015 o auge da crise mundial, em decorrência da situação na China. Aqui no Brasil, isso coincidiu com uma crise política, com o candidato derrotado na eleição de 2014 [Aécio Neves, do PSDB] recusando-se a aceitar o resultado da eleição e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, trabalhando para sabotar o governo. Não vamos esconder tudo o que fizemos pelo nosso país.

Fernando Haddad (PT) pontua bem nas pesquisas para governador em São Paulo, mas Márcio França (PSB), que é um potencial aliado do PT, mantém sua pré-candidatura. Vê saída para o impasse? Os entendimentos entre o França e o Haddad são o de que seria candidato aquele que estivesse mais bem colocado nas pesquisas, e o outro sairia ao Senado.

O Haddad ganhou uma dianteira e acho que deve ser o candidato a governador. O PT é muito forte em São Paulo, o Haddad foi prefeito e ministro com desempenho positivo e foi candidato a presidente. Por essas razões, acho que ele deveria ser o candidato.

A oportunidade da eleição do Haddad é muito grande. E o governo de São Paulo apoiando o governo Lula [caso ambos se elejam] traria grande estabilidade ao Brasil. Que é tudo o que não temos com este atual presidente da República.

mundo

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, deixa o Salão Leste depois de entrevista coletiva em que falou a jornalistas sobre seu primeiro ano de mandato na Casa Branca Kevin Lamarque/Reuters

Biden 'para a loucura', mas não vence Covid e inflação no ano 1

Presidente faz balanço do mandato e vê frustrações na busca de consensos

Rafael Balago

WASHINGTON Quando chegou ao Salão Oval como presidente pela primeira vez, há um ano, Joe Biden tinha como principais desafios vencer a Covid, recuperar a economia e tentar pacificar brigas internas na sociedade e na política dos Estados Unidos. Um ano depois, a lista continua praticamente a mesma, agravada pela tensão até entre os democratas.

Um lembrete claro da polarização foi dado no último dia 6, quando congressistas republicanos não foram às cerimônias que lembraram as cinco mortes ocorridas na invasão do Congresso por apoiadores de Trump. Alguns acusaram o governo de politizar a data.

Biden aproveitou aquele discurso para deixar de lado o tom conciliador e fez ataques a Trump, chamando-o de "ex-presidente derrotado" —antes, ele agia como se o antecessor não existisse.

"O presidente disse que iria tentar unir o país. Seus comentários [recentes] não sugerem que esteja tentando nos unir de novo", declarou o senador republicano Mitt Romney. "Ele tem que reconhecer que, quando foi eleito, as pessoas não esperavam que ele transformasse a América. Elas queriam voltar ao normal, parar a loucura."

A posse do democrata de fato devolveu à Casa Branca uma rotina de normalidade. Trump atacava adversários ("Hillary devia ser presa"), mentia ("foi a maior posse da história"), criticava a imprensa ("inimigos do povo") e lançava propostas absurdas ("e se comprarmos a Groenlândia?") com frequência. Muitas dessas mensagens vinham pelas redes sociais de madrugada.

Já o governo Biden é marcado por certa previsibilidade, com ações anunciadas quase sempre de forma antecipada para a imprensa e espaços para perguntas de jornalistas. O presidente busca um trato polido em público e sempre defende os direitos de minorias.

Previsibilidade, porém, não implica vencer sempre. Biden não conseguiu unir o país em torno do combate à Covid. Ele fez inúmeros discursos para convencer os americanos a se vacinar, mas a taxa da população plenamente imunizada parou em 63%, enquanto governadores republicanos tomam medidas contra a obrigatoriedade de máscaras.

As altas de contágio afetam também a economia, com falta de trabalhadores em várias áreas e falhas na cadeia de suprimentos. A inflação de 7% ao ano, índice não visto desde os anos 1980, corrói o poder de compra dos americanos.

Em entrevista coletiva para marcar um ano de mandato nesta quarta (19), Biden disse que seu governo teve um ano de desafios, mas de enormes progressos —citou a vacinação de 210 milhões de americanos, redução da pobreza infantil em 40% e a criação de 6 milhões de empregos em 2021, um recorde. Afirmou que está satisfeito com a gestão da pandemia, mas reconheceu que ela ainda é um desafio.

"A Covid não vai embora imediatamente. Mas estamos indo para um tempo em que ela não vai mais dificultar nossa rotina diária, mas será algo do qual podemos nos proteger. Estamos em um lugar muito melhor do que há um ano. Não vamos recuar para lockdowns e fechar escolas."

Disse ainda saber que o país não está unido como deveria e admitiu que não se comunicou tão bem com segmentos como a população negra. Sobre política externa, reforçou que acha que Vladimir Putin vai invadir a Ucrânia e, mais do que isso, "testar o Ocidente, os EUA e a Otan, tanto quanto puder" —mas que o preço por isso será alto, a ponto de o russo se arrepender.

Para melhorar a economia, defende mais investimentos em infraestrutura e benefícios sociais para famílias pobres e de classe média. Mas um pacote social, de quase US$ 2 trilhões, está travado há meses no Congresso, por falta de acordo entre os democratas.

Biden disse que aceita dividir o pacote em várias partes para tentar a aprovação, mas que não considera desistir. "Não estou pedindo por castelos no céu, mas por coisas factíveis, pelas quais os americanos esperam há muito tempo."

Em meio a cenas de hospitais cheios e prateleiras de mercado vazias, sua aprovação estagnou em torno de 43% —ao tomar posse, era de 55%.

Um efeito indireto desse auxílio, ainda em estudo, é que mais pessoas decidiram deixar empregos em que ganhavam pouco, em um movimento apelidado de "great resignation" (grande renúncia). O número de pedidos de demissão superou 4 milhões por mês.

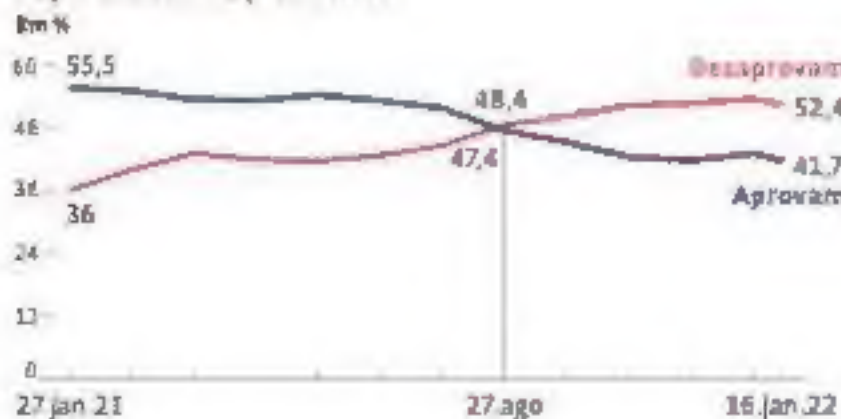
Biden esperava que o feriado de 4 de julho fosse marcar a independência da pandemia, mas não foi bem assim. Em junho, o ritmo da vacinação estagnou, antes que metade dos americanos estivesse plenamente imunizada. Ao mesmo tempo, o número de casos de Covid voltava a subir e milhares de pessoas morreram.

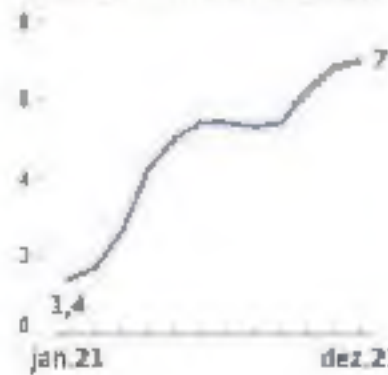
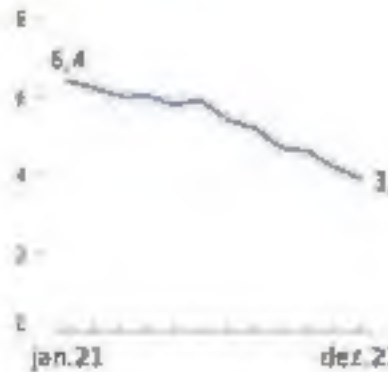
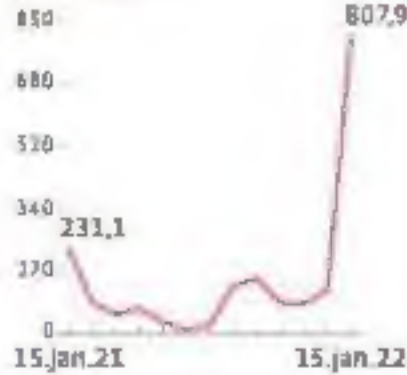
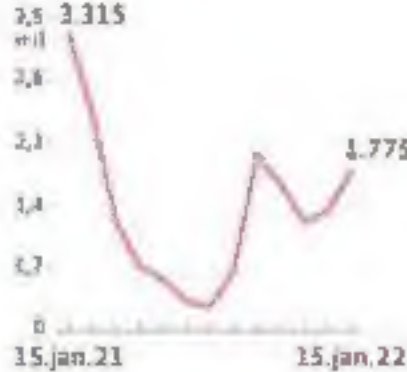
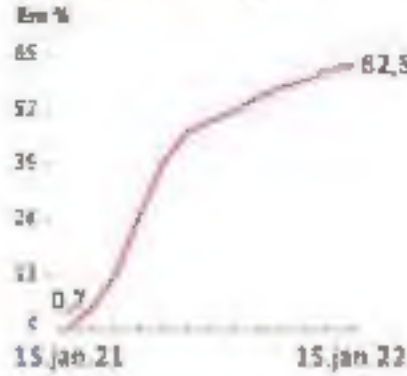
Em agosto, teve de lidar com sua maior crise: a saída caótica das tropas do Afeganistão, que terminou com o Talibã retomando o controle do país.

Ele tentou várias vezes explicar os erros no Afeganistão, mas sem admiti-los, e sua aprovação despencou. A partir de setembro, Biden buscou se concentrar na aprovação de dois pacotes de investimentos. Um deles, de infraestrutura, foi aprovado em novembro, e prevê cerca de US$ 2 trilhões de gastos.

Outras propostas seguem travadas no Congresso. Biden começou 2022 defendendo mudanças nas regras do Senado, para evitar que a minoria republicana obstrua projetos importantes, e alterações nas leis eleitorais do país, para ampliar o acesso ao voto.

"Biden e [Kamala] Harris fizeram campanha falando em resolver a desigualdade, especialmente racial. Mas vimos que o dinheiro que deveria ir para os fazendeiros negros não chegou até eles. E questões sobre reforma da polícia não chegaram ao Senado", avalia Rashwan Ray, professor de sociologia da Universidade de Maryland e associado do Instituto Brookings.

Um ano do governo Biden

Economia

Covid

Fontes: Real Clear Politics, CPI (Índice de Preços ao Consumidor), do Departamento de Estatísticas do Trabalho, Departamento do Trabalho, Departamento de Análises Econômicas e Our World in Data

Elizabeth Bagley é indicada para embaixada dos EUA no Brasil

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, indicou Elizabeth Bagley como nova embaixadora americana no Brasil, anunciou a Casa Branca nesta quarta-feira (19).

A missão diplomática em Brasília estava sem um titular desde meados de 2021, quando Todd Chapman —nomeado pelo ex-presidente Donald Trump— deixou o posto.

Bagley ainda precisa ser confirmada pelo Senado dos EUA para assumir a embaixada. O comunicado da Casa Branca afirma que ela trabalhou nas áreas de diplomacia e advocacia por décadas, tendo sido assessora-sênior de três Secretários de Estado: John Kerry e Hillary Clinton, ambos na gestão de Barack Obama, e Madeleine Albright, no governo de Bill Clinton.

Ela também foi representante especial para a Assembleia-Geral das Nações Unidas e para Parcerias Globais, além de embaixadora em Portugal. Hoje, de acordo com o governo americano, é dona de uma empresa de comunicação e celulares no Arizona.

A diplomata indicada Elizabeth Bagley Departamento de Estado dos EUA/Reprodução

Interlocutores no governo Jair Bolsonaro (PL) ouvidos pela **Folha** ressaltaram que Bagley é uma grande financiadora de campanhas democratas, com cargos importantes na chancelaria desde a era Clinton. Eles destacaram, sob condição de anonimato, que isso deve assegurar a ela acesso direto à Casa Branca.

Desde que Biden assumiu, a área de meio ambiente ganhou papel central nas relações bilaterais. Os EUA se uniram a países europeus na pressão internacional para que o Brasil apresente melhores resultados no combate ao desmatamento na Amazônia.

Bagley poderá atuar nessa área principalmente por ter sido assessora de Kerry —hoje o principal conselheiro de Biden para temas ambientais. Apesar disso, diplomatas apostam que a principal missão da embaixadora será acompanhar de perto as eleições de 2022, nas quais Bolsonaro tentará se reeleger. O governo americano avalia que o pleito tende a ser conturbado.

Ela teria tempo para contatar as forças políticas no país e defender a agenda de interesses americanos junto ao vencedor. Também preocupa os EUA um cenário em que Bolsonaro tente incentivar algo como a retórica de Trump que culminou com a invasão do Congresso em Washington no dia 6 de janeiro de 2021.

Gestão não atrai republicanos e perde apoio de democratas

Com 40% de aprovação, presidente só ganha em popularidade de Trump na mesma altura do mandato

ANÁLISE

Patrícia Campos Mello

NOVA YORK O político moderado que assumiu a Presidência dos EUA prometendo unir um país polarizado termina o primeiro ano de mandato sem conquistar os republicanos e ainda perdendo o apoio de democratas.

"Sem união não há paz, existe apenas amargura e fúria", afirmou Joe Biden no discurso de posse. "Este é o nosso momento histórico de crise e desafio, e a união é o caminho que devemos trilhar."

Hoje está claro que a era de cooperação bipartidária [illegible] por ele após o turbulento governo Trump não saiu do papel. E a expectativa frustrada se reflete na sua baixa popularidade, de 40% em janeiro — ele assumiu com 57%, segundo o Gallup. O único presidente americano com aprovação menor na mesma altura do mandato foi Donald Trump, com 36%.

Biden promoveu avanços. Conseguiu aprovar o pacote de estímulos de US$ 1,9 trilhão, conduziu uma campanha de vacinação contra a Covid que imunizou [illegible]% da população — e só não foi melhor pela desinformação propagada pela ultradireita — e reduziu para 3,9% um desemprego que herdou em 6,3%.

Mas, das vitórias, só uma foi costurada com apoio dos dois partidos — o pacote de infraestrutura, de US$ 1,2 trilhão, assinado em novembro. Já as derrotas se devem tanto à falta de vontade dos republicanos de cooperar quanto à incapacidade de Biden de persuadir os democratas de centro, a exemplo de Joe Manchin e Kyrsten Sinema, a acomodar as ambições da ala mais à esquerda do partido.

O Build Back Better, pacote de US$ 1,75 trilhão de gastos sociais e ambientais, foi enterrado depois de Manchin afirmar, em dezembro passado, que não poderia votar na legislação da forma que ela havia sido apresentada.

Já Sinema declarou que se oporia a mudanças nas regras de votação do Senado, essenciais para aprovar a legislação de direito ao voto com maioria simples. O setor mais progressista do partido também está decepcionado com Joe Biden — líderes de direitos civis boicotaram o discurso do presidente em defesa da lei de direito ao voto, em Atlanta, na semana passada, argumentando que o democrata demorou muito para se dedicar de verdade à aprovação da legislação.

Para completar, dois fatores vêm azedando os eleitores. A Covid, que teima em não ir embora, voltou a lotar hospitais devido à ômicron. A falta de testes e os atropelos na comunicação do governo são alvos de crítica. Além disso, a perspectiva de novos confinamentos e aulas online desespera os americanos.

A inflação, que fechou 2021 em [illegible]%, maior índice em 40 anos, é outra causa do mau humor dos eleitores, que sentem a carestia quando vão às compras. Os supermercados continuam com prateleiras vazias, reflexo dos problemas nas cadeias de abastecimento resultantes da pandemia.

Assim, os republicanos nadam de braçada. A pesquisa que mede a identidade partidária dos eleitores, feita pelo Gallup, mostra que os democratas perderam 7 pontos percentuais no primeiro ano de governo Biden. Em janeiro de 2021, 49% se diziam democratas, e 40%, republicanos. Em dezembro, eram 42% os que apoiavam democratas, e 47%, republicanos.

Grande parte dos percalços não é culpa de Biden. A matemática para aprovação de leis sempre foi difícil. Os democratas contam com uma maioria minúscula na Câmara e metade dos votos no Senado — além do poder de desempate da vice, Kamala Harris —, ou seja, não podem se dar ao luxo de ter deserções.

Biden assumiu com o apoio de apenas 11% dos eleitores republicanos, marca bem inferior, por exemplo, à de Obama (41%), em 2009. Ao índice somam-se as batalhas contra a exigência de máscaras e vacinas, além da guerra cultural insuflada por republicanos em torno do ensino sobre racismo estrutural nas escolas, o que só exacerba a polarização que Biden se propunha a combater.

Pouco mais de um ano após a invasão do Capitólio, apenas 21% dos republicanos afirmam acreditar que Biden ganhou a eleição de 2020, segundo pesquisa UMass-Amherst, apesar de mais de 50 decisões judiciais dizerem o contrário. E não é só: 48% dos eleitores dizem que Biden é "mentalmente incapaz" de ocupar o cargo, de acordo com levantamento do Politico de novembro passado.

Seguidores e aliados de Trump estão concorrendo a vagas em governos estaduais, posições que lhes dariam poder para supervisionar as eleições e reverter resultados contrários a suas preferências. Leis aprovadas em estados controlados por republicanos já vão dificultar o acesso dos eleitores às urnas, aumentando o nível de exigências, fazendo com que eleitores de baixa renda e minorias, que têm maior dificuldade para votar e tradicionalmente tendem a votar em democratas, sejam mais atingidos.

Com a baixa popularidade de Biden, aumentam as chances de os democratas tomarem uma surra nas eleições legislativas de novembro. Se com o controle da Câmara e do Senado já estava difícil aprovar projetos de interesse do governo, imagine se os republicanos passarem a dar as cartas nas duas Casas.

O front externo tampouco é auspicioso. A Rússia segue com tropas na fronteira da Ucrânia e sinalizando uma invasão, as negociações para o retorno do Irã ao acordo nuclear estão emperradas e a China continua a dar demonstrações de força em relação a Taiwan. A entrada maciça de imigrantes em situação irregular pelo México não se reduz. De outubro de 2020 a setembro de 2021, foram 1,73 milhão, quase quatro vezes a cifra de 458 mil no ano fiscal de 2020, sob Trump.

Por enquanto, a estratégia dos democratas tem sido o "wishful thinking". Eles mantêm as esperanças de que a ômicron e a inflação vão recuar e tentarão emplacar no Senado versões menos ambiciosas do BBB, com iniciativas que poderiam ser um [illegible] eleitoral. Também devem reintroduzir a legislação de acesso ao voto.

Mas o tempo é curto para melhorar o humor do eleitorado, que vem piorando desde a catastrófica retirada das tropas americanas do Afeganistão, em agosto. Pesquisa CBS News, divulgada na semana passada, revela que [illegible]% dos eleitores afirmam acreditar que o país está indo um pouco ou muito mal, e a maioria desaprova o desempenho de Biden na economia, na imigração, na segurança e nas relações exteriores.

Até na resposta à pandemia, que era um dos pontos fortes do democrata, o humor mudou — 51% afirmam que o governo está indo mal, e 49%, que vai bem. Ainda segundo o levantamento, 50% dos eleitores se sentem frustrados com a gestão atual, e apenas 25%, estão satisfeitos.

O ex-presidente Barack Obama havia dito que, após anos de turbulências com Trump, os eleitores poderiam finalmente ignorar os dramas e os escândalos diários, porque Biden traria calma. "Não vai ser tão excitante. Vocês poderão cuidar da vida de vocês." Aparentemente, muitos eleitores não ansiavam tanto assim pela volta da normalidade após quatro anos da montanha-russa de Trump.

Risco de guerra civil nos EUA é real, diz historiadora

Em livro, Barbara F. Walter defende que americanos não vivem mais em uma democracia completa

Lúcia Guimarães

Jornalista, vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, TV Cultura e canal GNT, e colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

Como seria uma guerra civil em solo americano neste século 21? Essa pergunta faz sentido? O assunto não é simples, mas as respostas são assustadoras e podem ser encontradas em um livro lançado neste mês.

A historiadora Barbara F. Walter estuda guerras civis no mundo há mais de 30 anos. Nunca se debruçou sobre a instabilidade política nos Estados Unidos. Até recentemente, seu país era o primeiro nas listas de democracias mais antigas do mundo. Não é mais, especialmente depois da tentativa de golpe de Estado com a invasão do Capitólio.

Walter começou, em 2018, o estudo para escrever "How Civil Wars Start. And How to Stop Them" (como as guerras civis começam e como detê-las). No período, a professora da Universidade da Califórnia tinha sido recrutada pela CIA para não estudar os Estados Unidos. A agência americana de inteligência a colocou na Força-Tarefa sobre Instabilidade Política, cujo objetivo é identificar países sob risco de mergulhar em violência política.

A experiência convenceu a historiadora, bem antes do 6 de Janeiro, de que seu país já tinha avançado para o segundo estágio considerado propício a uma guerra civil. Os estágios podem ser encontrados online, já que a CIA publicou a atualização de seu Guia da Insurgência.

O primeiro estágio é organizacional — extremistas se reúnem em torno de causas —, e a eleição de Barack Obama, em 2008, foi uma bonança para a formação de milícias brancas. No segundo, grupos começam a se armar, e episódios de violência são tratados pelo governo como incidentes isolados. O ataque ao Capitólio fez alguns analistas americanos especularem se o país já tinha passado para o terceiro estágio, o da insurreição aberta, mas Walter acredita que não chegamos lá.

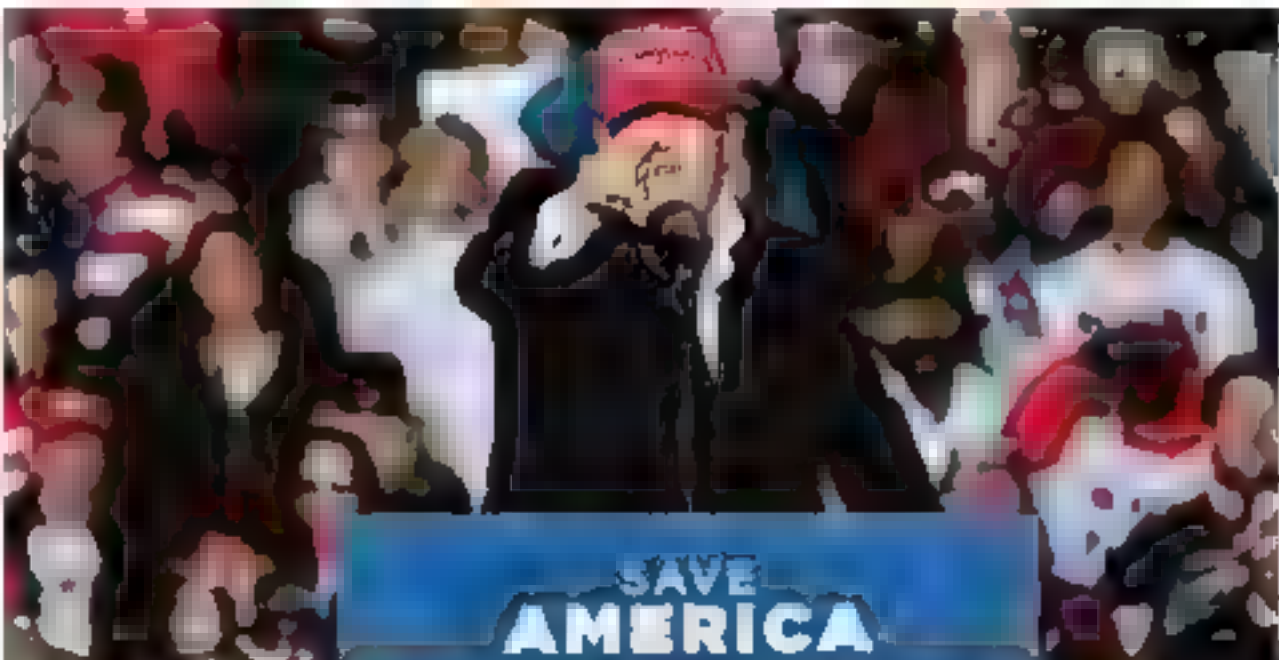
Ela alerta para duas tendências alarmantes em curso. O país já é o que ela chama de anocracia, ou seja, não mais uma democracia completa, mas ainda não uma autocracia consumada. Se continuarem os esforços ativos do Partido Republicano para suprimir o voto de minorias prestes a se tornar maiorias e se a ultradireita tentar de novo roubar uma eleição, vai ser difícil tomar o caminho de volta.

A Guerra Civil (1861-1865) que os americanos estudam na escola é o conflito mais sangrento da história do país. O confronto entre a União federativa do norte e a Confederação escravagista do sul deixou 750 mil mortos.

A guerra civil do século 21, escreve Walter, deve se assemelhar mais à uma de guerrilha, com uso de táticas terroristas. Apesar de ter estudado a violência política em países diferentes, como Líbano e Irlanda do Norte, a historiadora explica que nota dois fatores comuns para aumentar uma guerra civil. O mais importante é o país ser uma democracia parcial (ou anocracia). O segundo é a população começar a rachar em grupos religiosos, étnicos ou raciais e formar partidos políticos que visam a excluir os outros.

Só os valores republicanos como o senador Mitch McConnell [illegible] para isolar a violenta franja evangélica racista que corrói o partido.

Mas o papel mais visível não está sendo usado com a urgência necessária por seu ocupante. Joe Biden habita a fantasia da América excepcional, nega que a violência e o terrorismo são parte integral da história do país — como se vê em grupos como a Ku Klux Klan. Ele não consegue denunciar o fato de que uma parcela expressiva dos eleitores americanos não quer mais viver numa democracia. Quer a supremacia da minoria.

Editor Mathias Alencastro, Lúcia Guimarães, **Edu. Tatiana Prazeres**, [illegible] Jaime Spitzcovsky

O ex-presidente Donald Trump discursa em comício no Arizona Gabriela [illegible] - 15.jan.22/AFP

Justiça libera registros da Casa Branca sobre Capitólio

FLORIANÓPOLIS A Suprema Corte dos Estados Unidos rejeitou nesta quarta-feira (19) pedido do ex-presidente Donald Trump para bloquear a liberação de documentos da Casa Branca ao comitê do Congresso que investiga a invasão do Capitólio, no ano passado, por apoiadores do republicano.

Assim, documentos sob a guarda do Arquivo Nacional, responsável por registros do governo e históricos, podem ser liberados ainda que haja litígios em instâncias inferiores.

Desde outubro do ano passado o ex-presidente vinha buscando barrar o acesso a cerca de 50 documentos sobre ações suas e de seus aliados durante o ataque de 6 de Janeiro. Trump começou com um pedido formal ao atual líder americano, Joe Biden, usando como base uma doutrina legal chamada "privilégio executivo", que preserva a confidencialidade de certos registros da Casa Branca.

A medida permite impedir a divulgação de certas informações ao Legislativo, ao Judiciário ou mesmo à população.

Após a negativa de Biden, que defendeu que renunciar a esse recurso não atenderia "aos melhores interesses dos EUA", o republicano buscou a Justiça. A base foi a mesma, o privilégio executivo, e Trump alegou a uma corte do Distrito de Columbia que o pedido de acesso aos papéis seria "ilegal, infundado e vago".

Após a abertura da ação, o processo foi cheio de vaivéns. No dia 9 de novembro, a juíza do Distrito de Columbia Tanya Chutkan rejeitou o argumento apresentado pelos advogados do republicano de que gravações telefônicas, cadastro de visitantes e outros documentos ligados à sua estada na Casa Branca não deveriam ser encaminhados ao comitê.

A defesa de Trump recorreu, então, à Corte de Apelações do distrito para que a decisão ficasse suspensa até a decisão do recurso. Dois dias depois, o tribunal acatou o pedido e determinou que o material não fosse entregue à comissão do Congresso até o julgamento.

Em 9 de dezembro, a mesma corte decidiu que Trump não tinha base legal para desafiar a decisão de liberar a documentação, o que levou o caso para a Suprema Corte.

Só um dentre os nove juízes do tribunal foi a favor de Trump, o conservador Justice Clarence Thomas. Com a decisão da mais alta instância da Justiça, o comitê poderá receber o material. Qualquer atraso do tribunal em permitir a divulgação poderia pôr em risco as chances de o painel obter os registros e cumprir seu trabalho antes das eleições legislativas de novembro.

Os republicanos, contrários à criação da comissão, buscam retomar a maioria na Câmara dos Deputados. Se conseguirem, poderão encerrar o inquérito sobre o ataque de 6 de janeiro, que entrou para a história americana como um dos maiores atentados contra a democracia do país.

Contra Boris, nome conservador vira casaca e vai para o Partido Trabalhista

Premiê nega renúncia, mas é cobrado por ex-ministro do partido: 'Em nome de Deus, vá embora'

SÃO PAULO Um parlamentar deixou nesta quarta (19) o Partido Conservador, o mesmo do premiê Boris Johnson, e entrou no opositor Partido Trabalhista, como forma de protestar contra o que chamou de comportamento vergonhoso do líder britânico, alvo de pedidos de renúncia por festas de seu gabinete no período de lockdown no país.

Christian Wakeford faz parte do grupo de jovens conservadores eleitos pela primeira vez em 2019, ala de maior resistência ao primeiro-ministro. Ao menos 20 parlamentares desse grupo afirmam que vão entregar uma moção de desconfiança ao partido, gesto que pode abrir espaço para a saída de Boris do poder.

"Não posso mais apoiar um governo que se mostrou consistentemente desconectado com o povo trabalhador de Bury South [distrito que o elegeu] e do país como um todo", declarou Wakeford.

A mudança de lado se deu pouco antes de Boris voltar ao Parlamento para, por segunda vez, dar explicações sobre festas realizadas na residência oficial no período em que restrições contra a Covid-19 estavam em vigor e na véspera do funeral do príncipe Philip, período de luto oficial no país.

Na sede do Legislativo britânico, Boris reagiu à deserção e negou que vá renunciar. "O Partido Conservador venceu [no distrito de] Bury South pela primeira vez em gerações sob o governo de um premiê com uma agenda de união", afirmou ele. "E vai ganhar de novo a próxima eleição em Bury South sob este premiê."

A fritura de Boris vem crescendo. Nesta quarta, o ex-ministro David Davis, que comandou entre 2016 e 2018 as ações do governo para deixar a União Europeia, pediu de forma dramática a renúncia do primeiro-ministro, retomando discurso de 1653 do lorde Oliver Cromwell condenando o Parlamento da época.

"Vou lembrá-lo de uma citação muito familiar a ele: 'Em nome de Deus, vá [embora]'", disse. "Espero que meus líderes assumam a responsabilidade pelas ações que tomam", afirmou Davis a Boris Johnson.

Para que seja aberto um processo para tirar o premiê do cargo, é necessário que ao menos 54 dos 360 parlamentares da legenda escrevam uma moção de desconfiança a um órgão do partido chamado Comitê de 1922. Nesse documento, eles devem expressar dúvidas de que o titular pode se manter no cargo. De acordo com o jornal The Telegraph, 11 parlamentares conservadores já haviam enviado as cartas na manhã desta quarta.

> Espero que meus líderes assumam a responsabilidade pelas ações que tomam
>
> **David Davis**
> ex-ministro de Estado que coordenou as medidas para saída da Grã-Bretanha da União Europeia

O governo aposta numa agenda positiva contra a crise, e Boris anunciou nesta quarta o fim de medidas de restrição impostas para conter o avanço da ômicron, responsável por novos picos de casos de Covid. Após bater recordes no começo de janeiro, a curva de infecções começou a cair, mas ainda está em cerca de 100 mil novas contaminações por dia, um número muito acima do registrado em ondas anteriores. Já a cifra de mortes diárias atingiu o maior nível em quase um ano.

Entre as medidas anunciadas por Boris Johnson estão o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras e dos passaportes vacinais, em um aceno ao seu eleitorado conservador, além da liberação da volta do trabalho presencial. Outras decisões de impacto também foram divulgadas nos últimos dias para tentar desviar a atenção da fritura que domina o noticiário, como o fim do financiamento público à rede britânica BBC.

Há desconfiança, porém, sobre se esses anúncios serão suficientes para salvar o premiê, em um momento em que o Partido Conservador já estuda quem poderia substituí-lo. Há dois nomes entre os mais cotados. Um deles é o do ministro das Finanças, Rishi Sunak, cofundador de uma corretora de investimentos, que entrou para o governo em 2018 como subsecretário parlamentar para Habitação, Comunidades e Governo Local. Antes de ocupar o cargo atual, havia sido também secretário-chefe do Tesouro.

A outra aposta é a secretária de Relações Exteriores, Liz Truss. Formada em filosofia, política e economia pela Universidade de Oxford, ela foi eleita para o Parlamento em 2010. Em 2019, recebeu o cargo de ministra para Mulheres e Igualdades e passou a cuidar da chancelaria em setembro.

Ajudou a piorar o cenário para Boris a publicação de um texto de Dominic Cummings, seu antigo conselheiro, em um blog na segunda-feira (17), no qual afirmava que o premiê estava ciente da festa na residência oficial e deu aval para que o evento acontecesse.

A alegação contraria o que Boris havia apresentado ao Parlamento. Em sua versão, ele alegou ter pensado que o encontro era uma reunião de trabalho, já que o jardim da residência oficial funciona, segundo ele, como uma extensão do escritório. O premiê afirmou que ele só permaneceu lá por 25 minutos para agradecer aos funcionários e, depois, voltou ao seu gabinete.

Uma pesquisa realizada pelo jornal The Independent aponta que 65% dos eleitores dizem não acreditar na desculpa — e o número se mantém alto mesmo quando a sondagem considera apenas os eleitores conservadores, com 54%.

Alex Brandon/Reuters

EUA DESTINAM US$ 200 MI À UCRÂNIA CONTRA UMA INVASÃO RUSSA

Os Estados Unidos aprovaram apoio de US$ 200 milhões a Kiev para ações de defesa, segundo teria confirmado um alto funcionário do Departamento de Estado americano à agência Reuters. Essa é a maior quantia enviada desde a anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014. Cerca de 100 mil soldados russos continuam na fronteira, e Moscou enviou tropas e equipamentos militares para a Belarus na segunda (17) para exercícios conjuntos, que devem começar em fevereiro. "Sabemos que existem planos para aumentar ainda mais essa força em um prazo muito curto, e isso dá ao presidente Putin a capacidade de tomar rapidamente mais ações agressivas contra a Ucrânia", disse Blinken. Na sexta-feira (21), ele se reunirá com o ministro das Relações Exteriores russo, Serguei Lavrov, em Genebra, e já prometeu "esforços diplomáticos implacáveis para evitar novas agressões e promover o diálogo e a paz"

Apresentação de samba na Arábia Saudita expõe contradições de abertura da monarquia

Diogo Bercito

WASHINGTON A cidade de Jazan, no sudoeste da Arábia Saudita, é conhecida por seu conservadorismo — isso em um dos países mais conservadores do mundo. Não espanta, assim, que a apresentação recente de um grupo de dançarinas em um arremedo de samba tenha causado furor e levado a uma investigação.

As passistas foram às ruas no início deste mês, como parte da programação de um festival de inverno. Cobertas de plumas, como num sambódromo brasileiro, saíram pelas ruas saudando a população. Balançando os ombros, batiam as mãos na palma das crianças que, hipnotizadas, seguiam seus passos. Mostravam barriga e pernas, em um país onde as mulheres costumam cobrir todo o corpo.

As imagens foram parar nas redes sociais, indignando alguns setores da população. O príncipe Mohammed bin Nasser, que governa a região, pediu uma investigação oficial.

O episódio evidencia as contradições do conturbado processo de abertura na Arábia Saudita, pelo qual o regime tem tentado projetar uma imagem de moderação — o que incomoda parte da população. O discurso de abertura, ademais, não significa o fim da repressão. Um exemplo dessas incongruências é o fato de que o festival de inverno foi promovido pelo mesmo príncipe que, poucos dias depois, diante de protestos, decidiu deixar o samba morrer.

Como se trata de um dos países mais fechados do mundo, pouco se sabe sobre o episódio. As autoridades de Jazan não responderam aos pedidos de esclarecimento da reportagem. Sauditas hesitam em falar com a imprensa, para evitar represálias, silêncio que vale até para os que moram no exterior, onde o regime consegue alcançar. É icônico o caso do jornalista Jamal Khashoggi, que foi morto e esquartejado dentro do próprio consulado saudita em Istambul, em 2018.

Ao que tudo indica, as dançarinas de Jazan não eram brasileiras. Ao menos não se registraram na representação diplomática do Brasil nem pediram a assistência consular. O governo brasileiro tampouco estava envolvido com a organização da apresentação musical. A imprensa local apenas descreveu as mulheres como "estrangeiras", dizendo que dançavam um samba.

> Acham que reformar o país significa abrir um McDonald's, mas não permitem que as pessoas tenham os seus direitos
>
> **Ali Alahmed**
> ativista saudita radicado nos Estados Unidos

A política de abertura saudita é um plano de sobrevivência. Nas últimas décadas, a monarquia se financiou com a exportação de petróleo — o país tem uma das maiores reservas conhecidas e é um de seus principais exportadores. O mundo, porém, tem investido em combustíveis alternativos, e o futuro sem o ouro negro assusta a monarquia.

Nesse contexto, o regime tem tentado melhorar a imagem no exterior. Quer, entre outras coisas, atrair estrangeiros — tanto que recentemente passou a facilitar concessão de vistos de turismo. Uma das apostas é reposicionar o país como um polo cultural relevante, algo que jamais foi. A figura por trás desses planos é Mohammed bin Salman, príncipe herdeiro e o líder local de fato.

Um dos símbolos dessa campanha é a inauguração recente de centenas de salas de cinema, em um país que os proibiu por 35 anos. Em dezembro passado, em um festival de música que contou com a participação de DJs estrangeiros, milhares de homens e mulheres dançaram juntos por dias no deserto — cena impensável até há pouco. A Arábia Saudita também esvaziou a instituição da polícia religiosa, que circulava pelas ruas do país perseguindo quem quer que se desviasse de suas normas ultraconservadoras.

As mudanças agradam, em especial, à população jovem do país, hoje a maioria. Dos 35 milhões de habitantes da Arábia Saudita, cerca de dois terços têm menos de 35 anos.

Mas a abertura vai aos trancos. Se com uma mão o regime permite avanços, com a outra pune duramente. Exemplo icônico dessa discordância é a permissão para que as mulheres dirijam no país, uma reivindicação social histórica. Ao mesmo tempo que celebrava a mudança, em 2018, a monarquia mandou prender quem havia batalhado por décadas pelo avanço. A mensagem era de que o país poderia até promover mudanças, desde que estivesse no controle do quê, do quando e do onde.

Ali Alahmed, ativista saudita radicado nos Estados Unidos, sugere que o caso do samba mostra quão pouco o regime pensou antes de planejar e promover o festival de Jazan. "Eles não antecipavam esse tipo de reação negativa. As mulheres estavam dançando nas ruas de uma região conservadora. Se tivessem pensado direito, não o teriam feito."

Alahmed aponta, também, que a política de abertura é pontual e não toca em questões fundamentais. O regime ainda proíbe, por exemplo, as celebrações do aniversário do profeta Maomé, porque sua interpretação conservadora do islã desencoraja qualquer coisa que possa parecer idolatria. O governo também dificulta a realização de cerimônias religiosas da vertente xiita, que é minoritária no país.

"Acham que reformar o país significa abrir um McDonald's", acrescenta. "Mas não permitem que as pessoas tenham os seus direitos."

mercado

Correção inflada no teto de gastos dá a Bolsonaro R$ 1,8 bi extra para gastar

IPCA de 2021 fica menor que a projeção usada para aumentar limite de despesas do governo

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A previsão de inflação adotada pelo Congresso na elaboração do Orçamento deste ano vai garantir ao governo Jair Bolsonaro (PL) espaço extra de R$ 1,8 bilhão para gastar em 2022, ano em que o presidente buscará a reeleição.

Os congressistas aprovaram a peça orçamentária com uma correção de 10,18% no teto de gastos, a regra que limita o avanço das despesas à inflação. Essa era a projeção para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) para 2021. Com isso, o teto de gastos foi fixado em R$ 1,679 trilhão para este ano.

A inflação, porém, acabou ficando em 10,06%, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Sob essa variação, o limite de despesas seria de R$ 1,677 trilhão.

A diferença exata é de R$ 1,829 bilhão, para todos os Poderes. Apenas o Executivo ficará com um ganho de R$ 1,75 bilhão. O governo entende que não é obrigado a cortar o excesso do teto de gastos no exercício de 2022.

A interpretação é que a PEC (proposta de emenda à Constituição) dos Precatórios permite que o ajuste seja feito apenas na base de cálculo do limite para o ano seguinte — nesse caso, 2023.

"O efeito do IPCA realizado (10,06%) menor que a projeção do IPCA utilizada na elaboração do substitutivo do Ploa [Projeto de Lei Orçamentária Anual] 2022 (10,18%) será refletido somente na elaboração do Ploa 2023", confirmou o Ministério da Economia à Folha.

Especialistas temem que congressistas encontrem na regra um incentivo para jogar para cima projeções de inflação e turbinar despesas de interesse de deputados e senadores nos próximos anos.

"Vai ter sempre ter uma incerteza. Chega [Orçamento do] ano que vem, podem superestimar de novo, prever inflação [de 2022] um ponto porcentual a mais e abater esse 0,12 [de diferença no IPCA em 2021]", afirma Marcos Mendes, pesquisador do Insper e colunista da Folha.

"Criou uma zona cinzenta", diz ele, que foi um dos formuladores do teto em 2016. Mendes é crítico das mudanças feitas pela PEC dos Precatórios, mas reconhece que a interpretação do governo tem sustentação no texto promulgado.

A emenda constitucional afirma que a diferença entre a projeção de inflação e o resultado final será calculada pelo Executivo "para fins de definição da base de cálculo dos respectivos limites do exercício seguinte".

A norma prevê ainda que o Ministério da Economia atualize mês a mês as projeções para o IPCA, até a aprovação do Orçamento. Mas o economista Leonardo Ribeiro, analista do Senado e especialista em contas públicas, diz que nenhum trecho da norma obriga o Congresso a usar o número oficial.

"Vamos criar uma nova contabilidade criativa. A estimativa de inflação vai ser ferramenta para criar margem [de gastos] e a gente está tratando de bilhões. Um 'erro' nessa estimativa de inflação pode ter impacto de bilhões", afirma Ribeiro.

Para ele, a interpretação adotada pela Economia pode fragilizar ainda mais o teto como âncora fiscal, depois de sucessivas mudanças na regra já terem arranhado sua credibilidade.

"O teto fica relacionado a uma inflação estimada pelo Congresso. Pode ter qualquer número aí", diz Ribeiro.

Antes da criação do teto, era comum os congressistas inflarem as previsões de receita no Orçamento para abrir caminho à elevação de despesas sem desrespeitar, no papel, a meta fiscal — que resulta da diferença entre gastos e arrecadação.

O problema é que a frustração dessas receitas obrigava o governo a cortar gastos, sob intenso desgaste político. Em seguida, o próprio governo e o Congresso foram criando exceções para despesas, em um processo que minou a credibilidade da meta fiscal.

Mendes entende que a brecha na regra do teto é mais estreita porque a correção ainda está vinculada à inflação, e será necessário justificar as estimativas adotadas.

"Agora, não deixa de ser um espaço de discricionariedade para acomodar R$ 1 bilhão para um lado, R$ 2 bilhões para outro", afirma.

A possibilidade de inflar o teto vem da mudança na regra de correção, aprovada na PEC dos Precatórios.

Antes, o limite era atualizado pelo IPCA observado entre julho do ano anterior e junho do mesmo ano de elaboração do Orçamento. Após a mudança, o índice a ser usado é o de janeiro a dezembro do ano de envio da peça orçamentária.

A proposta de Orçamento é enviada em 31 de agosto do ano anterior ao de sua vigência, quando a variação efetiva da inflação no ano ainda é desconhecida.

Pelo entendimento da área econômica, a diferença de R$ 1,8 bilhão estimada neste ano serve apenas como referência para a elaboração do Orçamento de 2023, a ser enviado no próximo mês de agosto.

No documento, a correção do teto deverá ser feita sobre R$ 1,677 trilhão, já com o excesso descontado. A interpretação evita que o governo precise fazer um corte ainda maior nas despesas previstas para 2022, ano eleitoral.

Até agora, a equipe econômica já mapeou a necessidade de vetar até R$ 9 bilhões em gastos para recompor outras despesas que ficaram subestimadas no Orçamento, como revelou a Folha.

Caso o governo precisasse corrigir desde já o teto de gastos, a tesourada precisaria ser ainda mais agressiva, um fator complicador em negociações já tensas nos bastidores do governo.

A ala política e a área econômica seguem em reuniões nesta semana para definir o tamanho do veto ao Orçamento, que pode ficar abaixo dos R$ 9 bilhões solicitados pela Economia. O prazo para a sanção é sexta-feira (21).

O ministro Paulo Guedes (Economia) Edu Andrade - 18.nov.21/ME

Projeção maior que a inflação libera R$ 1,8 bi a mais para o governo

Diferença do teto de gastos de cada Poder entre o que foi aprovado no Orçamento com base na projeção do IPCA para 2021 e a inflação oficial

Em R$ bilhões

R$ 1,829 bilhão
diferença entre o aprovado e a inflação efetiva

Fontes: IFI/Senado e Autógrafo do Ploa 2022

Desigualdade é prioridade, não regra fiscal, afirma Lula

Victoria Azevedo

SÃO PAULO O ex-presidente Lula (PT) disse que a desigualdade social deve ser colocada como prioridade do governo federal, e não o teto de gastos. O petista também disse que é preciso colocar em segundo plano o "compromisso fiscalista" do governo Jair Bolsonaro (PL).

Lula afirmou que tal compromisso fiscalista da atual gestão faz de tudo "para garantir dinheiro para pagar ao sistema financeiro e não faz nada para garantir o pagamento da dívida social que é histórica em nosso país".

"É preciso que a gente recupere a democracia para que a gente possa colocar a desigualdade na ordem do dia como prioridade de um governo e não colocar como prioridade o teto de gastos", disse ele. As declarações foram dadas em entrevista com jornalistas na manhã desta quarta (19).

Na conversa, o ex-presidente também disse que o sistema financeiro terá de aprender que não deve discutir apenas os seus interesses, mas sim considerar os problemas do país. "Precisamos discutir quem está preocupado com os milhões de brasileiros que estão dormindo na rua. Temos que discutir porque a massa salarial tem caído tanto nesse país, diminuindo o poder aquisitivo, e porque 74% das famílias estão endividadas."

O petista afirmou ainda na entrevista que é necessário começar a fazer perguntas "para aqueles que sempre fizeram perguntas para a gente".

"Toda vez que a gente vai num debate, as pessoas se inscrevem para fazer pergunta. 'E a dívida fiscal? E a dívida pública interna? E a dívida pública externa? E a taxa de juro?' Ou seja, ninguém pergunta como está vivendo o povo brasileiro", afirmou.

O petista também afirmou que para solucionar problemas no país é preciso "colocar o pobre no orçamento e em segundo lugar, colocar o rico no Imposto de Renda".

Lula disse ainda que a decisão de concorrer à Presidência só tem sentido se "tiver um compromisso de fé". "Esse país não é meu, não é seu. Ele é nosso."

Com Reuters

Leia mais sobre Lula em Poder

Economia fraca e drible orçamentário vão ampliar déficit, diz IFI

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO A IFI (Instituição Fiscal Independente) projeta uma piora no déficit primário do governo central em 2022.

O resultado de 2021 deve ficar negativo em R$ 38,2 bilhões, melhor resultado desde 2014, de acordo com informações levantadas pela IFI no Portal Siga Brasil, do Senado Federal. Mas, para 2022, a instituição projeta déficit de R$ 106,2 bilhões, acima dos R$ 79,4 bilhões previstos no Orçamento aprovado pelo Congresso.

A IFI também estima que o gasto total do Auxílio Brasil para 2022 (R$ 89,1 bilhões) será praticamente igual à despesa de 2021 com Bolsa Família, Auxílio Emergencial e o próprio Auxílio Brasil no final do ano (R$ 90 bilhões).

Os números são parte do Relatório de Acompanhamento Fiscal da IFI de janeiro, divulgado nesta quarta-feira (19).

Segundo a IFI, dois fatores explicam esse aumento. O primeiro é o aumento de despesas possibilitado pelas mudanças no teto de gastos. O segundo, o crescimento mais moderado da receita, em razão da perda de força da atividade econômica e de uma queda na relação de termos de troca — a relação entre os preços de exportação de um país e os preços de importação.

A aprovação da PEC dos Precatórios gerou um espaço fiscal total de R$ 112,6 bilhões no teto de gastos de 2022. Desse valor, R$ 54,6 bilhões são destinados ao Auxílio Brasil (que já tinha outros R$ 34,7 bilhões previstos), R$ 27,5 bilhões para a Previdência e R$ 16,5 bilhões em emendas do relator, entre outras despesas.

Além disso, como mostrou a Folha, a inflação no final de 2021 ficou abaixo do previsto no Orçamento, elevando o teto em mais R$ 1,8 bilhão, dado também destacado no relatório da IFI.

"O principal risco associado a esse cenário é a criação ou ampliação de novas despesas primárias permanentes, como o reajuste ao funcionalismo ora em discussão", afirma a IFI.

A IFI destaca que quase todos os principais grupos de despesas registraram queda ao longo de 2021, considerando dados até novembro. A despesa com benefícios previdenciários do regime geral da Previdência recuou 1,1%, descontada a inflação. O gasto com pessoal caiu 5,1% em termos reais. As despesas discricionárias, o que inclui investimentos e manutenção da máquina pública, recuaram 0,5%.

Presidente diz que pode dar reajuste só para policiais

O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta quarta (19) que pode garantir reajuste só para policiais federais, rodoviários federais e agentes penitenciários. Ele descartou uma correção para outras categorias no Orçamento de 2022, mas prometeu aumento no ano seguinte. As declarações ocorreram em entrevista à TV Jovem Pan. "A gente pode fazer justiça com três categorias. Não vai fazer justiça com as demais, sei disso. Fica aquela velha pergunta a todos: vamos salvar três categorias ou vai todo mundo sofrer no corrente ano?", disse Bolsonaro.

Déficit do governo central em 2021 deve ser o menor desde 2014

Em R$ bilhões, corrigidos pelo IPCA

*Estimativa com informações levantadas pela IFI no Siga Brasil/Senado
**Projeção da IFI
Fontes: Tesouro Nacional e IFI (Instituição Fiscal Independente)

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Sinal verde

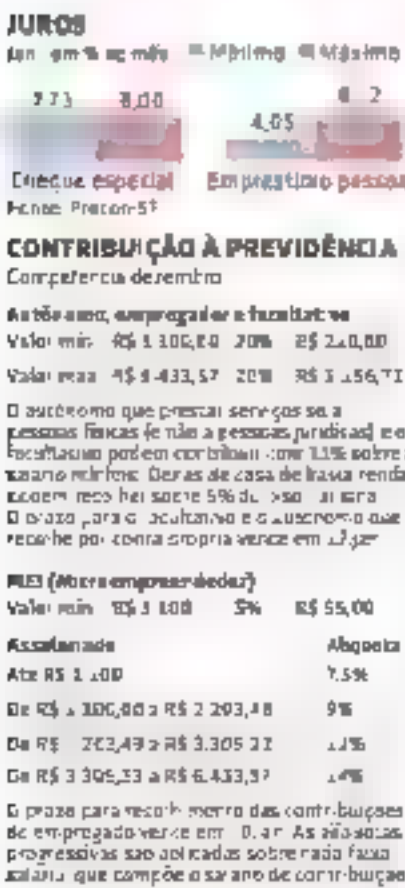
Mesmo sem limites à circulação de pessoas para conter o avanço da Covid, o trânsito na capital paulista recuou neste mês de janeiro. A média mensal de lentidão nos dias úteis no primeiro mês do ano, que antes da pandemia foi de 96 km em 2019 e 78 km em 2020, está em apenas 24 km, conforme os dados parciais da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego). A tendência é que fique abaixo dos 54 km de janeiro de 2021, quando os paulistanos ainda esperavam a vacina.

FREIO O avanço da ômicron, as viagens de férias escolares e o preço do combustível são apontados como possíveis causas do recuo. O varejo sente a queda no movimento. "Há uma desaceleração por causa dos juros mais altos, desemprego, perda de poder aquisitivo, e o temor dos consumidores em se contaminar pela Covid", diz Ulisses Ruiz de Gamboa, da ACSP (Associação Comercial de São Paulo).

LUZ VERMELHA Gamboa prevê que a desaceleração nas vendas continue em janeiro e até se intensifique, caso a pandemia piore. "O aumento de preços de itens básicos reduz o poder de compra. O fato de a gasolina estar mais cara também inibe uma maior circulação veicular. Dá para notar que está bem tranquilo [o trânsito]. É um indicador de que a atividade econômica está desacelerando", diz.

ALERTA A MedLevensohn, fornecedora de testes rápidos para Covid e influenza, enviou mensagem aos clientes avisando que a liberação alfandegária de um lote de exames para gripe, que chegou ao Brasil no dia 9 de janeiro, estava "extremamente lenta". A empresa afirma que o produto já foi liberado e que fez o comunicado para manter os clientes informados sobre o cenário.

GARGALO Na mensagem, a MedLevensohn atribuiu a demora ao alto índice de afastamento de fiscais contaminados da Secretaria da Fazenda que trabalham nos portos, além de reivindicações da categoria que poderiam estar atrasando o processo. O lote tem 250 mil unidades dos testes rápidos para diagnóstico da influenza. Procurada pela reportagem, a Receita Federal não respondeu.

BOCA NO TROMBONE A quantidade de queixas dos consumidores que tiveram problema para conseguir teste de Covid explodiu neste início de ano, segundo o Reclame Aqui. De janeiro a dezembro de 2021, o conjunto de laboratórios e farmácias que corresponde a mais de 90% do total de reclamações recebeu 2.496 queixas sobre teste de Covid. Só na primeira quinzena deste ano, o total chega a 2.113.

O BOM FILHO... O movimento sindical nacional dos bancários obteve nesta quarta-feira (19) uma decisão provisória na Justiça para que o Banco do Brasil coloque em home office todos os funcionários que trabalham em prédios comerciais sem atendimento ao público até que diminuam os casos de Covid-19.

...À CASA TORNA A tutela antecipada determina ainda que o banco siga seu manual de segurança sobre a pandemia, que vigorou até o último dia 4 e exigia uso de máscara, fechamento para limpeza das agências com registro de contaminação e outras medidas.

COFRE Por meio da Contraf-CUT, a categoria acionou o MPT (Ministério Público do Trabalho) contra a decisão do BB de alterar o documento. O não cumprimento das determinações em 48h pode gerar multa diária de R$ 50 mil. O Banco do Brasil afirma que tomou conhecimento da decisão e está avaliando a adoção das medidas cabíveis.

LÁ VEM O SOL A Huawei, em parceria com a ABGD (Associação Brasileira de Geração Distribuída), vai estacionar uma carreta em São Paulo, para dar aulas gratuitas sobre instalação de sistemas fotovoltaicos. O veículo, que já percorreu 49 cidades de 17 estados, vai ficar parado na Universidade Mackenzie.

VERÃO O projeto Road Show Huawei Solar conta com uma sala de aula e um cenário com cozinha e lavanderia alimentadas por energia solar. Serão atendidas 80 pessoas na capital paulista. Os alunos devem apresentar comprovante de cobertura vacinal completa contra a Covid-19 e levar 1 kg de alimento não perecível.

DOU-LHE UMA O Grupo Pão de Açúcar prepara mais dois leilões com itens que sobraram das lojas do Extra que serão transformadas em Assaí. Serão mais 52 lotes de mobiliário, peças de segurança, balcões, compressores, ar-condicionado, gôndolas, fogões industriais, bancadas e outros. Os valores chegam a R$ 95 mil, e o arremate termina no dia 26 de janeiro, segundo o Superbid Marketplace.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS
Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	6,[illegible]2

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do salário mínimo. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,01 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Dedução, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.256,33	Valor em R$
Empregado	116,66
Empregador	255,36

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 12% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário até o teto do INSS

Governador do Rio diz que Guedes vai analisar plano de recuperação

Equipes vão discutir sete pontos de divergência na proposta do estado e tentar buscar solução dentro de prazo de 15 dias

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), disse nesta quarta-feira (19) que negociou com o ministro da Economia, Paulo Guedes, um prazo de 15 dias para que o plano de recuperação fiscal do estado seja reanalisado pelos técnicos.

Nesse período, as equipes vão rediscutir sete pontos do plano que geram divergência. O governador não detalhou quais seriam os tópicos e defendeu a proposta original apresentada pelo Rio de Janeiro. Ele não descarta a possibilidade de rever o plano, embora evite dar isso como algo certo.

"Ainda não é uma revisão, ainda são esclarecimentos de pontos. Antes de a gente falar em revisão de plano e mudar, houve um aprofundamento do que o plano quer dizer", afirmou Castro.

"Tem questão de legislação, tem questão de entendimento do que é o plano, tem questão de entendimento da economia do Rio em si. Há realmente mais coisa a se aprofundar, e ao longo desses 15 dias [...] as equipes tentarão chegar ao máximo de pontos que haja convergência", disse.

Castro esteve na sede da Economia, em Brasília, dois dias após a divulgação de pareceres do Tesouro Nacional e da PGFN (Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional) recomendando a rejeição do plano, que prevê aumentos de gastos até 2030, incluindo reajustes anuais para servidores.

A decisão da Economia de barrar o ingresso do estado no programa de socorro foi antecipada pela Folha.

O Tesouro Nacional classificou o plano do Rio de Janeiro como precário e baseado em "premissas técnicas frágeis". O documento alertou para o risco elevado de a execução do plano proposto não resultar na recuperação esperada das finanças do estado.

Castro defendeu o plano do Rio de Janeiro. "As premissas não eram falhas. As premissas são embasadas", disse. Segundo ele, o estado vai tentar convencer os técnicos do governo federal sobre esses pontos de divergência.

"Tem que entender que até agora não há decisão alguma. Até agora o que é são a apresentação de pareceres. Nós estamos debatendo acerca do que dissemos os pareceres. Então, nem o ministro [Guedes] tomou a decisão, nem o presidente tomou a decisão", afirmou o governador.

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PSC) Zô Guimarães - 27.jan.21/Folhapress

> Ainda não é uma revisão, ainda são esclarecimentos de pontos. Antes de a gente falar em revisão de plano e mudar, houve um aprofundamento do que o plano quer dizer
>
> **Cláudio Castro**
> governador do Rio de Janeiro

"Esses pareceres serão agora, então, revistos conforme nós conjuntamente acharmos as soluções e as explicações necessárias, ainda que sejam por parte do governo do estado ou por parte do Ministério da Economia", acrescentou.

Sem o respaldo dos técnicos, Guedes não pode recomendar ao presidente Jair Bolsonaro (PL) a homologação do plano de socorro.

O RRF (Regime de Recuperação Fiscal) é um programa de socorro desenhado para estados endividados. O Rio de Janeiro foi o primeiro a entrar em 2017, e agora pleiteia nova adesão após mudanças das regras do programa.

Ao ingressar no regime, o estado tem alívio imediato no pagamento de dívidas com a União e outros credores, em troca da implementação de medidas de ajuste fiscal.

O governo estadual se compromete com a realização de concessões, privatizações e outras ações para melhorar a arrecadação e reduzir despesas. Ao mesmo tempo, precisa respeitar as vedações a criação de novos cargos, concessão de aumentos e elevação de despesas.

As críticas do Tesouro vêm do fato de que o plano do Rio de Janeiro prevê a concessão de reajustes salariais em todos os anos do regime de recuperação, além de aumento de outras despesas, no momento em que o estado deveria estar focado em controle de gastos.

Além disso, na semana em que o governo federal concluiria a análise do plano de recuperação do Rio de Janeiro, o governador anunciou em sua conta no Twitter um aumento das gratificações pagas a policiais militares e bombeiros.

Castro, que assumiu o governo após o afastamento de Wilson Witzel (PSC), pretende concorrer à reeleição em 2022.

Após os pareceres contrários ao ingresso do Rio de Janeiro na recuperação fiscal, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), saiu em defesa do estado.

"Peço que a Economia tenha sensibilidade e bom senso para não sufocar um estado que tanto nos orgulha. Que tanto entregou ao país e que, com trabalho e fé, voltará a ser um motor de crescimento nas áreas da cultura, turismo, além de óleo e gás", escreveu Lira.

Dois secretários e um diretor deixam cargos no Ministério da Economia a pedido

BRASÍLIA Dois secretários e um diretor do Ministério da Economia tiveram a exoneração publicada na edição desta quarta-feira (19) do Diário Oficial da União.

Todas as saídas foram registradas como "a pedido" dos próprios funcionários.

Cristiano Rocha Heckert deixou o cargo de secretário de Gestão da Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital.

Gustavo José de Guimarães e Souza foi exonerado da função de secretário de Avaliação, Planejamento, Energia e Loteria da Secretaria Especial do Tesouro e Orçamento.

Já Mauro Sergio Bogea Soares deixou o cargo de diretor de programa da Secretaria Especial da Receita Federal.

QUEM SAI DA PASTA

Cristiano Rocha Heckert
secretário de Gestão da Secretaria de Desburocratização)

Gustavo José de Guimarães e Souza
secretário de Avaliação e Planejamento

Mauro Sergio Bogea Soares
diretor de programa da Secretaria Especial da Receita

O ministro Paulo Guedes perdeu nomes da cúpula da Economia desde o começo do governo Jair Bolsonaro (PL). Em outubro de 2021, quatro secretários da equipe econômica pediram demissão por discordarem de manobras para turbinar gastos.

No caso das exonerações publicadas nesta quarta-feira (19), os dois secretários devem assumir outras funções.

Heckert foi escolhido em dezembro para ser o novo diretor-presidente da Funpresp-Exe (Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Executivo).

Já Guimarães recebeu convite para atuar no Legislativo, segundo a assessoria do Ministério da Economia. A secretaria antes ocupada por ele tem debatido a regulamentação das apostas esportivas.

Em nota, a Economia disse que Fernando Sertã Meressi, hoje subsecretário de planejamento governamental, irá substituir Guimarães.

Também foi confirmada nesta quarta a demissão de Alexandre Avelino Pereira do cargo de diretor de Gestão e Planejamento do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). O auditor da CGU Jofran Lima Roseno foi nomeado para esta função.

Às vésperas do Enem de 2021, o Inep passa por uma crise histórica com a debandada de servidores de postos-chave. **Mateus Vargas e Idiana Tomazelli**

PT contra Alckmin e mudanças reais

Partido tem seus motivos políticos, mas dá sinal também de que não quer mudar

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Petistas eram de Marte e tucanos eram de Vênus. Parecia distância astronômica dos motores quando se dava de barato que a democracia não iria para o vinagre. Depois de 2013, o caldo azedou até o ponto de se descobrir que, na lonjura dos infernos de Plutão, mora a extrema direita.

Inventar coalizões que tentem preservar a democracia a partir de 2023 é o mínimo que se espera dos candidatos do universo da razão e da decência elementares. Um caso pode ser o da aliança do PT com Geraldo Alckmin e partidos e quadros que o ex-tucano possa atrair para a órbita de Lula da Silva. Mas, como é cada vez mais gritante, Alckmin desce quadrado, se desce, para muito petista e boa parte da esquerda.

Primeiro trata-se de uma disputa de poder: o PT não quer que gente de fora vá bicar um governo que, imagina, vai receber de bandeja em outubro; não seria preciso dar lugar para a direita (fora o centrão que receberá cargos caso Lula vença). Mesmo que a maioria dos petistas vá parar de tossir e mugir quando Lula bater o martelo, a ideia é vender caro a insatisfação.

Segundo, trata-se mesmo de diferença política, ideológica e de velhos acertos de contas, pois PT e PSDB paulista foram adversários de quase morte. Terceiro, é um indício de que muito petista e companheiro de viagem acha que "os bons tempos vão voltar" ou que Lula 3 pode ir além das concessões que teria havido durante Lula 1 e 2. Este jornalista já ouviu petista "histórico" fazendo comparação anacrônica de Lula com os Getulio Vargas de 1930-45 e o do governo "nacional e popular" (diz a lenda) de 1951-54. Quase nenhum eleitor terá ideia do que se trata, mas não cai bem.

Essa e outras conversas sugerem que o grosso do PT não tem lá muita preocupação com os problemas que a "direita" quer resolver com suas "reformas". No entanto, esses problemas emperram o país faz mais de 40 anos.

Pouco se ouve, ou ouve-se com tédio ou arrepios, a respeito do que Lula 3 faria dos problemas de eficiência econômica, sem a que não haverá crescimento e talvez nem democracia. É preciso dizer o que vai ser feito de aumento da concorrência, da qualidade da alocação do capital (da escolha dos investimentos produtivos pela iniciativa privada). Para tanto, é preciso pensar o que fazer de abertura comercial, de reforma tributária, de subsídios e favores, de facilidades de investimento: de ter uma economia de mercado funcional. São apenas uns poucos exemplos cascudos, pois o crescimento depende de muito mais.

Um motivo para colocar Alckmin na chapa de Lula seria também "tranquilizar o mercado", essa frase idiota. Se Alckmin for um vice decorativo, para inglês ver, tanto faz. Se levar partidos e quadros, melhor (importam agora alianças quaisquer contra os hunos). Mas indicar uma reflexão nova do PT sobre os problemas do crescimento seria essencial. Não quer dizer que o governo do PT deva ser um "Ponte para o Futuro", "neoliberal", com esmolas. Quer dizer apenas que é preciso mudar essa economia caquética, disfuncional e organizada por favores. Rejeitar alianças é, mais do que soberba jeca, sinal de passadismo e de esquecimento de erros e desastres dos anos petistas. Bater em Alckmin (ou coisa que o valha) é indício dessa amnésia com burrice.

Coalizões, a do PT ou outras, são necessárias para levar a democracia adiante. Mas são um meio também de agregar quadros diversos e capazes a fim de pensar de modo novo e mais civilizado a reforma da economia, reforma sem aspas "liberais". Por fim, é uma questão pragmática: sem planos viáveis para déficit, dívida, eficiência, o governo pode começar a acabar já em 2023. É preciso inventar uma geringonça brasileira.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Para empresários, crise do clima afetará negócios, diz PwC

Executivos brasileiros veem impacto na venda de produtos e serviços em 2022, mas não no longo prazo

Thiago Bethônico

SÃO PAULO A maioria dos executivos brasileiros (63%) acredita que as mudanças climáticas devem impactar a venda de produtos e serviços ao longo de 2022. É o que mostra a 25ª edição da pesquisa CEO Survey, feita pela empresa de consultoria e auditoria PwC.

Além do efeito na comercialização, 45% do empresariado acha que o problema vai afetar o aumento de capital, e 39% temem pela interferência do clima no desenvolvimento de produtos e serviços.

O levantamento ouviu mais de 4.400 executivos em 89 países, entre outubro e novembro de 2021. Ao todo, 94% das entrevistas foram conduzidas online e 6% por carta, telefone ou presencialmente.

A preocupação com os efeitos da crise climática nos próximos 12 meses é maior entre os empresários brasileiros, aponta a pesquisa.

No recorte global, são 54% os que esperam impactos nas vendas, e 28%, no aumento de capital. A exceção fica por conta do desenvolvimento de produtos e serviços que, no mundo, é temido por 48% dos diretores-executivos.

Contudo, o levantamento aponta para uma possível contradição. Apesar da preocupação imediata, os líderes brasileiros não veem as mudanças climáticas como uma grande ameaça ao crescimento das companhias no longo prazo.

O empresariado diz temer mais por choques na economia global e ataques digitais do que por questões climáticas ou sociais.

A instabilidade macroeconômica é considerada a principal ameaça aos resultados da empresa por 69%, enquanto os riscos cibernéticos são citados pela metade dos entrevistados. Apenas 36% mencionam as mudanças climáticas, e 38%, a desigualdade social.

Para Mauricio Colombari, sócio da PwC Brasil, é possível que os executivos estejam mais preocupados com riscos físicos imediatos — como secas, enchentes e outros fenômenos climáticos — o que ajudaria a explicar a aparente incoerência entre preocupação no curto e longo prazos.

"Pegamos uma época onde muitos riscos físicos estão se materializando. Por um lado, temos a crise hídrica, por outro há empresas interrompendo operações pelo excesso de chuvas", diz.

Um reflexo do baixo senso de urgência em relação aos efeitos do clima no longo prazo pode ser percebido pela baixa adesão do mercado ao Net Zero — compromisso em zerar as emissões de carbono.

Segundo o levantamento, 27% das companhias brasileiras assumiram alguma meta Net Zero. No recorte global, a média é de 22%. Entre as empresas brasileiras que firmaram o compromisso de serem carbono neutras, 43% dizem que o objetivo não está alinhado a metas científicas — o que também causa estranheza, segundo Colombari.

"Dizer que possui um compromisso Net Zero, por definição, deveria ser algo respaldado por critérios científicos", afirma.

"A gente percebe que, apesar de tanto se falar em mudanças climáticas e desigualdade social, as temáticas ESG [ambiental, social e governança] continuam atrás de outras", diz Colombari.

Fonte: 25ª CEO Survey (PwC)

Investimento externo no Brasil dobra, mas segue abaixo de 2019

Douglas Gavras

CURITIBA Após um 2020 de queda na economia internacional, o IED (Investimento Estrangeiro Direto) global teve forte recuperação em 2021, mas a retomada se deu de forma desigual, e o Brasil ainda não voltou ao nível pré-pandemia, segundo a Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento).

De acordo com o monitor da Unctad publicado nesta quarta-feira (19), os fluxos globais de investimento estrangeiro direto tiveram forte recuperação em 2021, ao subir 77%, para cerca de US$ 1,65 trilhão (R$ 9,07 trilhões), superando o nível pré-Covid.

No caso do Brasil, o IED mais que dobrou no ano passado, para US$ 58 bilhões (R$ 318,8 bilhões), mas vindo de um patamar baixo em 2020 (US$ 28 bilhões ou R$ 153,9 bilhões), segundo a agência da ONU.

O relatório também ressalta que as entradas de investimento estrangeiro no país se recuperaram, mas permaneceram um pouco abaixo do nível pré-pandemia.

As economias desenvolvidas tiveram o maior aumento de longe, com o IED atingindo cerca de US$ 777 bilhões (R$ 4,27 trilhões) em 2021 — três vezes o nível de 2020, mostra o relatório.

Os investimentos nos EUA mais do que dobraram, influenciados por um aumento nas fusões e aquisições.

"A recuperação dos fluxos de investimento para os países em desenvolvimento é encorajadora, mas a estagnação de novos investimentos em países menos desenvolvidos e em setores da indústria importantes para as cadeias produtivas [...] é motivo de preocupação", disse a secretária-geral da Unctad, Rebeca Grynspan.

Fórum Econômico Mundial premia fundador da Cufa

SÃO PAULO Celso Athayde, fundador da Cufa (Central Única das Favelas), foi escolhido nesta terça-feira (18) Empreendedor Social do Ano pela Fundação Schwab para integrar a comunidade de inovadores ligada ao Fórum Econômico Mundial.

A nomeação de Athayde já havia sido divulgada em outubro, mas a cerimônia oficial ocorreu na manhã desta terça, de forma virtual, diretamente de Davos, na Suíça, onde está sendo realizado o Fórum. Outros 14 empreendedores sociais de outros países também foram nomeados.

Athayde foi reconhecido pelo trabalho de 24 anos à frente da Cufa e pela Favela Holding, grupo de 23 empresas criado em 2015 que tem o objetivo de desenvolver novos negócios e gerar empregos para os moradores das comunidades.

Ele também esteve à frente do Mães da Favela, projeto que mitigou os efeitos da crise da pandemia em 5.000 comunidades do país.

"Fico feliz demais quando o trabalho que fazemos é reconhecido. Lembro que insistimos com o nome favela há mais de 20 anos. Lembre que fomos os primeiros a criar negócios estruturados em favelas", escreveu Athayde no Instagram.

Stone tenta recuperar confiança após tombo de 80% nas ações

Inadimplência, alta dos juros e dificuldades operacionais afetaram desempenho da adquirente nos últimos meses

Lucas Bombana

SÃO PAULO Em meio a dificuldades acima das previstas inicialmente para explorar novas frentes de crescimento na área de crédito, a empresa de maquininhas de pagamento Stone viu suas ações passarem por uma brusca reprecificação durante o ano passado.

Após alcançar sua máxima histórica de US$ 94,09 (R$ 517,98) em meados de fevereiro de 2021, os papéis da empresa fundada em 2012 por André Street e Eduardo Pontes despencaram desde então.

Em 31 de dezembro, as ações na Bolsa americana Nasdaq, onde a empresa fez a abertura de capital (IPO, na sigla em inglês) em 2018, eram negociadas a US$ 16,86 (R$ 92,81), uma queda de 82,1%.

Entre as principais ações de empresas de meios de pagamento negociadas nas Bolsas dos Estados Unidos, a Stone foi a que amargou a maior desvalorização no acumulado do ano fechado de 2021, de cerca de 79,9%. Nomes de destaque dentro do nicho em escala global fecharam o ano passado com perdas significativas, mas em menor intensidade. As ações da PayPal encerraram o período com perdas de cerca de 19,5%, enquanto os papéis da Global Payments caíram 37,2%.

Para o ambiente macroeconômico brasileiro desafiador para empresas de pequeno e médio porte do setor de consumo e varejo, público-alvo da Stone, a confiança dos investidores ficou seriamente abalada depois de a empresa reportar problemas de originação de crédito no segundo trimestre do ano passado, o que levou inclusive à suspensão da oferta no final de junho.

"Uma das principais razões para o bom desempenho das ações da Stone em 2020 havia sido pela crença do mercado de que a companhia estava de fato conseguindo crescer o produto de crédito em uma boa velocidade. E, no primeiro semestre do ano passado, tivemos alguns sinais de que essa frente não estava se desenvolvendo da forma como imaginávamos", diz Marco Calvi, analista do Itaú BBA.

Níveis elevados de inadimplência experimentados no segmento de pequenas e médias empresas, em um ano no qual a economia não ganhou tração conforme o esperado pelos especialistas, assim como dificuldades operacionais para fazer as adequações necessárias à regulamentação e às plataformas de registro de recebíveis do mercado, foram apontadas pela empresa entre as principais causas para explicar o desempenho aquém das expectativas.

"Toda a inteligência por trás do modelo de crédito talvez estivesse em um estágio abaixo do que o mercado entendia que estava no começo de 2021", diz o analista do Itaú BBA.

"Veio a segunda onda da pandemia, a Stone talvez tenha sido mais agressiva do que deveria na operação de crédito, e perdeu um pouco da confiança do mercado por não ter sido 100% transparente em relatar os problemas que estavam ocorrendo", afirma Lucas Ribeiro, analista de ações da gestora de recursos Kinitro Capital.

Da carteira de crédito de cerca de R$ 1,99 bilhão da Stone em junho do ano passado, aproximadamente 35%, ou algo como R$ 700 milhões, estavam concentrados em clientes que não conseguiram amortizar o principal por 60 dias.

"Nosso negócio de crédito continua em estágio inicial e cometemos alguns erros de execução, principalmente sem prever como o mau funcionamento do sistema de registros [de recebíveis] poderia prejudicar o negócio", informou a empresa no balanço de resultados do segundo trimestre de 2021.

A companhia reconheceu na ocasião que por estar em um estágio ainda inicial em seu processo de concessão de crédito, esse é um trabalho que precisa passar por uma série de aperfeiçoamentos.

Mas disse também que o funcionamento inadequado das plataformas de mercado desempenhou um papel importante nos resultados, ao permitir que os comerciantes transferissem as transações para outros serviços de adquirência que, na prática, burlavam as garantias colaterais que haviam sido concedidas à Stone.

"Temos vivenciado uma quantidade impressionante de aprendizados que usaremos como combustível para impulsionar a construção do que vislumbramos como uma solução de crédito muito melhor para atender os lojistas."

Mesmo após toda desvalorização já experimentada pelas ações da Stone, para 2022, analistas avaliam que a empresa precisará se provar para assim conseguir atrair novos interessados ao papel.

"A Cielo é a prova de que uma empresa em uma dinâmica ruim que não consegue superar os problemas pode ficar cada vez mais barata", diz Ribeiro.

Até porque, acrescenta ele, com as sinalizações do Federal Reserve (banco central dos Estados Unidos) sobre o início do ciclo de aperto monetário na economia americana, ações de empresas de tecnologia de um modo geral têm sido olhadas com uma dose um pouco maior de cautela por parte dos investidores.

Entre as principais ações de empresas de meios de pagamento negociadas no mercado americano, as brasileiras acabaram sendo mais punidas em comparação a pares do setor em escala global.

"Ainda existem muitas questões a serem respondidas em relação à Stone, principalmente relacionadas à capacidade da empresa de executar uma política de reprecificação de taxas e para reformular seu produto de crédito. Avaliamos que a Stone está enfrentando uma tempestade perfeita. Isso envolve os desafios associados à incorporação da Linx [adquirida em outubro de 2020], pressão sobre a rentabilidade dos produtos de meios de pagamento e o contínuo desafio de reformular completamente o produto de crédito", diz relatório de dezembro do Itaú BBA.

Procurada, a Stone não quis comentar.

> Toda a inteligência por trás do modelo de crédito [da Stone] talvez estivesse em um estágio abaixo do que o mercado entendia que estava no começo de 2021
>
> **Marco Calvi**
> analista do Itaú BBA

Desempenho das ações da Stone desde o IPO

Fechamento (em US$)

91,8 — 24 — 16,8 — 24.out.2018 — 16.fev.2021 — 14.jan.2022

Dólar cai a R$ 5,47 com aceno de Lula a Alckmin e commodities em alta

Clayton Castelani

SÃO PAULO A Bolsa de Valores brasileira atingiu a maior pontuação em um mês nesta quarta-feira (19), enquanto o dólar recuou a sua menor cotação em um bimestre. Contribuíram para esses resultados as expectativas de aumento das exportações de minério de ferro para a China, onde o governo prometeu mais estímulos econômicos, e de um cenário político menos polarizado.

Ressoou também entre investidores a fala do ex-presidente Lula (PT), que defendeu a união com Geraldo Alckmin (sem partido). Não há consenso entre analistas, porém, quanto ao efeito sobre o mercado da aproximação do petista com o ex-governador de São Paulo.

O Ibovespa, referência do mercado acionário do país, subiu 1,26%, a 108.013 pontos. O índice não frequentava essa pontuação havia um mês. O dólar caiu 1,70%, a R$ 5,4660. É a menor cotação da divisa americana desde a primeira quinzena de novembro.

A maior contribuição para a alta da Bolsa ficou com a Vale, que subiu 2,20%. Os setores de mineração e siderurgia passam por um momento de alta diante da expectativa do suporte econômico prometido pelo governo da China para amenizar os impactos da crise imobiliária no país, que é o maior consumidor de insumos para a produção de aço.

"Seguindo uma rota oposta dos bancos centrais da maior parte dos países, o Banco Popular da China está sinalizando que usará mais ferramentas de política monetária para estimular a economia e impulsionar a expansão do crédito. O movimento reacende a demanda do minério de ferro", comentou Antônio Sanches, especialista da Rico Investimentos.

Demais contribuições positivas ao Ibovespa ficaram praticamente concentradas nas fortes altas do varejo. Com crescimento de 7,13%, a Magazine Luiza ficou entre as empresas mais negociadas do pregão. A Americanas subiu 9,90%. A Via Varejo, 6,67%.

A alta do varejo reflete a queda dos juros. Os contratos de juros DI (Depósitos Interbancários) para 2023, referência para financiamentos neste ano, cederam 0,05 ponto percentual, para 12,03% ao ano. Os juros DI para 2025 caíram 0,2 ponto percentual, a 11,27% ao ano.

Jansen Costa, sócio-fundador da Fatorial Investimentos, diz que agradou ao mercado a fala de Lula sobre não haver problemas em fazer aliança com Alckmin. "A fala agrada e o aproxima do mercado", comentou o analista.

Virgílio Lage, especialista da Valor Investimentos, rebaixou, porém, o peso das declarações do ex-presidente no desempenho dos mercados. Ele avalia que a estabilização do cenário político com vistas para as eleições tende, de fato, a diminuir a percepção de risco para investimentos estrangeiros. Mas considera que isso está ocorrendo porque a Bolsa está barata.

"O Lula não foi o principal fator. O principal é que os países emergentes, principalmente o Brasil, estão entre as Bolsas mais baratas do mundo", comentou Costa.

tec

Aposta da Microsoft na Activision vai gerar guerras nos games

Transação de US$ 75 bilhões deve provocar escrutínio intenso por autoridades antitruste de todo o mundo

Richard Waters

SAN FRANCISCO | FINANCIAL TIMES Se o caminho para o metaverso passa pela indústria do videogame atual, o acordo de US$ 75 bilhões (R$ 414 bi) que a Microsoft fechou para adquirir a Activision Blizzard pode se provar uma das transações cruciais para a próxima era da tecnologia.

A aquisição paga integralmente em dinheiro, anunciada na terça-feira (18), explodiu como uma bomba no mundo dos videogames. Ao reunir cerca de 30 estúdios de jogos sob o mesmo teto, "as implicações dessa transação causarão ondas de choque em todo o setor", disse Piers Harding-Rolls, analista de games na Ampere Analysis.

As reverberações ecoaram nos mercados de ações, a Sony abriu em baixa de quase 10% em Tóquio na quarta-feira (19), e outros fabricantes de games registraram altas, com a expectativa de uma nova rodada de fusões e aquisições.

A grande aquisição promete transformar a Microsoft em uma das maiores criadoras de entretenimento interativo, desordenar as redes existentes de alianças e rivalidades competitivas que ditam os rumos de um setor que movimenta US$ 200 bilhões (R$ 1,1 tri) ao ano, e ajudar a preparar as fundações para os mundos virtuais completamente abrangentes que existirão no futuro —tudo isso de uma vez.

"É uma nova guerra do conteúdo, em estilo Web 3.0", disse Neil Campling, da Mirabaud Securities. Mas a transação também deve provocar escrutínio intenso pelas autoridades antitruste de todo o planeta, para as quais qualquer jogada das maiores companhias de tecnologia dos Estados Unidos para chegar ao topo de novos mercados importantes por meio de aquisições se tornou uma preocupação.

É tudo muito diferente do que os investidores esperavam quando Satya Nadella assumiu como presidente-executivo da Microsoft em 2014. Na época, ele enfrentou apelos para que abandonasse a divisão Xbox de consoles de videogames para concentrar todos os recursos da empresa em recuperar o terreno perdido na computação em nuvem.

Em lugar disso, Nadella se apegou à ideia de construir novas audiências para a Microsoft com base em comunidades de pessoas formadas em torno dos games, e fez da aquisição da produtora de Minecraft sua primeira transação no comando da companhia.

Outras tentativas de aquisição de comunidades online significativas —entre as quais o app chinês de vídeo TikTok e o serviço de chat Discord— deram em nada, o que levou Nadella a se concentrar nos games como melhor maneira de construir uma audiência de massa.

Ao estender a integração vertical da Microsoft nos games, reforçando sua criação de conteúdo a fim de suplementar os sistemas de distribuição de jogos do console Xbox e de seus jogos para computador, Nadella estabeleceu um contraste acentuado com as demais grandes empresas de tecnologia.

Seus rivais mais próximos optaram por criar algumas das mais importantes plataformas, redes e pedágios no mundo dos games.

Isso inclui a divisão Oculus de realidade virtual do Facebook e a divisão Stadia de jogos em nuvem do Google, cada uma das quais representa um novo canal de distribuição de jogos; as lojas de apps da Apple e Google para smartphones; e a aquisição pela Amazon da rede de streaming de videogames Twitch.

No curto prazo, desde que seja capaz de concluir a transação e integrar com sucesso a empresa que está adquirindo, a Microsoft certamente estenderá seu alcance a novos mercados de jogos, o que fará dela uma competidora mais forte para a rival Sony, nos consoles de videogames, e para a gigante dos jogos para celulares Tencent.

A inclusão de jogos como Candy Crush, especialmente, dará à empresa presença mais forte no mercado de jogos móveis, que agora movimenta tanto dinheiro quanto os de jogos para computadores e consoles combinados.

> A Microsoft pode ter encontrado uma das poucas áreas do universo digital onde existe a possibilidade de escapar a escrutínio forte dos guerreiros antitruste
>
> **Neil Campling**
> analista da Mirabaud Securities

Bobby Kotick, o presidente-executivo da Activision, afirmou que com o interesse ampliado de companhias poderosas de tecnologia como a Apple e o Google pelos games, a aquisição não deve provocar resistência das autoridades regulatórias.

Nunca "houve mais competição do que existe hoje", ele afirmou em uma entrevista ao Financial Times. "Essa é uma motivação forte e importante para nossa transação."

A fragmentação do setor de videogames em um grande número de produtores e plataformas e o fato de que a receita da Microsoft com os videogames ainda deve ficar abaixo das registradas pela Tencent, Sony e Apple também reduzem o risco regulatório, acrescentou Campling.

"A Microsoft pode ter encontrado uma das poucas áreas do universo digital onde existe a possibilidade de escapar a escrutínio forte dos guerreiros antitruste", ele disse.

Mas, mesmo que a fatia da receita dos games que a Microsoft abocanharia não seja grande o bastante por si para gerar preocupações, alguns analistas advertiram que a tentativa da empresa de aprofundar a integração vertical poderia causar preocupações.

A companhia ainda não anunciou se limitaria a distribuição de alguns jogos da Activision às suas plataformas, o que criaria o tipo de acesso exclusivo que desempenha papel importante na impulsão de vendas dos consoles atuais de videogames.

Se a Microsoft conseguir concretizar sua aquisição desordenadora, as ondas de choque que isso produzirá terão impacto forte, ruidoso e imediato.

Tradução de Paulo Migliacci

Fontes: Dealogic, Financial Times, Microsoft e The Wall Street Journal

Latam troca avião para evitar problemas com 5G nos EUA

SÃO PAULO, WASHINGTON E SYDNEY | AEROIN E REUTERS Enquanto ainda não se sabe a dimensão da interferência que a tecnologia 5G pode causar nos aviões, a Latam decidiu trocar os jatos que voam para os EUA, a exemplo de outras empresas aéreas, que cancelaram ou remarcaram dezenas de voos.

A decisão da Latam segue a de outras quatro grandes companhias aéreas estrangeiras que operam regularmente para os EUA: as japonesas ANA e JAL, a Emirates e a Air India.

A medida segue uma recomendação da Boeing, que pede aos operadores que não voem com o 777 para os EUA sob o risco de problemas no pouso em áreas em que o 5G está ativo.

A banda de operação da nova tecnologia é a mesma do rádio-altímetro, instrumento importante em aproximações de precisão que pode ter sua eficácia reduzida ou não funcionar.

Única operadora na América do Sul do modelo, a Latam decidiu tirar a aeronave das rotas que ligam o Brasil aos EUA, colocando no lugar o Boeing 767 ou o menor, porém mais moderno, 787 Dreamliner. Esses modelos seriam menos afetados —embora na semana passada a FAA também tenha emitido um comunicado recomendando atenção na operação do 787.

Enquanto isso, as operadoras AT&T e Verizon se comprometeram a atrasar a chegada do 5G a áreas aeroportuárias, mas não detalharam qual seria o raio em torno do aeroporto, e como a tecnologia funcionaria no futuro próximo.

Em nota enviada ao Aeroin, a Latam informou que "utilizará o Boeing 787 na rota Guarulhos-Miami e o Boeing 767 na rota Guarulhos-Nova York. A companhia acompanha com atenção o tema para realizar novos ajustes, se necessário, sempre de acordo com as recomendações das autoridades aeronáuticas dos países onde opera".

A Emirates, de Dubai, principal usuária do 777, deu início a uma série de cancelamentos da indústria ou mudanças de aeronaves no final da terça-feira (18), dizendo que suspenderia nove rotas nos Estados Unidos.

O presidente veterano da companhia, Tim Clark, disse à CNN que a empresa não estava ciente da extensão do problema até terça e chamou o episódio de "um dos mais delinquentes, totalmente irresponsáveis" que já viu, segundo tuitou um repórter da CNN.

A disrupção é o apogeu de semanas de disputas entre companhias aéreas e de telecomunicações sobre a velocidade de implantação dos serviços de celular 5G nos EUA refletida por tensões entre os reguladores dessas indústrias economicamente sensíveis.

Analistas disseram, entretanto, que uma queda nos voos de longo alcance causada por restrições nas fronteiras devido à pandemia limitaria o impacto imediato.

"É a baixa estação, por isso em janeiro e fevereiro as companhias aéreas vão perder dinheiro, sem contar o impacto da pandemia. No momento elas estão lutando pela sobrevivência", disse James Halstead, sócio-gerente da Aviation Strategy, do Reino Unido.

"O que poderia prejudicar é que algumas companhias estão usando as mesmas aeronaves de longo alcance para transporte de carga."

ANA e JAL disseram que retomariam o serviço da aeronave para os Estados Unidos nesta quinta-feira (20). Ambas as empresas disseram que foram informadas pela FAA (Administração Federal de Aviação) de que não há problemas de segurança após a redução da implantação.

Balcão de check-in da Emirates fica vazio no aeroporto Logan, em Boston, após cancelamento de voos nos EUA devido a preocupações com interferências de 5G Brian Snyder/Reuters

Cida Bento
A colunista está em férias

621.927 mortes
País registrou 349 óbitos entre terça e quarta

23.420.861 casos
Mais 205.310 infecções foram detectadas em 24 horas

Unidade de Saúde Santa Marta, em Porto Alegre (RS), preparada para vacinar crianças Evandro Leal/Agência Enquadrar/Agência O Globo

Internações de crianças e adolescentes por Covid crescem 61% em São Paulo

Número de hospitalizados no estado passou de 109 em novembro para 171 em janeiro deste ano

Victoria Damasceno

SÃO PAULO Cresceu em 61% o número de crianças e adolescentes internadas por Covid-19 em UTIs (Unidades de Terapia Intensiva) no estado de São Paulo em dois meses, de acordo com informações do governo estadual.

No início de novembro de 2021, 109 crianças estavam hospitalizadas. Em janeiro, este número chegou a 171 pessoas com até 17 anos.

"Os dados evidenciam a necessidade de acelerarmos a vacinação infantil. Aliás poderíamos ter iniciado mais cedo a vacinação pelo Ministério da Saúde em vez de ficar discutindo, protelando, promovendo audiência e outras inutilidades, quando a medicina e os especialistas em pediatria infantil recomendavam a imediata vacinação", disse o governador João Doria (PSDB), em entrevista a jornalistas no Palácio dos Bandeirantes, nesta quarta-feira (19).

A imunização de crianças começou na última sexta-feira (14) no estado com a vacina da Pfizer, a única aprovada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para o uso nessa faixa etária. Até terça-feira (18), às 17h, cerca de 23,2 mil crianças haviam recebido o imunizante.

O primeiro vacinado foi Davi Seremramiwe Xavante, 8, indígena da etnia xavante de Mato Grosso. Ele faz tratamento contra uma doença genética em São Paulo.

As doses pediátricas chegaram ao Brasil na madrugada da quinta-feira (13) para serem distribuídas aos estados. São Paulo recebeu 234 mil doses.

A administração estadual ainda aposta na aprovação da Coronavac para ampliar a campanha de vacinação de crianças e adolescentes de 3 a 17 anos. Segundo o governo, existe ao menos 15 milhões de doses disponíveis para esta finalidade, sendo 10 milhões reservadas para o estado.

O governo espera receber a aprovação da Anvisa nesta quinta-feira (20), quando iniciará de forma imediata a vacinação com o imunizante do Butantan caso seja aprovado.

O estado tem 54,1% dos leitos de terapia intensiva ocupados, enquanto a região metropolitana da cidade tem 60,5%. São 2.842 internados em UTI.

Os hospitais públicos e privados de São Paulo também registraram aumento de diagnósticos e atendimento de crianças com Covid-19, além de uma leve tendência de alta nas hospitalizações. O apagão de dados do Ministério da Saúde e a subnotificação nos estados e municípios não permite saber o número nacional de crianças com a doença, mas a alta foi percebida em clínicas e hospitais.

Reportagem da Folha mostrou que no Hospital Infantil Sabará, na capital paulista, os atendimentos de crianças até dez anos com Covid começaram a aumentar entre os dias 12 a 18 de dezembro. O número saltou de um caso semanal para 15 nas duas semanas seguintes. A taxa de positividade nos testes de Covid nesse mesmo período passou de 2% para 20%.

As internações em UTIs em São Paulo já haviam aumentado 91% após as festas de final de ano. Em 3 de janeiro, havia 1.141 pacientes em leitos de terapia intensiva no estado, com 468 novos registros naquele dia. Pouco mais de uma semana depois, no dia 11, havia 1.727 pacientes internados em leitos de UTI, com 895 novos registros, ou 91% a mais.

O crescimento também foi verificado em algumas regiões do estado, sendo a principal delas a Grande São Paulo.

A vacinação de crianças de 5 a 11 anos com deficiência permanente —física, sensorial ou intelectual— e indígenas aldeadas começou nesta segunda-feira (17) no município de São Paulo. Aquelas que possuem qualquer tipo de comorbidade podem receber o imunizante desde terça-feira.

Os pais ou responsáveis podem fazer o pré-cadastro para vacinação das crianças no site Vacina Já (vacinaja.sp.gov.br). O cadastramento é opcional e não funciona como agendamento, mas agiliza o atendimento.

Lewandowski manda Promotoria fiscalizar pais antivacina

Isabela Palhares

SÃO PAULO O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Ricardo Lewandowski oficiou, nesta quarta-feira (19), os Ministérios Públicos de todos os estados e do Distrito Federal para que adotem com urgência medidas para fiscalizar pais que não estejam vacinando seus filhos contra a Covid.

O partido Rede Sustentabilidade acionou o STF na terça (18) pedindo para que fosse reconhecido o poder dos Conselhos Tutelares na fiscalização da vacinação de crianças e adolescentes e também o dever das escolas de denunciar essas situações.

No ofício, Lewandowski diz que os Ministérios Públicos devem garantir que as medidas necessárias para fiscalizar a vacinação das crianças estão sendo adotadas conforme prevê o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a Constituição Federal.

A legislação e outras decisões recentes do STF já determinavam que os pais não têm o direito de negar vacinar seus filhos.

Apesar da previsão legal, só cinco estados do país haviam determinado que suas escolas são obrigadas a exigir o comprovante de vacinação dos estudantes, conforme mostrou a Folha. Os demais alegaram não poder solicitar o documento.

O pedido da Rede Sustentabilidade ocorreu após o Ministério da Saúde afirmar que a vacinação para crianças de 5 a 11 anos não é obrigatória no país. O partido alegou que a orientação da pasta fere diretamente os preceitos fundamentais da Constituição que protegem as crianças, "inclusive da conduta irresponsável de seus responsáveis, quando optam por não vaciná-los".

Tanto a Constituição Federal como o ECA asseguram que a vacinação, o que inclui a imunização contra a Covid, são direitos da criança e do adolescente e um dever dos pais e da sociedade. Por isso, não só os pais são obrigados a vacinar seus filhos, como escolas, conselhos tutelares e outros órgãos têm a responsabilidade de fiscalizar o cumprimento da imunização em menores de idade.

O ECA prevê ser obrigatória a vacinação das crianças e adolescentes nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias, o que se aplica à vacina contra a Covid. Em dezembro, a Anvisa aprovou o uso do imunizante da Pfizer para a faixa de 5 a 11 anos e recomendou a aplicação, já que os estudos indicaram uma eficácia de 90% nesse público.

As tentativas do presidente Jair Bolsonaro (PL) de pôr em dúvida a segurança da vacinação nas crianças deram margem para que uma minoria da população passasse a questionar o direito dos pais de não imunizar seus filhos.

Pesquisa do Datafolha mostrou que a vacinação contra Covid para crianças tem o apoio de 79% da população brasileira com 16 anos ou mais. Os que a rejeitam são 17%, e os que não souberam opinar somam 4%.

Anvisa adia liberação de autoteste e cobra mais dados da Saúde

Raquel Lopes, Mateus Vargas e Washington Luiz

BRASÍLIA A diretoria colegiada da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) não aprovou nesta quarta (19), por 4 votos a 1, o uso de autoteste de Covid-19 no Brasil.

A decisão ocorre no momento em que há uma explosão da procura por testes da Covid com o avanço da variante ômicron. Laboratórios privados têm relatado falta de exames.

A leitura foi de que a nota técnica do Ministério da Saúde apresentava lacunas, por exemplo, sobre como notificar a confirmação da infecção e de que forma orientar os pacientes.

Os diretores aprovaram a realização de diligências adicionais e a retomada da votação sobre o tema em até 15 dias.

Na quinta (13), a pasta pediu para a agência liberar esse tipo de exame, que pode ser feito em casa. Seu uso é vetado por uma resolução de 2015.

Pela regra, o ministério precisa propor uma política pública para liberar a entrega dos exames ao público leigo. A pasta já sinalizou que os produtos não devem ser comprados pelo governo federal.

A diretora relatora, Cristiane Rose Jourdan Gomes, foi a única que sinalizou positivamente a aprovação do autoteste mesmo sem política pública por parte do ministério.

Ela entendeu que que tal regulamentação pode ser editada em medida de excepcionalidade para garantir maior acesso da população a testagem, e consequentemente, identificar, isolar e minimizar a transmissibilidade da variante ômicron independentemente da ação de política pública.

"Considerando o contexto pandêmico que vivemos, o uso dos autotestes pode representar uma estratégia de triagem, uma vez que poderia iniciar rapidamente os casos positivos e as ações necessárias para interrupção da cadeia de transmissão", disse.

"Trata-se de uma medida adicional que amplia o acesso a testagem a fim de prevenir a transmissão de Covid junto com a vacinação, o uso de máscara e o distanciamento social", afirmou Gomes.

Ela citou algumas medidas que deveriam ser tomadas, como a exigência de uma linguagem clara ao público com alertas, precauções, como realizar a coleta adequada e a execução do teste.

Gomes disse ainda que se deve alertar que o teste negativo não eliminaria a possibilidade de infecção do vírus e pediu a criação de um canal para atender ao usuário.

Os outros diretores seguiram o voto do diretor Rômison Mota. No seu voto, ele disse que não houve uma formalização da inclusão da autotestagem como política pública pelo Ministério da Saúde. Na sua visão, tal formalização é condição para que seja afastada a vedação.

"Outros países que adotaram o teste fora do ambiente laboratorial, além de possuir critério sanitário direcionado a tais situações, estabeleceram políticas públicas na perspectiva de combate à disseminação do coronavírus."

Os diretores esclareceram que, conforme entendimento da Procuradoria Federal junto à Anvisa, a nota técnica enviada pelo Ministério da Saúde não cumpre todos os requisitos necessários a uma política pública.

Em razão disso, a diretoria responsável pela análise do processo havia encaminhado pedido de esclarecimentos adicionais ao ministério na terça (18) e aguarda resposta.

O diretor-presidente da Anvisa, Antonio Barra Torres, disse que há diversas lacunas a serem respondidas. Há preocupação por parte da agência, por exemplo, sobre a compilação de dados e a transformação de dados compilados em notificação capaz de gerar todo o tratamento estatístico necessário.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou que irá se manifestar sobre a cobrança feita pela Anvisa quando tiver acesso ao inteiro teor da decisão.

"A posição do Ministério da Saúde acerca do autoteste é clara, como é tudo aqui no governo do presidente Jair Bolsonaro [PL]. Nós já nos manifestamos favoráveis à venda de autotestes nas farmácias", disse após assinar em evento no ministério, portaria que libera R$ 104 milhões para municípios atingidos pelas chuvas na Bahia.

"Em relação à política pública, a política são os testes na atenção primária. E nós estamos distribuindo testes para os municípios para que eles realizem testes na atenção primária", afirmou.

Na sequência, o ministro voltou a se manifestar em redes sociais. "Vamos complementar as informações solicitadas pela Anvisa. Em relação aos testes no SUS, as demandas têm sido atendidas", escreveu Queiroga. Segundo ele, foram enviados 15 milhões de testes.

Como a Folha mostrou, o presidente-executivo da CBDL (Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial), Carlos Gouvêa, disse que os autotestes devem ser mais baratos que exames de antígeno vendidos em farmácia.

> Outros países que adotaram o teste fora do ambiente laboratorial, além de possuir critério sanitário direcionado a tais situações, estabeleceram políticas públicas na perspectiva de combate à disseminação do coronavírus
>
> **Rômison Mota**
> diretor da Anvisa

Mulher faz teste para detectar coronavírus em Unidade Básica de Saúde em São Paulo Amanda Perobelli - 4.jan.22/Reuters

Em recorde, Brasil supera 200 mil casos em único dia

País detectou 205.310 infecções e 349 mortes por Covid nesta quarta-feira

SÃO PAULO O Brasil, pelo segundo dia consecutivo, registrou recordes de casos de Covid. Nesta quarta-feira (19), foram 205.310 infecções documentadas, maior valor observado em um único dia. A média móvel de casos também atingiu o recorde de toda a pandemia e agora é de 100.322 infecções por dia, valor 487% maior do que o dado de duas semanas atrás.

Na terça (18), foram registrados 132.254 casos de Covid.

Além do crescimento de casos, as mortes também aumentaram. Nesta quarta, foram registrados 349 óbitos e a média móvel chegou a 215 vidas perdidas por dia, aumento de 11,4%, também em relação aos dados de duas semanas atrás.

O elevado valor de infecções se deve, em especial aos dados do Rio de Janeiro, que registrou sozinho 69.213 casos. O estado não apresentou explicações para o número.

Com os dados desta quarta, o país chegou a 621.927 vidas perdidas e 23.420.861 pessoas infectadas pelo Sars-CoV-2 desde o início da pandemia.

Os dados do país, coletados até 20h, são fruto de colaboração entre Folha, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1 para reunir e divulgar os números relativos à pandemia do novo coronavírus. As informações são recolhidas pelo consórcio de veículos de imprensa diariamente com as Secretarias de Saúde estaduais.

205.310
número de casos registrados nesta quarta

100.322
média móvel de novas infecções por dia; valor é 487% maior do que o dado de duas semanas atrás

Os dados da vacinação contra a Covid-19 estão afetados pelo ataque hacker ao sistema do Ministério da Saúde ocorrido em dezembro, com diversos estados sem atualização. De toda forma, as informações foram ao menos parcialmente atualizadas em 15 estados e no Distrito Federal.

Nesta semana, o consórcio de veículos de imprensa atualizou os números de população brasileira usados para calcular o percentual de pessoas vacinadas no país. Agora, os dados usados são a projeção do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para 2021. Todos os números passam a ser calculados de acordo com esses valores, inclusive os do ano passado. Por isso, os percentuais de pessoas vacinadas podem apresentar alguma divergência em relação aos números publicados anteriormente.

O Brasil registrou 1.689.540 doses de vacinas contra Covid-19, nesta quarta-feira. De acordo com dados das secretarias estaduais de Saúde, foram 153.477 primeiras doses, 198.979 segundas doses. Além disso, foram registradas 1.440.750 doses de reforço.

As doses únicas ficaram com dados negativos (-103.666). Isso ocorreu devido a revisões no Amapá (-5.453), Bahia (-31), Ceará (-7.959), Distrito Federal (-39), Maranhão (-131), Minas Gerais (-92) e, principalmente, Rio Grande do Sul (-95.400).

Ao todo, 162.428.676 pessoas receberam pelo menos a primeira dose de uma vacina contra a Covid no Brasil —142.752.088 delas já receberam a segunda dose do imunizante. Somadas as doses únicas da vacina da Janssen contra a Covid, já são 147.754.119 pessoas com as duas doses ou com uma dose da vacina da Janssen.

Assim, o país já tem 75,60% da população com a 1ª dose e 68,78% dos brasileiros com as duas doses ou com uma dose da vacina da Janssen. Considerando somente a população adulta, os valores são, respectivamente, de 100,40% e 91,33%.

Mesmo quem recebeu as duas doses ou uma dose da vacina da Janssen deve manter cuidados básicos, como uso de máscara e distanciamento social, afirmam especialistas.

A iniciativa do consórcio de veículos de imprensa ocorreu em resposta às atitudes do governo Jair Bolsonaro (sem partido), que ameaçou sonegar dados, atrasou boletins sobre a doença e tirou informações do ar, com a interrupção da divulgação dos totais de casos e mortes. Além disso, o governo divulgou dados conflitantes.

Enquanto país sofre com escassez de exames, EUA e Europa incentivam testagem constante

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO A variante ômicron causou uma explosão de casos de Covid no Brasil. Junto ao recorde de infecções, atingido nesta quarta (19), o país continua patinando na testagem da sua população.

Desde o início da pandemia, a testagem constante foi apontada como uma possibilidade de controle ou, no mínimo, amenização da disseminação da Covid.

"O meio mais eficaz de prevenir infecções e salvar vidas é quebrar as cadeias de transmissão. Para isso, você precisa testar e isolar", disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em 16 de março de 2020, ainda no início da crise sanitária.

De início, a testagem, essencialmente através de exames RT-PCR, foi um problema mundo afora. Mas, com o tempo, as capacidades acabaram expandidas e novas opções com resultados mais rápidos para detecção, como os exames de antígeno, tornaram-se disponíveis.

Uma outra evolução nas formas de testagem foram os autotestes. O FDA (agência americana de regulamentação de drogas e alimentos) já liberava os testes para serem feitos em casa em novembro de 2020.

Nos primeiros meses de 2021, alguns países europeus também já começavam a usar essa opção e, em março, o ECDC (Centro Europeu para o Controle e a Prevenção de Doenças, na sigla em inglês) já produzia um documento apontando os impactos —possíveis benefícios e problemas— de autotestes.

Profissional de saúde passa por cabine de testagem para Covid em farmácia de Paris Sarah Meyssonnier - 7.jan.22/Reuters

A testagem foi virando algo quase cotidiano. No Reino Unido, por exemplo, é possível obter os testes para se fazer em casa gratuitamente junto ao NHS (serviço público de saúde inglês), inclusive com pedidos pelo correio.

"As pessoas podem querer usar testes rápidos regulares para ajudar a gerenciar períodos de risco, como após contato próximo com outras pessoas em um ambiente de maior risco ou antes de passar um tempo prolongado com uma pessoa mais vulnerável", aponta documento do governo britânico referente ao período de inverno e outono 2021/2022.

Na Alemanha, testes rápidos passaram a se gratuitos. Além disso, as empresas devem fornecer kits e autotestes, pelo menos duas vezes por semana, para funcionários que não façam home-office.

Nos EUA, autotestes são vendidos em farmácias, onde nem sempre é fácil encontrá-los, mas também já têm sido distribuídos por empresas para seus funcionários. Buscando ampliar a testagem no país, o presidente Joe Biden colocou em prática uma política que permite que as pessoas peçam autotestes gratuitos, para serem recebidos em casa.

No Brasil, nos primeiros meses de pandemia, enquanto o presidente Jair Bolsonaro (PL) minimizava o risco da Covid, já se apontava que a falta de testagem era um problema para conter a pandemia.

Em janeiro de 2022, a situação não está muito distante da de 2020, com testes priorizados para pacientes internados, por exemplo. O Brasil, assim, continua sem uma política de testagem, afirma o infectologista Julio Croda, pesquisador da Fiocruz e professor da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul).

Em 2020, a promessa do Ministério da Saúde era disponibilizar 46 milhões de testes até setembro. Depois, em maio de 2021, Marcelo Queiroga, atual titular da pasta, anunciou plano de testagem com até 26,6 milhões de exames mensais.

A Folha procurou o ministério e pediu esclarecimento para as falhas nas políticas de testagem. A pasta afirmou que o "Plano Nacional de Expansão da Testagem para Covid-19 está implementado desde setembro de 2021" e que já foram distribuídos mais de 58 milhões de testes dos tipos RT-PCR e antígeno, desde o início da pandemia.

O ministério afirmou que "não há pendência de testes diagnóstico da Covid-19 a nenhum estado e Distrito Federal. As entregas são programadas segundo o acordado com estados, municípios e o DF considerando vários fatores, como a logística de distribuição e a capacidade de armazenamento de cada localidade, por exemplo".

A falta de uma política pública de testagem, com demanda elevada de testes sendo realizados com alguma frequência, também é um fator que pode ter contribuído para a restrição de disponibilidade de exames no momento atual de explosão da ômicron, segundo Carlos Eduardo Gouvêa, presidente-executivo da CBDL (Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial).

"A falta de um planejamento adequado e de algo consistente acabou desarrumando a própria indústria", afirma Gouvêa. Ele aponta como exemplo a queda quase contínua de testagem em farmácias, segundo dados da Abrafarma (Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias), até o aumento recente.

Segundo o presidente-executivo da CBDL, além da falta de política de testes, tal queda poderia ser explicada pelo avanço da vacinação e pelas reduções de mortes, o que aumentava a sensação de tranquilidade. "Final do ano, com confiança lá em cima, hospitalização lá em baixo, pronto, estou protegido. Com festas de Natal e Ano Novo, tivemos todos os temperos para um caldeirão de tempestade perfeita", diz Gouvêa.

na loja

no site

no app
meu carrefour

FAZ Carrefour

Brasil tem 20 estudos em curso de imunizantes contra a Covid

Instituições públicas buscam apoio da iniciativa privada para os projetos

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO O Brasil tem 20 estudos de vacinas contra a Covid-19 em andamento, sendo que apenas dois deles estão nas fases 1 e 2 de testes, de acordo com o Ministério da Saúde. A expectativa é que os imunizantes brasileiros possam estar à disposição da população no SUS (Sistema Único de Saúde) em 2023. Porém, atrasos e falta de recursos ainda deixam as vacinas nacionais distantes dos brasileiros.

Nesta segunda (17), a vacinação contra o coronavírus completa um ano e a capital paulista começa a primeira fase da imunização de crianças.

O Ministério da Saúde diz que, entre contratações diretas e chamada pública (publicada em abril de 2020), a pasta já investiu mais de R$ 98,5 milhões em pesquisas relacionadas a vacinas para o enfrentamento da Covid-19. Para pesquisadores, é pouco e, por isso, eles buscam parcerias na iniciativa privada para a conclusão dos estudos.

Os dois imunizantes que já entraram nas fases 1 e 2 de testes são a Butanvac, desenvolvida em São Paulo pelo Instituto Butantan, e a Versamune, desenvolvida pela empresa brasileira de biotecnologia Farmacore em parceria com a USP (Universidade de São Paulo) de Ribeirão Preto (SP). A Butanvac já conta com 10 milhões de doses produzidas para dar continuidade aos estudos clínicos.

"No momento foi concluída a fase 1, com 320 voluntários. Estamos terminando a análise da fase para poder solicitar a continuidade do estudo nos comitês respectivos de ética e na Anvisa. O processo sofreu um certo retardo porque a campanha de vacinação avançou rapidamente, então teve que fazer uma modificação no protocolo clínico", afirma Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan. O estudo da Butanvac deve girar em torno de R$ 70 milhões.

Linha de produção da vacina de Oxford no instituto Bio-Manguinhos, no Rio Divulgação

Já a Versamune deverá começar a ser testada em humanos em fevereiro, segundo Helena Faccioli Lopes, CEO da Farmacore. O estudo será feito com 360 voluntários, em parceria com o HCor.

"Houve um atraso de seis meses nos Estados Unidos [chegada de material]. Haverá um processo de análise antes de começar os testes, o que deve ocorrer em fevereiro", diz Helena. "Não temos uma data, mas esperamos ter a autorização para uso emergencial até o final de 2022", diz a CEO da Farmacore.

Segundo a empresa, o investimento inicial do governo federal, exclusivo para as pesquisas não clínicas coordenadas pela USP de Ribeirão, foi de aproximadamente R$ 3 milhões.

"Para o ensaio clínico de fase 1/2, o consórcio está buscando recursos com o governo federal, estimados em R$ 30 milhões. Com tudo certo, o investimento para a fase 3, por questões de um maior número de voluntários e toda a logística que esse processo demanda, deverá girar em torno dos R$ 300 milhões", informa a Farmacore, em nota.

Dos imunizantes que ainda estão em fase pré-clínica, uma das apostas é o spray que está sendo desenvolvido pela USP, que aguarda aval da Anvisa para começar os testes em humanos.

O medicamento, porém, deverá estar à disposição da população somente em 2023. A agência solicitou um estudo toxicológico à USP, o que atrasou o processo. A universidade espera que em fevereiro possa começar a próxima fase do estudo.

Os pesquisadores optaram pela vacina nasal por ser a entrada do vírus no corpo humano, agindo diretamente na mucosa do nariz e nas vias respiratórias. "Se conseguir bloquear o vírus na porta de entrada, consegue ter mais imunidade e até mesmo eliminar essa infecção", explica Marco Antonio Stephano, professor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP.

O custo da dose da vacina deve ser em torno de US$ 5 (R$ 27,80 na cotação atual), mas esse valor ainda depende dos resultados dos próximos testes. O projeto teve um aporte de R$ 4,5 milhões do Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação em abril de 2020, mas edital da pasta ainda informa liberar mais R$ 30 milhões. Por causa dos cortes do governo federal na ciência, a USP procura parceiros privados para auxiliar no estudo.

Outro projeto que aguarda o aval da Anvisa para os testes com humanos é o que está sendo tocado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em parceria com a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz).

A aposta da iniciativa é que a 2H120 Defense seja uma vacina de baixo custo. Segundo os pesquisadores, uma ampola com 250 doses pode custar cerca de R$ 11. Por causa de atrasos na importação de agentes, a vacina também deve ficar para 2023.

A Fiocruz, que já produz a AstraZeneca, em parceria com a Universidade de Oxford, também participa do desenvolvimento de uma vacina de subunidade, baseada em proteínas virais, e a de RNA, que cria anticorpos.

As duas estão em fase pré-clínica. "A meta é concluir o estudo em 2022 e deve estar disponível à população em 2023. Dependemos de alguns insumos importados, mas boa parte é produzida aqui", afirma Sotiris Missailidis, vice-diretor de Desenvolvimento Tecnológico da Fiocruz.

O Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos) da Fiocruz foi selecionado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como centro para desenvolvimento e produção de vacinas com tecnologia de RNA mensageiro na América Latina.

"Será possível a transformação de Bio-Manguinhos em um Hub de desenvolvimento, produção e transferência da nossa tecnologia para outros países", diz Missailidis.

A UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) tem sete estudos de vacinas contra a Covid-19 —último relatório do Ministério da Saúde aponta três em fase pré-clínica. A SpiNTec é a que está em estado mais avançado. A instituição já enviou à Anvisa a solicitação para a aplicação de testes em humanos e aguarda a resposta.

De acordo com a universidade, a etapa de testes clínicos contou com recursos da Prefeitura de Belo Horizonte, que vai repassar R$ 30 milhões, e de emendas parlamentares, que garantiram outros R$ 3 milhões. Mas ainda busca R$ 300 milhões para as próximas fases do estudo.

Normalmente, segundo pesquisadores, o estudo de uma vacina dura entre cinco e dez anos. A situação, porém, obrigou a aceleração desse processo.

"O que aconteceu com a Covid foi uma aceleração de possibilidade de licenciamento antes do término da fase 3 pela urgência que a pandemia implicava. Não dava para fazer na velocidade normal habitual, a situação exigia pressa", diz Mônica Levi, Diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm).

Com o vírus ainda em circulação e o surgimento de novas variantes, segundo os especialistas, ainda é cedo para saber se a vacinação contra a Covid-19 vai se tornar uma aplicação anual.

Além da busca por dinheiro para a conclusão dos estudos, pesquisadores tentam encontrar uma maneira de tornar as vacinas menos dependentes de insumos do exterior.

Segundo Norberto Prestes, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Produtos Farmacêuticos, o Brasil já foi mais independente nas décadas de 1980 e 1990, quando 50% do IFA usado era produzido no país. Com a abertura do mercado, isso reduziu e hoje o país produz 5%.

"Nas últimas três décadas, não somente o Brasil como também países desenvolvidos transferiram suas produções de insumos para países asiáticos, de modo a reduzirem seus custos. Isso fez com que China e Índia investissem massivamente em tecnologia, o que as tornou hegemonias e potências mundiais na produção de insumos farmacêuticos", diz Prestes.

Ele entende que para a produção de vacinas o Brasil consegue se adequar rapidamente para a produção de insumos. Porém, para medicamentos, é preciso de um grande investimento financeiro, algo em torno de R$ 2 bilhões.

No último dia 7 de janeiro, a Anvisa autorizou a Fiocruz a fabricar um IFA (insumo farmacêutico ativo) 100% nacional para a produção de vacinas.

Vacinas em desenvolvimento no Brasil

Instituto Butantan
- Vacina de vírus da Doença de Newcastle (NDV) inativado que expressa a proteína SARS-CoV-2 (Butanvac)*
- Vesículas de membrana externa em plataforma de múltiplos antígenos
- Vacina baseada em partículas semelhantes a vírus*

Farmacore Biotecnologia Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
- Vacina baseada em proteína recombinante**

Bio-Manguinhos/Fiocruz
- Vacina sintética
- Vacina baseada em subunidade proteica

Instituto René Rachou (Fiocruz/MG) / Instituto Nacional de Ciência Tecnologia em Vacinas
- Vacina baseada em vetores virais

Instituto do Coração (Incor) da Faculdade de Medicina da USP
- Vacina baseada em partículas semelhantes a vírus

Instituto de Ciências Biomédicas da USP
- Vacina de Ácido Nucleico (DNA)*
- Vacina baseada em nanopartículas*
- Vacinas baseadas proteína recombinante*

Universidade Federal de Viçosa (MG)
- Vacina baseada em proteína recombinante*

Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP
- Vacina baseada em nanopartículas

Universidade Federal do Paraná
- Vacina baseada em nanopartículas*

Universidade Federal de Minas Gerais
- Vacina de Ácido Nucleico (DNA)*
- Vacina baseada em quimera proteica

Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, USP
- Vacina baseada em vetores virais*

Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Vacina de Ácido Nucleico (RNA)***

Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Vacina baseada em proteína recombinante

Laboratório de Biotecnologia e Biologia Molecular da Universidade Estadual do Ceará
- Vacina de vírus atenuado da Bronquite Infecciosa Aviária

* Projetos de pesquisa contemplados com investimentos do Ministério da Saúde e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação por meio da Chamada Pública

** Projeto em parceria com empresas/instituições internacionais

*** Projeto de pesquisa financiado pelo Ministério da Saúde

Fonte: relatório de monitoramento técnico e científico do Ministério da Saúde - setembro/21

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Defendeu com afinco a cultura, a educação e as terras indígenas

KASIRIPINA WAIÃPI (1960-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO O jeito doce e tranquilo de Kasiripina Wajãpi conviveu harmonicamente com o seu espírito guerreiro e protetor. Liderança importante, lutou incansavelmente para defender seu povo e território.

Segundo o estudante Jawaruwa Wajãpi, 35, um de seus sobrinhos, ele nasceu em 1960, na aldeia Paruema, na Terra Indígena Wajãpi, no Amapá.

Fundou e presidiu duas vezes o Conselho das Aldeias Wajãpi, criado em 1994, para lutar pela demarcação da Terra Indígena Wajãpi.

Para Jawaruwa, o tio foi um sábio. "Ele foi uma liderança muito importante. Ajudou outros chefes do povo wajãpi a conseguirem a demarcação e homologação da terra, a expulsar os garimpeiros. Ao lado dos chefes Waiwai e Kumai, participou de muitos conflitos em Brasília", conta.

Kasiripina também teve atuação na educação e não mediu esforços para implantar a formação de professores, de acordo com Jawaruwa.

Para a Apoianp (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Amapá e Norte do Pará), ele foi um ser iluminado, que ensinou muito às novas gerações de lideranças indígenas. "Estamos muito agradecidos por todos os ensinamentos de nosso chefe, mas tristes por não o termos mais ao nosso lado, a nos guiar nesse caminho de luta", diz a nota.

Mesmo sem estudo formal, aprendeu a usar câmeras e a montar filmes. Habilidoso documentarista, nas décadas de 1980 e 1990 registrou imagens importantes para o povo wajãpi.

"Filmou eventos, festas, o trabalho de demarcações das terras, as viagens, como a realizada para Nova York e Washington com o intuito de buscarem recursos no Banco Mundial", diz o sobrinho.

Uma de suas conquistas foi o projeto de construção do Centro de Documentação e Formação Wajãpi para registrar, divulgar e valorizar o conhecimento do seu povo. Disseminou a cultura e as tradições.

"Para a atual geração, ele deixa a importância de manter o povo em alerta, lutando pelos direitos e protegendo seu território, a importância do conhecimento, cuidar bem do seu povo e da terra para que ela fique para as próximas gerações. Ele pensava no presente, futuro e na coletividade", afirma Jawaruwa.

Kasiripina morreu no dia 16 de janeiro, por complicações de insuficiência respiratória aguda e pneumonia. Ele havia sido infectado pelo coronavírus. O cacique deixa a atual esposa, os filhos, netos, irmãos, sobrinhos e uma bisneta.

OSSIAS SCHEFLER Aos 82, casado com Regina Dora Schefler. Quarta (19/1). Cemitério Israelita do Butantã, Jardim Educandário, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

cotidiano

Rio inicia novo projeto de ocupação de favelas com operações policiais

Jacarezinho e Muzema são as primeiras comunidades a receber programa Cidade Integrada

Cristina Camargo, Matheus Rocha e Julia Barbon

Policiais durante operação na favela do Jacarezinho, no Rio Carl de Souza/AFP

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO O governo do Rio de Janeiro iniciou nesta quarta (19) um novo programa de ocupação de favelas na capital do estado. A ação incluiu operações policiais em duas comunidades: Jacarezinho (zona norte), dominada pelo tráfico de drogas, e Muzema (zona oeste), controlada por uma milícia.

O projeto Cidade Integrada relembra a implantação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), há 14 anos. Segundo o governador Cláudio Castro (PL), o objetivo é retomar esses territórios com mudanças urbanísticas e sociais, mas ele ainda não explicou como isso será feito.

No total, foram empregados 1.300 policiais (800 militares e 500 civis), um helicóptero, blindados e reforços nas vias expressas dos dois complexos, com acompanhamento em tempo real do Centro de Controle e Comando (CICC) no centro da cidade. As equipes vão permanecer nas comunidades por tempo indeterminado.

O Jacarezinho, alvo de uma incursão que deixou 28 mortos há cerca de oito meses, amanheceu em clima de tensão, com a entrada primeiro dos batalhões de operações especiais (Bope) da Polícia Militar, choque (BPChq) e ação com cães (BAC), mas não houve registro de confrontos.

Pouco depois, ingressaram policiais civis para cumprir 42 mandados de prisão e 13 de busca e apreensão de adolescentes — apenas duas pessoas foram detidas até o final da tarde. Os agentes também ocupam comunidades menores na área, como Bandeira 2 e Morar Carioca, e a favela vizinha de Manguinhos.

Por volta das 10h, foi a vez da Muzema, que engloba as comunidades da Tijuquinha e do Banco e onde dois prédios desabaram matando 24 pessoas em 2019. Segundo as polícias, outras 13 pessoas foram detidas ali, em uma ação de combate ao comércio ilegal de gás, a crimes ambientais e a construções irregulares.

"Damos início a um grande processo de transformação das comunidades do estado do Rio. Foram meses elaborando um programa que mude a vida da população levando dignidade e oportunidade. As operações de hoje são apenas o começo dessa mudança que vai muito além da segurança", escreveu Cláudio Castro nas redes sociais pela manhã.

> Todos os projetos construídos sem a participação da comunidade tendem a nascer falidos. São os moradores desses territórios que conhecem suas necessidade
>
> **Rumba Gabriel**
> líder comunitário no Jacarezinho

Ele só dará detalhes sobre o novo programa, que havia sido anunciado ainda para 2021, em uma entrevista coletiva marcada para o próximo sábado (22). Segundo o governador, as duas favelas servirão de modelo para outros lugares, como Maré (zona norte), Cesarão e Rio das Pedras (zona oeste do Rio) e Pavão-Pavãozinho/Cantagalo, em Copacabana e Ipanema (zona sul).

Castro havia afirmado na semana passada à imprensa que o Cidade Integrada não seria "como em outras épocas". "Eu tenho certeza de que não é, como em outras épocas, entrar dando tiro nas pessoas. É uma entrada de serviço público, um repensar da segurança pública", declarou.

A falta de diálogo e de informações foi criticada por especialistas da área e representantes das favelas. "[A ocupação] repete fórmula fracassada de ocupação militar e não tem um programa social desenhado. Não há articulação setorial e muito menos diálogos com os moradores", diz nota da Rede de Observatórios da Segurança.

O prefeito Eduardo Paes (PSD), por exemplo, afirmou que só foi avisado da ação pelo governador no fim desta terça (18), quando já havia cercos da polícia. "O que não houve foi planejamento prévio com prefeitura. E ressalto que apoio a iniciativa e trabalharemos juntos pelo bem de nossa gente. Só tem é que ter segurança pública", publicou.

"Todos os projetos construídos sem a participação da comunidade tendem a nascer falidos. São os moradores desses territórios que conhecem suas necessidades", diz Rumba Gabriel, líder comunitário no Jacarezinho.

Segundo ele, os moradores ainda estão apreensivos. "O clima na comunidade é o pior possível. Tem uma parte grande do comércio que não abre por medo, e muitos trabalhadores que não vão para o emprego com medo de bala perdida", afirma.

Questionado, o Ministério Público respondeu que acompanha as ações desta quarta por meio do Plantão Permanente ADPF 635 (Whatsapp 21 2215-[illegible] e email gt-adpf635@mprj.mp.br), criado para receber eventuais denúncias de violação de direitos após a decisão do Supremo Tribunal Federal que limitou operações em favelas durante a pandemia.

Em maio passado, o Jacarezinho foi palco da operação mais letal da história do Rio de Janeiro, com 28 mortos, incluindo um policial civil. Até o fim do ano passado, apenas uma das mortes de civis havia tido o seu inquérito concluído, resultando na denúncia de dois agentes por homicídio e remoção de cadáver.

Na ocasião, os policiais disseram que revidaram disparos de traficantes, e a Polícia Civil divulgou as fichas criminais. Os moradores, no entanto, relataram horas de terror com rastros de sangue e corpos pelas vielas, alegando que parte das vítimas foi morta mesmo após se render.

O Cidade Integrada agora é comparado ao projeto das UPPs, implantado em 2008 pelo então governador Sérgio Cabral (MDB), preso por corrupção. São equipes da Polícia Militar que atuam exclusivamente em favelas, tendo como fundamento, teoricamente, a parceria com a população local.

Cidade Integrada criada pelo governo do RJ repete erros das UPP e silencia população das favelas

ANÁLISE

Renato Sérgio de Lima e Pedro Paulo da Silva

Lima é diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Silva é Pesquisador do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec), Coordenador de pesquisa do Labjaca (Laboratório de dados e narrativas da favela do Jacarezinho), mestrando em relações internacionais pela PUC-Rio

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, anunciou nesta quarta (19) o início do programa Cidade Integrada. Sua primeira etapa consistiu nas operações policiais que desde esta quarta acontecem nas favelas do Jacarezinho e Manguinhos e que assustaram os moradores, acostumados com os "efeitos colaterais" das operações policiais fluminenses. Em 2021, segundo relatório do Fogo Cruzado, 3 de cada 4 chacinas registradas no Grande Rio de Janeiro ocorreram durante operações policiais, deixando 194 mortos.

De acordo com ofício interno do próprio governo do estado, de setembro de 2021, o Cidade Integrada objetiva promover a cidadania por intermédio da integração de bairros da cidade e de investimentos em infraestrutura, melhorias de espaços públicos, garantia de acessibilidade, construção e reforma de equipamentos públicos, reforma de unidades habitacionais, ações sociais, de segurança pública, de investimentos em projetos que gerem emprego e renda, entre outros. Quem lê o ofício a que tivemos acesso fica com a impressão de que um bom programa estaria sendo planejado. Mas, na prática, não foi exatamente o que aconteceu.

Em primeiro lugar, se olharmos para os programas de redução da violência de outras UFs, mais especificamente no DF, ES, PE e SP veremos que ao contrário do Cidade Integrada havia foco e, em especial, havia uma forte preocupação com participação social. Os objetivos não eram apenas uma versão de marketing governamental, mas o resultado de construções que envolveram Conselhos Comunitários, Conferências Estaduais, reuniões com lideranças e movimentos. O "Cidade Integrada" foi pensado nos gabinetes das autoridades sem que existisse um processo de escuta da população ou, mesmo, da Prefeitura do Rio, responsável direta por muitas das ações urbanísticas que em tese integram o programa.

A lógica por trás é a da guerra às drogas, da ação estratégica que visa surpreender o inimigo e que não confia naqueles que vivem nos territórios. A lógica é a da securitização do social, pela qual desconfianças e temores de "vazamentos" suplantam inclusão e promoção de direitos, suplantam o reconhecimento de que a participação social ajudaria na mitigação do racismo estrutural, considerando o fato de que o Jacarezinho tenha sido construído, historicamente, como um Quilombo e que possua até hoje uma das maiores populações negras da cidade do RJ.

Em segundo lugar, fica evidente, sobre os aspectos técnicos acerca das políticas públicas, que, se estudos prévios existiram, eles não são públicos e não sabemos quais os cenários e critérios adotados para a escolha das comunidades selecionadas. Não há orçamento definido e não há indicadores de monitoramento. Não se sabe quais são as responsabilidades e/ou as instituições envolvidas. Não à toa, os representantes das polícias não têm conseguido fornecer informações sobre o programa durante as entrevistas iniciais. Um programa de promoção da cidadania é incompatível com sigilos e falta de transparência.

Por fim, e talvez o mais emblemático desse episódio todo, é que Castro parece estar buscando embalar o que é atividade permanente do Estado em uma marca própria com vistas às eleições de outubro deste ano. Não surpreende que ele reproduza erros cometidos pelas UPPs e escore a viga mestra do programa no modelo de ocupação policial do território, que rege muitas das polícias brasileiras e resulta invariavelmente em abordagens e revistas, invasão de domicílio e outras formas de violência do Estado contra sua própria população.

> [...]
>
> A lógica por trás é a da guerra às drogas, da ação estratégica que visa surpreender o inimigo e que não confia naqueles que vivem nos territórios

É comum que as administrações estaduais falem de integração, mas que se contentem com operações policiais de grande visibilidade e letalidade. Mais uma vez, o Cidade Integrada parece privilegiar a dimensão policial, que é mais "controlável" — basta deixar as polícias gastarem e atuarem como elas acharem que devem e não cobrar que elas prestem contas, ainda mais no RJ. O problema é que isso tende a enxugar gelo e gastar milhões de reais sem que, efetivamente, cidadania e segurança sejam assumidas como direitos fundamentais.

Mas, para além dos problemas do programa, a segurança pública é um ativo político que será bastante explorado por Bolsonaro e seus aliados, aqui incluído o governador Cláudio Castro. É provável que esta seja a grande bandeira desse campo. Assim, é preciso defender a ideia da participação social e da escuta dos diretamente afetados pelas ações como condição básica para políticas e programas. Do contrário, no caso das favelas fluminenses, o que veremos será tão somente a troca da tirania das facções e milícias pela tirania estatal oficial.

Turistas sobem o morro para tirar foto em balanço de Guarujá

FOLHA VERÃO

Mariana Zylberkan

GUARUJÁ Todo fim de tarde, dezenas de turistas sobem o morro da Caixa D'água, em Guarujá, no litoral sul de São Paulo, em busca do cenário de verão recém-inaugurado sob medida para postar nas redes sociais. O Mirante das Galhetas tem como principal atração a plataforma de vidro suspensa 45 metros acima do mar com vista panorâmica para as praias do Tombo e das Astúrias.

A atração mais concorrida, porém, é o balanço instalado no topo do morro que chega a formar fila de pessoas à espera da sua vez para tirar uma selfie emoldurada pelas flores de plástico e a placa "Eu amo Guarujá".

A família da dona de casa Iara de Farias, 32, não se importou em esperar cerca de meia hora debaixo do sol para tirar as fotos. "É muito lindo, não podemos ir embora sem registrar isso", disse ela, que saiu de Campinas, no interior paulista, para passar férias no litoral.

A maioria apenas senta no balanço e abre um sorriso para a câmera com o mar azul ao fundo, mas há alguns visitantes que ousam impulsos mais altos para dar o efeito de estar flutuando na foto.

O movimento de carros, bicicletas e moradores com seus cães começa a aumentar à medida que se aproxima o pôr do sol, quando é formada fila para fazer fotos na ponta direita do mirante, que garante imagens com a praia do Tombo ao fundo.

Os dias seguidos de tempo ruim no litoral neste início de ano frustraram os turistas que foram morro acima atrás de uma foto com o céu alaranjado de fim de tarde.

O balanço instagramável do Guarujá se junta a uma série de pontos turísticos com a mesma proposta, como o "Balanço nas Nuvens" do parque Alto da Pedra, no Rio Grande do Sul, e o instalado no Buraco Azul, em Jericoacoara (CE). Em Itapema, no litoral catarinense, a prefeitura criou a "Rota dos Balanços" com sete estruturas gigantes para tirar fotos.

Antes de passar pela reforma que incluiu nova pavimentação e iluminação, o Morro da Caixa D'água já figurava entre os mirantes mais famosos em Guarujá. Na lista, estão o mirante Campina, conhecido como Morro do Maluf, e o Costão das Tartarugas.

Apesar de garantia de curtidas nas redes sociais, o novo ponto turístico é alvo de reclamação entre os visitantes devido à falta de sombras.

Nas horas mais quentes da tarde, as pessoas se aglomeram no abrigo onde fica a equipe da secretaria de turismo municipal. Não há banheiros nem bebedouros.

O Mirante das Galhetas custou R$ 2 milhões e recebeu recursos da União por meio de convênio entre a Prefeitura de Guarujá e o Ministério do Turismo.

A entrada é gratuita e a prefeitura estimula a doação de um quilo de alimento não perecível por visitante.

O erro de chamar mentira de erro

Da falsificação de Queiroga sobre a vacina à de Risério sobre o racismo

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, autor de "O Drible" e "Viva a Língua Brasileira"

"Queiroga erra e diz que 4.000 morreram por vacina", afirmou a **Folha** *na segunda-feira (17). O jornal errou: o que o ministro da Saúde cometeu não foi um erro, e o erro estava na escolha do vocabulário do título.*

Exatamente um mês antes (17/12), tinha havido um caso parecido. "Bolsonaristas erram ao dizer que Datafolha indicava vitória de Haddad em 2018", era a notícia.

Na ocasião, protestos em redes sociais levaram a uma reformulação do texto, com a troca de "erram" por "distorcem". Melhor, sem dúvida. No caso recente de Marcelo Queiroga, o erro ficou intocado.

Embora louvável, a solução dada àquela teria implicado a "distorcer" uma intransitividade forçada e evitava o verbo que seria mais natural no contexto.

"Mentir" é o verbo. Bolsonaristas mentiram sobre as pesquisas de 2018 e Queiroga mentiu ao dizer, em entrevista a uma rádio de extrema direita, que 4.000 brasileiros morreram de vacina. Seu ministério confirma 11 mortes ligadas à vacinação contra Covid.

A diferença entre errar e mentir é a que há entre boa-fé e má-fé. Só erra quem tem a intenção de acertar. Quem dá troco de R\$ 17,50 para uma nota de R\$ 20 quando a despesa é R\$ 3,30, por exemplo.

Quem nega o Holocausto, diz que a terra é plana, que negros oprimem brancos ou que as vacinas representam um problema de saúde pública em vez de uma solução —quem faz isso falseia a realidade, alimenta a desinformação. Mente.

Tal adequação vocabular é o mínimo que se exige para a manutenção de uma conversa civilizada. Há outras palavras disponíveis para esse tipo de comportamento, num arco de gravidade crescente que se encerra no Código Penal. Apontar a mentira é o básico.

Entende-se que a busca de uma postura imparcial diante dos fatos —meta desejável, ainda que inatingível—, ou pelo menos de certa pluralidade, recomende cuidado com o juízo duro embutido no verbo "mentir".

Se a diferença entre errar e mentir é de intenção, mora no caráter, quem somos nós para, de fora, dizer qual é qual? A ponderação é justa, mas encontra seu limite no bom senso.

Diante de um governo que, desde a campanha, faz do caos e da desinformação uma linguagem e um meio de vida, evitar chamar a mentira de mentira não denota ponderação. Denota covardia, renúncia ao dever de informar.

Dizer que 4.000 brasileiros morreram por causa da vacina —um desvio de 3.536%— não é erro. Erro, e grave, é quase 58 milhões de brasileiros terem votado num candidato que, meses depois, estava trabalhando para matá-los na maior quantidade possível.

★

O texto acima já estava pronto quando tomei conhecimento da carta aberta de 186 jornalistas da **Folha** *motivada pelo artigo de Antonio Risério. Estou com eles, o artigo é muito ruim.*

Não é de hoje que me incomoda a postura sensacionalista de fabricar polêmicas contra consensos progressistas à custa de embaralhar categorias, o anedótico com o sistêmico, a exceção com a regra.

É o que faz o artigo, aproveitando-se da polissemia de "racismo" na linguagem comum —palavra que pode significar tanto um sistema de opressão quanto uma disposição hostil particular. Isso também é desinformação.

Não gosto de dogmas nem da ideia de blindar de críticas o identitarismo. Se é óbvio que Risério tem liberdade para escrever o que quiser, entendo os colegas que se preocupam por ver o jornal dando palco, seguidas vezes, ao que também é uma forma de mentira.

DOM. Antonio Prata SEG. Marcia Castro, Maria Homem TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques QUI. Sérgio Rodrigues | **SEX. Tati Bernardi** SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Governo federal troca diretor de gestão do Inep após Enem 2021

Demissão tem relação com a crise que eclodiu no órgão em novembro; mais exonerações são esperadas

Paulo Saldaña

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) promoveu mais uma mudança no alto escalão do Inep, órgão responsável pelo Enem. Foi exonerado nesta quarta-feira (19) o diretor de Gestão e Planejamento, Alexandre Avelino Pereira.

A demissão tem relação com a crise que eclodiu no órgão em novembro passado, segundo relatos ouvidos pela reportagem. A avaliação dos líderes do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) é de que Pereira fez parte de resistências do órgão para atender planos do governo, como a tentativa de terceirizar o banco de itens das avaliações.

A diretoria de Gestão e Planejamento é responsável, entre outras coisas, pela logística de exames, como o Enem. A demissão ocorre após o fim da aplicação da edição de 2021, cuja reaplicação da prova acabou no último domingo (16).

A exoneração de Pereira foi publicada no Diário Oficial da União desta quarta. Ele havia chegado ao cargo após Danilo Dupas Ribeiro assumir a presidência do Inep e ficou oito meses. A mesma portaria nomeou para o cargo o auditor da CGU (Controladoria-Geral da União) Jefran Lima Roseno.

Às vésperas do Enem de 2021, o Inep passou por uma crise histórica, com a debandada de servidores de postos-chave, denúncias de interferência no conteúdo do exame e de assédio moral. Questionado, o Inep, que é ligado ao MEC (Ministério da Educação), não se pronunciou.

Dentro do órgão há expectativa de que ocorram novas demissões como retaliação à crise. As mudanças devem ocorrer após o fim do processo de correção das provas.

O embate ideológico é a principal marca do governo Bolsonaro na educação. A intenção de interferir no conteúdo da prova foi relatada por funcionários no ano passado.

As equipes envolvidas na elaboração da prova buscaram equilíbrio entre essa pressão, o atendimento à matriz de conteúdos do Enem e a coerência estatística da prova. Apesar da intenção do governo, o Enem 2021 foi considerado equilibrado.

Por outro lado, não caiu nada, pelo terceiro ano consecutivo, sobre a ditadura militar (1964-1985), período elogiado pelo presidente da República.

No ano passado, a **Folha** revelou que Bolsonaro pediu para o ministro da Educação, pastor Milton Ribeiro, questões que tratassem o golpe de 1964 por revolução.

Desfiles de escolas de samba em SP terão máscara e passaporte da vacina

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo definiu na manhã desta quarta-feira (19) os protocolos para realização dos desfiles no Carnaval deste ano na capital por causa da Covid-19.

Segundo o documento, todas as pessoas no Sambódromo do Anhembi (na zona norte) deverão usar máscaras de proteção —tanto quem estiver nas arquibancadas como os componentes das escolas de samba.

"Já existe uma determinação da Liga SP para que os desfilantes usem máscara durante todo o desfile, e não apenas na concentração e dispersão. Para isso, será excluído do julgamento do Carnaval 2022 o quesito harmonia, que avalia como os componentes cantam o samba-enredo. Desta forma, o uso da máscara não atrapalhará a competição", diz o documento com os protocolos.

"Da mesma maneira que os chefes de ala são responsáveis por conferir se as fantasias dos componentes estão completas, ficarão responsáveis por conferir também o uso da máscara, sob risco da perda de pontos no quesito fantasia."

No ano passado, o Carnaval não foi realizado em São Paulo por causa da pandemia.

Também será obrigatória a apresentação de passaporte de vacina contra a Covid-19 com, no mínimo, duas doses. A exigência será igualmente para público (deverá ser pedido na venda online dos ingressos) e integrantes das escolas, que serão obrigados a preencher um pré-cadastro.

O limite de ocupação máxima será de 70% da capacidade de público em todos os setores, incluindo arquibancada, camarotes e pista.

O protocolo também prevê a redução no número de componentes das escolas. "Uma agremiação do grupo Especial, que desfilava com 3.000 componentes até 2020, passará a desfilar com 2.500 em 2022. As escolas do grupo de Acesso 1 passam de 1.000 para 800 componentes e as do Acesso 2, de 800 para 500 desfilantes", diz o documento.

Para não haver aglomerações na concentração e na dispersão, cada escola chegará em horários predeterminados, por ordem de desfile, em ônibus da prefeitura.

São cerca de 50 veículos por escola de samba, que levam, no máximo, 30 a 35 componentes com as suas fantasias", diz o protocolo.

"No momento da chegada, as agremiações já organizam suas alas no formato em que desfilarão, usando um espaço onde cabem mais de 10 mil pessoas, com, no máximo, 1.500 pessoas enfileiradas e alinhadas. Na dispersão, o mesmo processo acontece. Assim que terminam o desfile, as alas são direcionadas de volta aos ônibus que estão estacionados no portão, evitando aglomeração."

Segundo a Secretaria Municipal da Saúde, os ensaios técnicos que seriam realizados em janeiro estão cancelados, e uma nova grade de ensaios será programada para fevereiro, com apenas um ensaio por agremiação e controle de acesso do público e desfilantes, como o passaporte da vacina e uso obrigatório de máscaras.

O documento prevê possibilidade de discutir o adiamento dos desfiles se houver mudança na pandemia.

ESPORTE AO VIVO

Arsenal x Liverpool
Copa da Liga Inglesa, ESPN 2

Athl. Bilbao x Barcelona
Copa do Rei, ESPN

Australian Open
Terceira rodada, ESPN 2

Robinho é condenado em última instância por estupro coletivo na Itália

Julgamento nesta quarta (19) definiu pena de nove anos de prisão, mas jogador não está no país

Michele Oliveira

MILÃO O atacante Robinho, 37, foi condenado nesta quarta (19), na terceira e última instância da Justiça italiana, pelo crime de estupro coletivo, cometido há nove anos em Milão, quando ele jogava pelo Milan. Com a sentença, que é definitiva, ele passa a ser considerado culpado. A pena é de nove anos de prisão, com multa de 60 mil euros (R$ 374 mil).

A condenação e a pena também foram confirmadas para Ricardo Falco, amigo do jogador. Assim como nas outras vezes, nenhum dos dois réus esteve presente no julgamento, ocorrido na 3ª Seção Penal do Supremo Tribunal de Cassação, em Roma.

Nas duas instâncias anteriores, eles negaram o crime. Os advogados de Robinho sustentavam que não havia provas de que a relação com a vítima — uma mulher albanesa que hoje tem 31 anos e vive na Itália — não tenha sido consensual.

Na audiência desta quarta, que começou por volta das 10h30 (6h30 de Brasília) e durou cerca de 30 minutos, os recursos dos advogados de defesa foram recusados pelo colégio de cinco juízes, presidido por Luca Ramacci.

A defesa tentou reverter a condenação da segunda instância, pelo Tribunal de Apelação de Milão, em dezembro de 2020. Nessa fase final do processo, a Corte de Cassação analisou aspectos exclusivamente técnicos, sem entrar no mérito da questão.

Os advogados de Robinho contestaram o fato de que parte do material apresentado no recurso da segunda instância não tenha sido aceito como prova, como o dossiê com cerca de 40 imagens da vítima, retiradas de suas próprias redes sociais, em que ela aparece ingerindo bebidas alcoólicas. As fotos foram consideradas irrelevantes pelo Tribunal de Milão.

No veredicto, a Corte de Cassação confirmou integralmente a decisão da corte milanesa. As motivações da decisão serão divulgadas em 30 dias.

"Esperamos que a execução aconteça. Sabemos que o problema é que os culpados estão no Brasil, e pode haver questões de natureza constitucional para um eventual pedido de execução da pena", disse à **Folha** o advogado da vítima, Jacopo Gnocchi.

"Esse foi um processo que concedeu, do começo ao fim, todos os direitos de defesa para quem foi julgado culpado. Foram 15 juízes, desde a investigação até hoje, que consideraram culpados esses dois", afirmou. "A sentença definitiva agora existe. A bola passa para o Brasil."

A vítima, que estava presente na audiência de julgamento, não quis comentar.

A Constituição brasileira impede a extradição de seus cidadãos para países onde os crimes tenham sido cometidos. No entanto, a legislação brasileira prevê na Lei de Migração (13.445/17), artigos 100 a 102, a transferência de execução de pena para os casos em que a extradição não é possível devido à nacionalidade. Em tese, as autoridades italianas precisam solicitar ao Superior Tribunal de Justiça brasileiro o cumprimento da pena no país.

Segundo Gnocchi, a execução é uma tarefa realizada autonomamente, sem o envolvimento dele. O Tribunal de Apelação, onde se encontra a sentença definitiva do caso, deve acionar a Procuradoria para a execução da sentença.

O crime ocorreu na madrugada do dia 22 de janeiro de 2013, em uma casa noturna de Milão.

Segundo investigação do Ministério Público, Robinho, Falco e outros quatro brasileiros praticaram violência sexual de grupo contra a vítima, que foi embriagada por eles e, inconsciente, levada para o camarim do estabelecimento, onde foi estuprada várias vezes. Por terem deixado a Itália durante a investigação, os outros quatro homens não puderam ser notificados, e o caso deles foi desmembrado do processo.

A acusação foi baseada no depoimento da vítima e em conversas telefônicas interceptadas com autorização da Justiça italiana, incluídas como provas no processo. Em novembro de 2017, Robinho e Falco foram condenados na primeira instância, em Milão, por estupro coletivo, segundo os artigos 609 bis e 609 octies do código penal italiano, que determina prisão de 8 a 14 anos. À época, Robinho jogava no Atlético-MG.

Os advogados de defesa recorreram, e um novo julgamento foi realizado em dezembro de 2020, quando a sentença foi confirmada pela segunda instância.

Pouco antes, em outubro de 2020, o GloboEsporte.com revelou o conteúdo das escutas. Nelas, Robinho e amigos deixam evidente que sabiam que a vítima estava inconsciente. Em uma das falas, o atacante diz: "Estou rindo porque não estou nem aí, a mulher estava completamente bêbada, não sabe nem o que aconteceu".

A divulgação causou a suspensão do acordo entre Robinho e o Santos, que o havia anunciado no clube até fevereiro de 2021. O atacante está, desde então, afastado do futebol.

Robinho em 2013, ano em que ele jogava no Milan (ITA) e cometeu o crime pelo qual foi condenado

Defesa diz que cliente é inocente e que processo tem falhas

OUTRO LADO

MILÃO E SÃO PAULO Antes de iniciada a sessão que condenou em definitivo Robinho, Alexander Gutierres, um dos advogados de defesa do atleta na Itália, comentou com jornalistas que o processo continha falhas, que o jogador era inocente e que ele foi "massacrado pela mídia". Procurado depois pela **Folha**, ele disse que não comentaria o desfecho.

Em dezembro de 2020, Robinho foi condenado em segunda instância pela Justiça italiana. Na ocasião, em 65 páginas, foram apresentados pela defesa os resultados de quatro consultorias técnicas realizadas após a decisão de primeira instância, em 2017.

Uma se concentrou em fazer um levantamento toxicológico, com a intenção de mostrar que não é possível provar que a vítima estava em condições de "inferioridade física ou psíquica" na hora do crime, como sustentou o Ministério Público. Outra questionou a exatidão das traduções das escutas telefônicas incluídas no processo.

Na terceira consultoria, foi apresentado o conteúdo de um HD (disco rígido) de Robinho, com imagens que supostamente o mostram com amigos no horário em que o crime teria ocorrido.

Trecho de acordo entre os países deve deixar atleta livre no Brasil

Luciano Trindade

SÃO PAULO Condenado em última instância pela Justiça italiana a nove anos de prisão por estupro coletivo, Robinho está no Brasil, que não extradita brasileiros natos. Portanto, a não ser que viaje à Itália ou a algum dos países que têm acordo de extradição com a Itália, o jogador não cumprirá a pena no país em que o crime, segundo a Justiça italiana, foi cometido.

O próximo passo do caso é a publicação da sentença, 30 dias após o julgamento de quarta (19). Aí, como o atleta não está na Itália — assim como seu amigo Ricardo Falco, também condenado —, o sistema judiciário italiano poderá formalizar um pedido ao brasileiro para que a execução das penas se dê no Brasil.

Essa possibilidade se apresenta na Lei de Migração (13.445/17) do Brasil, que prevê a transferência da pena nos casos em que a extradição não é possível. Porém os advogados do atacante e os especialistas ouvidos pela reportagem veem como pouco provável a hipótese de essa transferência ser concretizada.

Pelo que está estabelecido na legislação, a solicitação seria recebida pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça), que analisaria o cumprimento dos requisitos. Alguns desses requisitos, na avaliação de advogados, são claramente atingidos, como o trânsito em julgado e similaridade nas leis — isto é, o que é crime no outro país também é crime no Brasil.

Onde a transferência da pena pode esbarrar é em trecho do acordo de cooperação judiciária entre Brasil e Itália, firmado em 1989 e modificado em 1993. O acerto entre os países estabelece explicitamente que "a cooperação não compreenderá a execução de medidas restritivas da liberdade pessoal nem a execução de condenações".

De acordo com André Ramos Rocha e Silva, advogado especialista em direito criminal, a Lei de Migração, de 2017, "não afasta os ditames do artigo 9º do Código Penal". "O Brasil e a Itália não têm um tratado ou promessa de reciprocidade para a execução de pena privativa de liberdade, requisito objetivo do artigo 100, parágrafo único, inciso V", diz.

O citado artigo do Código Penal estabelece as condições para a homologação de sentenças estrangeiras no Brasil. Há quem veja todos os requisitos cumpridos, como o advogado Davi Tangerino, especialista em direito penal ouvido pelo SporTV, mas os advogados de Robinho disseram a ele que o risco é mínimo.

2022: o ano da virada

Eleições em outubro e Copa em novembro: tudo para o Brasil se reencontrar

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Das boas sacadas do ano que recém começa é a frase "como meu time vai sofrer gols mesmo, vamos jogar sem goleiro".

O autor é desconhecido, e os adeptos estão no governo federal e entre aqueles que ainda o apoiam, os que negam a vacina porque sem 100% de eficácia, embora evitem a gravidade dos casos entre os vacinados.

Do genocida aos seus porta-vozes, todos merecem o prêmio Novak Djokovic, o gênio de cérebro menor do que a bolinha de tênis.

E 2022 começou com o comovente documentário da Globoplay sobre a vida da extraordinária Nara Leão e com a tristeza da morte do irrequieto jornalista escocês Andrew Jennings, o jardineiro que dedicou a vida às flores de seu sítio e ao pântano da corrupção dos poderosos, com petardos mortais sobre o COI e a Fifa.

O ano promete.

No domingo, 2 de outubro, o começo do fim deste pesadelo em que o país mergulhou em 2018, quando as urnas eletrônicas haverão de enterrar o genocida e seus satélites.

Na segunda-feira, 21 de novembro, o pontapé inicial da Copa do Mundo no Qatar, também para encerrar o ciclo iniciado em 2010, na África do Sul, numa série de escolhas viciadas de sedes cujas características principais eram ser democracias incipientes, pouco controle social, muita corrupção e, no caso do país árabe, absoluto desrespeito aos direitos humanos e trabalhistas.

Escolher um democrata em 2 de outubro será incomparavelmente mais importante do que vencer a Copa no domingo, 18 de dezembro.

Nada impede que tenhamos as duas festas.

As pesquisas revelam ser quase certa a festa mais importante, mas todo cuidado é pouco, nada de salto alto, porque o atual dono da bola não disfarça que quer roubá-la e certamente terá aliados na empreitada, como teve quatro anos atrás e não podemos esquecer.

Já a festa do hexacampeonato é mais incerta, porque há concorrentes em demasia entre os europeus — e Lionel Messi em sua derradeira tentativa.

Não ir como favorita será bom para a seleção brasileira, que apenas uma vez, em 1962, no Chile, confirmou favoritismo.

Que Vini Jr. ajude a fazer seja o que Neymar até hoje não foi capaz.

O caos perfeito

No próximo dia 25 entra na Netflix o documentário em três capítulos sobre Neymar, quase três horas sobre os picos e vales de sua carreira.

Neymar imagina ter sido capaz de conciliar a vida de atleta com a de popstar.

O filme irritará os fãs do Peter Pan brasileiro pelo que tem de crítico e irritará os que não gostam dele, por ser benevolente.

Papai Neymar aparece como é, dono do espetáculo, superprotetor, embora poupado sobre tantos contratos nebulosos que marcam a trajetória do filho.

Até mesmo protagoniza uma cena, duvidosa se real ou simulada — como se para marcar certa independência na relação entre os dois.

Na comparação inevitável com o doc sobre Pelé, da mesma Netflix, o do Rei goleia, embora também o de Neymar tenha belíssimas cenas em atuações pelos gramados do mundo.

Quadrangular dos sonhos

Reunir num torneio-relâmpago os quatro melhores times do mundo no momento seria tudo o que o torcedor globalizado mereceria: Bayern de Munique, Liverpool, Manchester City e Real Madrid estão jogando o fino da bola, embora sujeitos às intempéries da pandemia e aos desfalques causados pela Copa da África — por sinal comprada pela Band para ser ocultada.

Basta!

De bater palma para maluco dançar.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | **SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo** | SÁB. Marina Izidro

Longevidade exige preparo ou reserva surpresas

FOLHA, 100
COMO CHEGAR BEM AOS 100

Alexandre Kalache
Médico gerontólogo, presidente do Centro Internacional de Longevidade no Brasil (ILC-BR)

Carmen Martinez, uma das mais eminentes epidemiologistas com quem a Espanha já contou, faleceu no início do mês. Nascida em Madri, onde se formou em Medicina em 1970, Carmen iniciou sua brilhante carreira em Barcelona. Lá, durante anos, dedicou-se ao cuidado de pacientes cancerosos.

Nessa época, fez pós-graduação em Londres, de onde voltou determinada a criar o primeiro registro de câncer da Espanha, mostrando seu pioneirismo. Assim o fez em 1985, quando se integrou à recém-criada EASP (Escola Andaluza de Saúde Pública), em Granada. Ali criou um celeiro de projetos inovadores, centrados no tratamento e no cuidado do câncer.

Suas pesquisas permitiram a identificação de fatores de risco para diversos tipos de câncer, os estilos de vida para preveni-los —como a dieta mediterrânea— e o desenvolvimento de cuidados paliativos no caso de morte como desfecho inevitável.

A longa carreira de Carmen teve um caráter internacional, muito além da Europa, não só através de estudos multicêntricos. Ela foi disseminadora de conhecimentos e experiência por toda a América Latina, inclusive o Brasil.

Registros de Câncer são ferramentas indispensáveis para que políticas apropriadas sejam desenvolvidas. Dessa forma, o trabalho de Carmen Martinez teve um impacto considerável na qualidade do tratamento e cuidado do câncer em nível mundial.

Embora sua contribuição como fundadora do Registro de Câncer de Granada seja indiscutível, Carmen era, sobretudo, uma profissional de saúde pública de primeira grandeza. Como membro da equipe diretora da EASP desde 1985, sua atuação foi determinante no desenvolvimento de uma das mais vibrantes instituições de ensino e pesquisa em saúde pública da Europa por muitas décadas. Foi nessa capacidade que nos conhecemos.

Na época, eu formava parte do corpo docente da LSHTM (London School of Hygiene and Tropical Medicine), a 'mãe' de todas as escolas de saúde pública. A Espanha tinha carência de material didático e cursos de especialização e um sentido de urgência imensurável face ao desafio de dotar o país com profissionais competentes para estabelecer um serviço nacional de saúde moldado no modelo britânico.

Um convênio foi estabelecido entre as duas instituições e eu fui designado pela LSHTM como 'ponte', tendo Carmen como contraparte. Daí nasceu uma amizade profunda e duradoura.

Carmen aposentou-se precocemente e decidiu voltar a viver em sua Madri natal. Não contava que em pouco tempo sua reserva social desaparecesse com a morte dos pais e amigos próximos. Viu-se cada vez mais isolada. Contava ainda menos que viesse a desenvolver doença de Alzheimer. Não havia se preparado para tal. Não planejou sua vida pós-diagnóstico. Terminou perdendo sua autonomia por completo.

Por não ter tido filhos, coube a um irmão, um virtual estranho para ela, assumir as rédeas de sua vida. Foram anos penosos para nós, amigos proibidos por ele de até mesmo visitá-la. Não lhe faltavam recursos, mas já não era Carmen quem tomava decisões de como empregá-los.

A mensagem ficou-me taxativamente clara.

Os testamentos de vontades antecipadas e as medidas legais que nos possam proteger são indispensáveis enquanto ainda temos a capacidade de expressá-las. Ou surpresas não lhe faltarão.

Você já pensou em quem vai cuidar de você, provável longevo que me lê?

Seção discute questões da longevidade

A seção Como Chegar Bem aos 100 é dedicada à longevidade e integra os projetos ligados ao centenário da **Folha**, celebrado neste ano de 2021. A curadoria da série é do médico Alexandre Kalache, ex-diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde).

MERGULHINHO
Mergulho em águas geladas, perto de Moscou, faz parte das celebrações do festival da Epifania da igreja ortodoxa Maxim Shemetov/Reuters

ACERVO FOLHA

20.jan.1972

Alunos voltam às aulas nas escolas municipais com novidades

Mais de 200 mil crianças e 6.100 professores das escolas municipais de São Paulo iniciam nesta quinta-feira (20) o ano letivo, que terá muitas novidades.

Com o novo calendário haverá três períodos de 80 dias de aulas e três férias de extensões variáveis.

O professor municipal com formação para lecionar em curso ginasial poderá trabalhar em duas classes por dia (uma até o quarto ano e a outra do quinto em diante), aumentando o salário.

A merenda escolar deve estar mais farta e variada porque a verba a ela destinada é cinco vezes maior do que a do ano passado.

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Por que as mulheres querem ser a 'número um'?

A fidelidade é um valor essencial nos relacionamentos extraconjugais

Mirian Goldenberg
Antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio, é autora de "A Invenção De uma Bela Velhice"

Estou fazendo uma faxina material e existencial (limpando os armários, organizando livros e papéis, doando roupas, bolsas e sapatos) e acabei encontrando um exemplar da Folha com uma chamada de capa e uma matéria de duas páginas sobre o meu livro "A Outra", de 1990. Parece que foi ontem, mas já se passaram 32 anos.

Minha primeira pesquisa sobre amor, sexo e traição foi "A Outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante de um homem casado". Desde então, entrevistei centenas de mulheres —"Outras" e esposas (traídas ou não)— buscando compreender seus discursos, comportamentos e valores. Elas afirmaram que, especialmente depois dos 40 anos, "é quase impossível encontrar um homem apaixonado e fiel. Falta homem no mercado".

Para elas, a pior situação não é a da amante nem a da mulher sozinha, mas a da esposa traída. Algumas apontaram o lado positivo da relação extraconjugal: conversas íntimas e divertidas, passeios, viagens, projetos profissionais. Para as esposas traídas, segundo elas, sobrariam as "migalhas": mentiras, brigas, serviços domésticos, além do desgaste da rotina, do tédio e da "mesmice".

Algumas "Outras" disseram que são as verdadeiras companheiras em todos os níveis —amorosos, sexuais e intelectuais—, enquanto as esposas traídas seriam o vínculo obrigatório e tóxico do parceiro.

Apesar de serem bem diferentes, um ponto une as "Outras" que eu pesquisei: elas acreditam que seus amantes não têm mais vida sexual com as esposas, como uma professora de 50 anos: "Um amigo do meu filho me paquerava descaradamente: 'Você é uma mulher linda, inteligente, interessante'. Eu não dava bola, pois, além de casado, é um garoto de 27 anos. Um dia ele me deu um beijo tão delicioso que não resisti. Ele quer se separar da esposa, mas eu me sinto culpada, pois ele tem um filhinho pequeno. Já tentei me separar dele, mas ele fica desesperado. Não quero ser uma destruidora de lares, mas ele já estava infeliz e querendo se separar antes de mim, só que ela ficou grávida para segurar o marido".

A fidelidade é a principal valor do seu relacionamento: "Há mais de dois anos ele não consegue transar com a esposa. Diz que só tem tesão em mim. Pode parecer mentira, mas nunca brigamos. Qual é o segredo do nosso amor? É simples: eu sou fiel como quero que ele seja. Desde o primeiro dia, ele faz questão de provar que eu sou seu único e verdadeiro amor".

É curioso observar que, mesmo em uma relação em que a infidelidade amorosa e sexual é evidente, a fidelidade aparece como o valor mais fundamental.

"Meu ex-marido só me criticava e reclamava de tudo. Ele não me enxergava mais como mulher, eu me tornei invisível para ele. E o pior de tudo: ele sempre foi infiel. Cheguei à conclusão de que sou amante de um homem casado só para provar que ainda sou desejada em uma sociedade que é cruel para as mulheres da minha idade. Sabe o que é mais importante? Tenho a certeza de que meu amante é 100% fiel."

Apesar de que ter "o capital marital" é um desejo muito presente entre as mulheres que eu pesquisei, o marido perde completamente o valor quando é infiel. Tanto para as esposas quanto para as "Outras", o "capital marital" só tem valor se ele for fiel e, mais importante ainda, se elas tiverem a certeza de que são únicas e especiais para ele.

Em um mercado afetivo e sexual em que os homens apaixonados e fiéis são considerados raros, a maioria das mulheres que eu pesquisei prefere ficar sozinha ou até mesmo ter um amante fiel do que ser a esposa traída.

Portanto, o amante fiel também é visto como um capital, bem menos valorizado do que o marido fiel, mas ainda precioso porque elas acreditam (ou precisam acreditar) que ele é 100% fiel e que, portanto, elas são únicas, especiais e inesquecíveis.

Descobri, em mais de trinta anos de pesquisas com mulheres que traíram ou foram traídas, que todas querem a mesma coisa: um companheiro apaixonado e fiel que faça com que elas se sintam a "número um". Não é um paradoxo interessante?

da

Coisas feitas pelo coração

Filme 'Eduardo e Mônica', com Alice Braga e Gabriel Leone, traduz para as telas o romance da canção de Renato Russo que virou um clássico pop e enfim estreia depois dos atrasos causados pela pandemia

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Ele era fã de novelas, de futebol de botão e ainda fazia aulinhas de inglês. Já ela era fluente em alemão, estudava medicina e passava horas vendo filmes de Godard ou lendo Rimbaud. Não é difícil adivinhar quem são esses dois personagens opostos, que se apaixonam perdidamente. A história de Eduardo e Mônica, afinal, foi ouvida por diversas gerações e se fixou na cultura pop, mesmo que o casal tenha se limitado ao ramo musical. Até agora.

Protagonistas da canção homônima composta por Renato Russo para a banda Legião Urbana nos anos 1980, eles finalmente ganharam uma versão de carne e osso, que chega aos cinemas nesta semana, no filme "Eduardo e Mônica".

Os quatro minutos da música foram expandidos para quase duas horas, numa trama que preserva os pontos principais da letra e dá um pouco mais de bagagem para o casal. Eduardo, vivido por Gabriel Leone, é um colegial descomprometido e um tanto abobalhado, neto de um militar que certa noite vai com um amigo a uma festa.

Lá, ele conhece Mônica, interpretada por Alice Braga. Ela aparece pela primeira vez durante uma intervenção artística, entre as luzes piscantes da boate, e dá uma carona para Eduardo, que perdeu o ônibus. Intelectual, descolada e bem mais velha, ela parece muita areia para o caminhãozinho do rapaz — mas a carona evolui para um encontro, depois uma ficada e, finalmente, para o namoro.

"A gente tinha uma espinha dorsal, uma história de amor entre pessoas diferentes. E aí tivemos que ser fiéis ao espírito da música, mas sem transformar a trama num videoclipe ou sendo muito explícitos a ponto de copiar frases da letra", afirma Bianca de Felippes, que é produtora de "Eduardo e Mônica".

Ela diz que foram cerca de 80 versões do roteiro até finalmente chegar ao texto usado nas gravações. Houve quem investisse mais no cenário político do Brasil da época, por exemplo, ou quem dedicasse mais tempo para conceber uma família para o rapaz.

No fim, triunfou o que De Felippes chama de um roteiro mais simples, que preferiu não inventar muita coisa para poder se aprofundar nos pequenos detalhes deixados por Renato Russo — a ideia de uma família grande para Eduardo, por exemplo, foi descartada e ele terminou apenas com o avô, citado na música como o seu adversário no futebol de botão.

Desde o princípio, no entanto, uma coisa estava clara — o filme teria de se passar em Brasília, em 1986, não nos dias atuais. Isso resultou no que o diretor René Sampaio considera um romantismo mais exacerbado, já que os encontros e desencontros de Eduardo e Mônica não são influenciados pela onipresença das redes sociais, como hoje.

"A música tem um discurso romântico que é muito próprio daquela época. Sem WhatsApp fica melhor, com certeza", diz ele, que afirma, no entanto, que o longa tem apelo para o público contemporâneo. "Apesar da ambientação, os dramas que aqueles personagens vivem são muito atemporais. E é uma triste coincidência, talvez, que alguns dos temas tratados continuam atuais, porque mostra que a gente não conseguiu superar alguns dos conflitos da época."

Um desses conflitos acontece quando Mônica conhece o avô de Eduardo, durante a ceia de Natal. Ela, um espírito livre, mente aberta, filha de um perseguido político, fica horrorizada ao saber o que pensa o militar reformado sobre a ditadura então recém-encerrada, a tortura e até a homossexualidade.

Continua na pág. C2

RENATO RUSSO NAS TELAS

'Faroeste Caboclo'
Lançado em 2013, o filme é inspirado na canção homônima do Legião Urbana e tem Fabrício Boliveira e Ísis Valverde nos papéis principais. Na trama, João quer deixar as tragédias de seu passado para trás e vai para Brasília, onde se envolve com o tráfico de drogas e se apaixona por Maria Lúcia, filha de um poderoso político. Disponível no Globoplay e para compra e aluguel no Looke e na Microsoft Store

'Eduardo e Mônica'
Da mesma dupla de diretor e produtora por trás de 'Faroeste Caboclo', o filme cria um contexto para o romance da canção homônima nos cinemas

Thiago Mendonça deu vida a Renato Russo nesta cinebiografia lançada em 2013 e dirigida por Antonio Carlos da Fontoura. Disponível no Telecine Play

Gabriel Leone e Alice Braga em detalhe do cartaz de 'Eduardo e Mônica'
Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) sinalizou a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) não ter objeção ao nome do ex-governador Geraldo Alckmin como vice e reforçou a mensagem de que embarcará na campanha à Presidência de qualquer modo.

SEMENTE Histórico aliado do PT, o movimento tem resgatado episódios da convivência com Alckmin nos anos em que o ex-tucano governou São Paulo e difundido a avaliação de que ele teve "comportamento de democrata". A organização não fechou posição oficial sobre o tema, mas reiterou o apoio a Lula.

CORDIAL João Paulo Rodrigues, que é da coordenação nacional do movimento e interlocutor do ex-presidente, lembrou nos últimos dias o papel de Alckmin como vice do governador Mario Covas, entre 1995 e 2001. Disse que ao assumir a cadeira, o então tucano manteve a linha de Covas e não perseguiu o grupo.

À MESA Embora tenha mantido diálogo, Alckmin falhou em avançar nos processos de assentamento no estado, recordam integrantes do MST. Por outro lado, ele chegou a receber militantes no Palácio dos Bandeirantes para reuniões e cerimônias ligadas à pauta da reforma agrária.

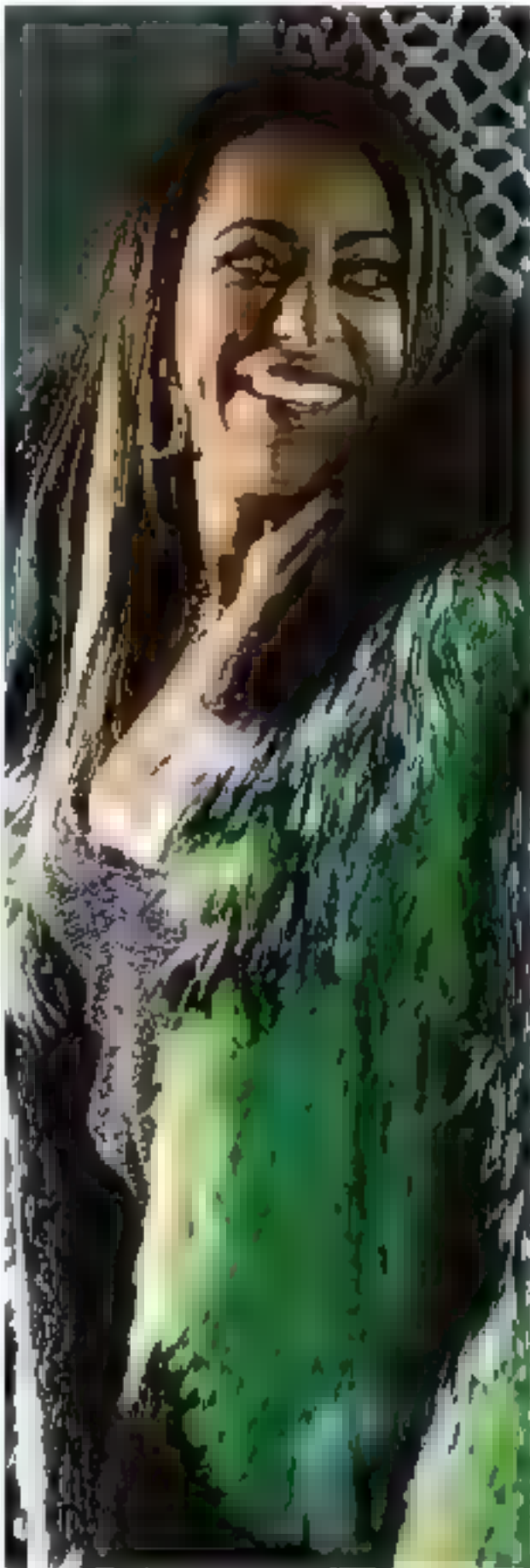
RUÍDO A posição do movimento ganha corpo no momento em que porta-vozes do próprio PT divergem sobre a composição. Nesta quarta-feira (19), Lula disse que, de sua parte, "não existe nenhum problema de fazer aliança com Alckmin e ter ele de vice".

DESILUSÃO O deputado federal Alexandre Frota (PSDB-SP) dá como irreversível sua decisão de tentar vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo, em vez de buscar a reeleição, como queria o partido. O ex-bolsonarista diz que ficou "muito desiludido" com Brasília e quer ficar perto da família. "Não faço parte daquele lixo que se tornou a Câmara dos Deputados, com Orçamento secreto e liberações absurdas de emendas", afirma.

ARRANHÃO A avaliação negativa da gestão municipal de São Paulo, entre 2020 e 2021, cresceu dez pontos percentuais, passando de 35% para 45% a taxa dos que a consideram ruim ou péssima. Os dados são da pesquisa Viver em São Paulo: Qualidade de Vida, da Rede Nossa São Paulo, que ouviu 800 moradores da cidade, maiores de 16 anos, entre 4 e 28 de dezembro de 2021.

MAPA A rejeição ao prefeito Ricardo Nunes (MDB-SP), que assumiu a prefeitura após a morte de Bruno Covas, em maio de 2021, cresceu nas regiões leste, oeste, norte e sul e ficou estável só na zona norte, segundo o levantamento.

CONFETE A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) divulgou nesta quarta-feira (19) uma carta em apoio à médica pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo. Ela diz ter se tornado alvo de ataques virtuais após publicar artigo na Folha em que dizia que a realização do Carnaval em sambódromos pode ser uma atividade de alto risco, com a alta de casos de Covid-19.

Camila Maia/Divulgação

A atriz e cantora Samantha Schmütz volta a viver a personagem emergente Selminha na franquia "Tô Ryka 2", do diretor Pedro Antonio. A primeira parte lançada em 2016, fez mais de 1 milhão de espectadores. O filme, que estreia em 3 de fevereiro, ocupará inicialmente 700 salas de cinema no país. A produção foi rodada em 2018, mas por conta da pandemia teve seu lançamento adiado

PARA TRÁS O secretário especial da Cultura do governo de Jair Bolsonaro (PL), Mario Frias, recebeu diagnóstico positivo para a Covid-19 às vésperas de embarcar para Los Angeles (EUA) nesta quarta-feira (19) para uma missão voltada ao audiovisual. Frias, que é contra as vacinas e não se imunizou, realizou reuniões com sua equipe nesta semana, conforme a agenda oficial.

RISCO O índice de exames positivos de Covid em farmácias do país saltou de 33,42%, entre os dias 3 e 9 de janeiro, para 41,8%, entre os dias 10 e 16, segundo pesquisa da Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma). Das 558.647 pessoas que fizeram teste na semana passada, 233.537 estavam infectadas.

PELA BOCA Uma performance do artista Nuno Ramos na Biblioteca Mário de Andrade, na capital paulista, foi criticada nas redes sociais por envolver o uso de peixes. A instalação recebe convidados para lerem o livro "Em Busca do Tempo Perdido", de Marcel Proust, em um microfone conectado a alto-falantes submersos em aquários com os animais.

GLUB GLUB A biblioteca disse que biólogos e aquaristas foram consultados para assegurar as condições ideais. Os sete peixes, comprados em uma loja, serão adotados por voluntários ao fim da performance, em 3 de fevereiro.

MULTITELA Paulo Vieira, que estreia um quadro no "Big Brother Brasil" (Globo) na quarta (26), ganhou um segundo programa no GNT, de viagens. O ator, humorista e roteirista começa a gravar em fevereiro uma atração em que rodará o país entrevistando anônimos com histórias curiosas. Ele também está mantido no reality "Rolling Kitchen", do canal pago da Globo.

Joelmir Tavares (interino), com Ligia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

Coisas feitas pelo coração

Continuação da pág. C1

A discussão talvez ecoe o que muita gente deve ter vivido nas reuniões de fim de ano de agora, em famílias que foram rachadas pelo bolsonarismo.

"Eduardo e Mônica", no entanto, vem sendo planejado há muito mais tempo que a atual gestão do país. A semente foi plantada há quase uma década, quando outra parceria entre De Felippes e Sampaio inspirada numa canção do Legião Urbana, "Faroeste Caboclo", chegou ao público.

"Havia uma certa cobrança. Sempre que a gente ia a entrevistas e eventos para falar de 'Faroeste Caboclo', as pessoas nos questionavam. Aí a gente percebeu que uma hora teríamos que fazer também 'Eduardo e Mônica'", afirma De Felippes sobre o início do projeto, agora em cartaz.

Continua na pág. C3

Gabriel Leone em cena do filme 'Eduardo e Mônica' Fotos Divulgação

Eduardo e Mônica da vida real eram amigos de Renato Russo e estão juntos há 42 anos

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO O Eduardo imortalizado por Renato Russo em sua célebre canção era ingênuo e pouco dado ao estudo. A Mônica se preparava para ser médica e era bem mais velha. Lá para o final da letra, eles não podem ir viajar porque o filhinho ficou de recuperação. Mas as figuras que inspiraram o artista em "Eduardo e Mônica" não eram bem assim.

Pouca gente sabe, mas o casal da letra existe mesmo — ou, pelo menos, quase. Lançada em 1986 e agora adaptada para o cinema, a faixa do Legião Urbana tomou como inspiração o relacionamento de uma das grandes amigas de Russo, a artista plástica Leonice de Araujo Coimbra, com o marido, Fernando Coimbra.

Na época em que ele compôs a faixa, o músico ligou para a amiga — como fazia com frequência, enquanto trabalhava em novas canções — e mostrou a ela o que, ninguém sabia ainda, se tornaria um verdadeiro fenômeno.

"Sempre que ele compunha ele me ligava, ou ligava para outras amigas, para mostrar. E aí certa noite ele disse que a música era para nós. Eu, honestamente, não estava nem aí naquele momento. Foi só com o tempo que eu fui reconhecer o tamanho do presente que ele, o melhor amigo que eu tive na vida, me deu", diz Leonice, por telefone.

A indiferença inicial se deve ao fato de ela ser uma pessoa reservada e de não se reconhecer na personagem imaginada por Russo. Leonice não estudou medicina nem era tão mais velha que Fernando — que, por sua vez, ela considera o intelectual da relação.

Leonice fala com este repórter do México, para onde se mudou há poucos meses com o marido, que é embaixador do Brasil no país, carreira que é difícil imaginar Eduardo trilhando. Filha do casal, a artista Nina Coimbra — que não ficava de recuperação — concorda que o pai é o oposto do personagem. "Na música o Eduardo parece um pouco bobo, ingênuo, e meu pai não é nada disso", afirma.

"Eu acredito que o Renato escreveu essa música idealizando um pouco a minha mãe — o que faz sentido, porque ele era mais próximo dela. Mas a energia da história, esse encontro de amor, isso realmente existe, porque eles são referência de um casamento bacana, são mesmo como feijão com arroz."

O casal conheceu Renato Russo nos anos 1980, num centro acadêmico da Universidade de Brasília. O músico estava lá para tocar com sua banda e Leonice ficou hipnotizada pela performance. "Nós nos apaixonamos fraternalmente de cara", diz ela.

Depois, eles foram trabalhar juntos num jornal publicado pelo Ministério da Agricultura e, com o tempo, se tornaram grandes amigos. Leonice lembra uma viagem que ela fez com o marido no início dos anos 1990, para Nova York. Ao encontrar o estúdio que haviam alugado, se deparou com Russo, recém-chegado à cidade, na porta, perguntando se poderia se hospedar com eles — de início, ela não gostou da ideia, mas no fim as férias "foram bárbaras".

Renato Russo foi uma presença constante em sua vida e na de Nina, a filha. Mesmo quando a família começou a mudar de um país para o outro, por causa da carreira de Fernando na diplomacia, ele sempre se fez presente.

Nina lembra que quando o telefone de casa tocava de madrugada, eles tinham certeza — Renato Russo estava ligando. Por causa do fuso, eles se falavam em horários nada ortodoxos, mas a chamada era sempre motivo de festa.

"Eu me lembro de ter, durante a infância, essa noção de que o amigo da minha mãe era um pop star. E o Renato gostava disso. Quando estávamos no Brasil, ele ia nos buscar na escola, fazia tudo ser uma grande cena, com todo mundo enlouquecido. Ele gostava de estar entre crianças, receber esse tipo de afeto, de um público que dava uma atenção menos agressiva para ele", conta ela.

As viagens da família, sem data para acabar, motivaram o líder do Legião Urbana a escrever uma outra canção para Leonice, "Uma Outra Estação". Nela, ele canta que "está longe, em outra estação".

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C1
A adaptação, eles contam, foi menos desafiadora do que a anterior, quando mais intervenções tiveram de ser feitas.

A ideia da dupla é desenvolver ainda um terceiro filme fechando uma trilogia inspirada nas letras de Renato Russo. Eles dizem que é cedo para falar das músicas que estão sendo consideradas.

Enquanto isso, De Felippes se ocupará com um documentário sobre a vida e a carreira de Renato Russo, que terá direção de Susanna Lira e será desenvolvido a partir de um acervo de cerca de 6.500 peças deixadas pelo artista.

É como uma versão cinematográfica da peça "Renato Russo – O Musical", biografia que a produtora manteve em cartaz, viajando pelo Brasil, por mais de uma década, até que a pandemia chegasse.

O novo coronavírus também mexeu com os planos do próprio "Eduardo e Mônica", originalmente programado para estrear em 2020. Agora, o longa finalmente chega aos cinemas — depois de a produtora recusar diversas ofertas de compra do streaming —, num momento novamente delicado, devido à explosão de casos de Covid.

Mesmo assim, De Felippes e Sampaio são esperançosos quanto aos resultados de público do filme, que estreia em cerca de 500 salas pelo Brasil. Eles esperam que o longa, graças ao apelo do Legião Urbana, marque um retorno dos espectadores aos filmes nacionais, que ainda não têm a mesma segurança de um "Homem-Aranha" para se aventurar nos cinemas. Quem sabe Eduardo e Mônica não os convençam a sair de casa.

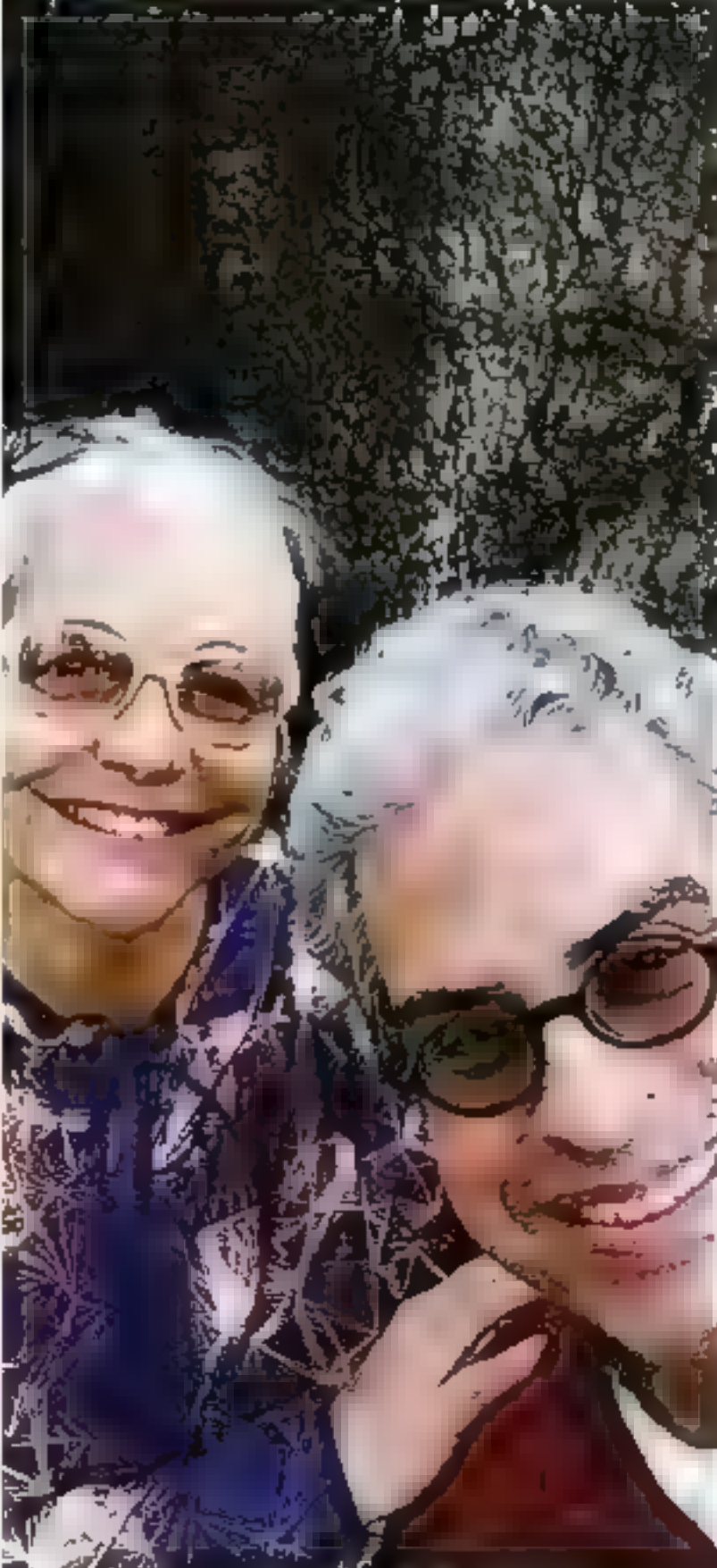
Alice Braga, uma das protagonistas de 'Eduardo e Mônica', em cena do filme

Continuação da pág. C2
"Voltarás na terça-feira/ és fogo e gelo ao mesmo tempo/ e vai ser bom/ do Equador, da Venezuela, do Uruguai/ teremos o fim de semana só para nós", diz a letra, escrita quando a amiga morava em Quito.

Hoje aos 61 anos, Leonice se lembra de Renato Russo, morto em 1996 por complicações da Aids, com carinho. É como se tivesse vivido um segundo amor em sua juventude — um com Fernando, claro, e outro não romântico, com o líder do Legião Urbana. Ela se lembra dele como uma pessoa extremamente culta e generosa.

Com Fernando, a relação já dura 42 anos. Breve por causa do receio de expor detalhes da vida pessoal, Leonice conta que os dois frequentavam as mesmas rodas e festas nos anos de faculdade e com frequência se cruzavam. As conversas não passavam de amenidades, "mas aí teve um dia que aconteceu e nós começamos a namorar", diz a artista plástica, com discrição.

Ela agora se mostra ansiosa para ver "Eduardo e Mônica" ganhando as telas. Ela não se envolveu no projeto, embora Nina tenha feito uma participação. "Eu certamente vou ficar emocionada, mas mais pelas lembranças do Renato. Ele teria adorado, ia palpitar para caramba, talvez até quisesse dirigir", brinca Leonice.

"No fim, não tem a menor importância se essa história tem a ver ou não comigo. Eu não quero soar clichê, mas o importante mesmo é entender que nada seríamos sem amor. 'Eduardo e Mônica' fala de uma história que deve se repetir aos montes, e fico muito honrada de a ter motivado."

Leonice de Araujo Coimbra e Fernando Coimbra, casal que inspirou música e está junto há quatro décadas Arquivo pessoal

Fidelíssimo à letra quilométrica da canção original, filme faz retrato sensível do amor

CINEMA
Eduardo e Mônica
★★★★☆
Brasil, 2022. Direção: René Sampaio. Com: Alice Braga, Gabriel Leone, Otávio Augusto. 16 anos. Estreia nesta quinta (20)

Thales de Menezes

"Eduardo e Mônica" é uma canção um tanto deslocada do Legião Urbana. Divertida e despretensiosa, está isolada entre letras politizadas, críticas sociais, infortúnios amorosos e dores da alma adolescente que não acha seu lugar no mundo.

É possível dizer que o filme "Eduardo e Mônica" também ocupa lugar ímpar no cinema nacional recente. Nada panfletário, bem longe da comédia escrachada e sem carregar intenções de subversão cultural.

Dirigido por René Sampaio, que também filmou outra canção de Renato Russo, "Faroeste Caboclo", o longa consegue fugir da caricatura adolescente de "Malhação" e de quase todas as tentativas de dramaturgia jovem contemporâneas.

Partindo da letra quilométrica da canção, já construída como se fosse um roteiro resumido da vida de seus dois personagens, a versão na tela acerta ao não inventar muita coisa.

É uma adaptação extremamente fiel à música. Não há um único verso de Renato Russo que não tenha sua imagem levada à tela. Uma ou outra rara diferença do que está na letra aparece apenas em alguns acréscimos, de forma sutil.

Essas pequenas alterações até se encaixam bem, como fazer o avô de Eduardo, aquele com quem o neto joga futebol de botão, ser um militar reformado saudoso da ditadura.

O famoso verso "festa estranha com gente esquisita" permitiu uma mudança no personagem de Mônica. Além de ser médica recém-formada (na letra original ainda estudava), ela também é uma artista performática em festas moderninhas nos porões de Brasília.

De resto, é a letra da canção projetada em esperta cinematografia, com um trabalho que tem sensibilidade de evitar associar uma narrativa jovem a algo nervoso, urgente. "Eduardo e Mônica" é uma história de amor singela e bem contada, que não exagera na dose de comédia romântica nem joga seus protagonistas em aventuras mirabolantes.

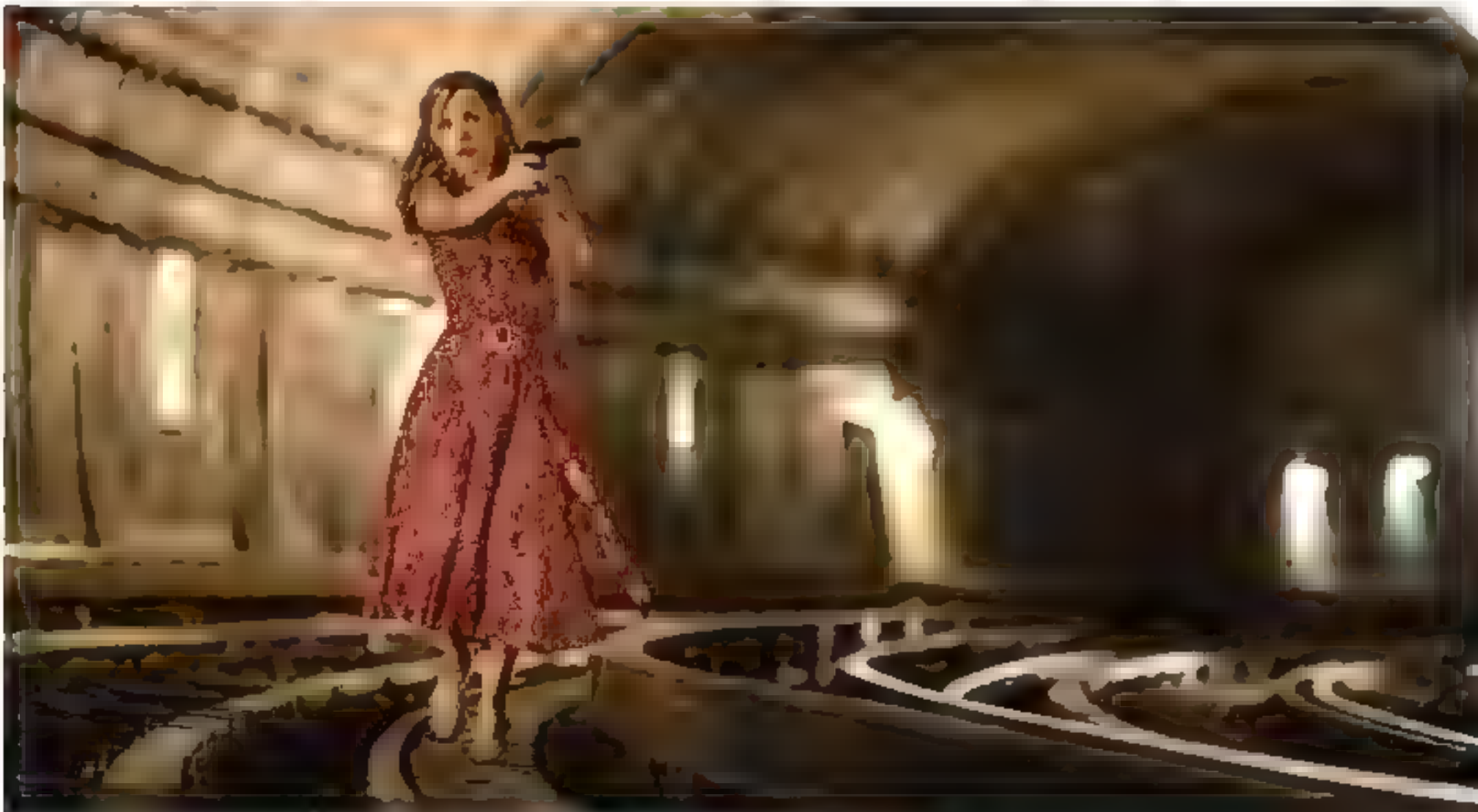
O dia a dia do casal, que alterna aproximações, brigas e reconciliações, é construído com o realismo possível nessa proposta de entretenimento. E o resultado agrada. A trilha sonora, sem dúvida fundamental num filme com esse DNA roqueiro, é uma agradável reunião de músicas dos anos 1980, principalmente do rock britânico que Renato Russo venerava. E traz uma brincadeira bem sacada com o meloso hit "Total Eclipse of the Heart", de Bonnie Tyler.

A produção não seria tão bem-sucedida sem a vital colaboração do casal central. Alice Braga e Gabriel Leone carregam muito bem o filme. Ambos tiram de letra o fato de serem um pouco mais velhos do que os personagens imaginados na canção original.

Leone tem uma grande entrega no papel do jovem que em nenhum momento se sente inferiorizado diante da garota mais inteligente e vivida. Quem não conhece a carreira televisiva do ator de 28 anos pode jurar estar vendo um adolescente. Eduardo tem uma dose de atitude cara de pau que só mesmo a tenra juventude pode avalizar.

A tarefa de Alice Braga é um pouco mais complexa, e ela está ótima. Mônica atravessa o filme abandonando a atitude blasé e distanciada em relação ao garoto, percorrendo com credibilidade o caminho até a paixão que vai garantir o final feliz que já estava escrito por Renato Russo.

O casal é mais do que a espinha dorsal do enredo. Eduardo e Mônica são praticamente os únicos personagens que importam, sobrando quase nada a figuras coadjuvantes como a mãe de Mônica, o avô de Eduardo e um colega do garoto, que tenta injetar algum humor como um personagem que tenta ser descolado e nunca consegue.

Alice Braga e Gabriel Leone superam com tranquilidade o desafio de dar uma cara definitiva a personagens que a plateia em cada cinema acredita já conhecer há mais de 30 anos, quando ouviu sua história de amor tocando no rádio.

A atriz Jessica Chastain em cena do filme 'As Agentes 355', do qual também é produtora Fotos Divulgação

Time de espiãs divas luta contra o mal em novo thriller que é pura porradaria

'As Agentes 355' tem Jessica Chastain, Penélope Cruz e Lupita Nyong'o tentando salvar o planeta

CINEMA
As Agentes 355
★★★☆☆
EUA, 2021. Direção: Simon Kinberg. Com: Diane Kruger, Jessica Chastain, Lupita Nyong'o, Penélope Cruz. 16 anos. Estreia nesta quinta (20)

Ivan Finotti

O mar está mesmo para espiões neste verão. Após "007 — Sem Tempo para Morrer" e "King's Man: A Origem", estreia mais um filme em que agentes secretos correm atrás de um vilão prestes a destruir a Terra com uma terrível arma.

A diversidade não é só correta, ela traz público e, desta vez, é uma equipe de mulheres que vai impedir a devastação do planeta. Para diversificar melhor, elas também têm várias nacionalidades.

A americana Mace Brown, vivida por Jessica Chastain, junta forças com a alemã Marie, papel de Diane Kruger, e a especialista em computadores britânica Khadijah, interpretada por Lupita Nyong'o. A terapeuta colombiana Graciela, papel de Penélope Cruz, se une a elas e, na metade do filme, ainda chega a chinesa Lin Mi Sheng, vivida por Bingbing Fan. Todas elas precisam trabalhar por baixo do pano.

A super-arma que elas têm de recuperar é realmente terrível. No início, sobra até para o Brasil. Os homens também, quase todos eles são cruéis e traiçoeiros. E a violência corre solta.

Mas o que eleva o padrão do filme é Penélope Cruz, uma psicóloga sem treinamento que é enviada para convencer um espião em campo e acaba envolvida com as agentes experientes. Cruz constrói uma personagem que traz o alívio cômico e permite que o espectador se identifique na tela, já que nem todos somos experts em armas e assassinatos.

A agente 355 que dá nome ao filme é um resgate histórico dos idos da Revolução Americana de 1766. Era uma espiã real, sob as ordens de George Washington, que descobriu informações vitais sobre os movimentos das tropas britânicas para os generais americanos.

O nome dessa mulher nunca veio a público e ela sempre foi conhecida pelo seu codinome agente 355. Em entrevista de divulgação do filme, Jessica Chastain, que também é a produtora, comentou o assunto.

"O título é muito importante porque há tantas mulheres que trabalharam incansavelmente nos bastidores, independentemente da área, e que nunca foram reconhecidas. Mesmo quando você procura nos livros, é muito raro encontrar histórias de mulheres e o que elas fizeram. Então 'As Agentes 355' tira o chapéu para todas as mulheres que não foram reconhecidas e amplia seus poderes, suas forças e suas realizações. É uma forma de dizer 'obrigada'."

A obra, no entanto, é dirigida por um homem. Simon Kinberg é um produtor e escritor de diversos sucessos, trabalhou na franquia dos X-Men e agora se aventura pela segunda vez na direção com um resultado melhor do que no decepcionante "Fênix Negra" de três anos atrás.

A atriz Zofia Stafiej em cena do filme 'Eu Não Choro', dirigido pelo cineasta polonês Piotr Domalewski

Drama sobre imigração não está aí para aquecer corações

CINEMA
Eu Não Choro
★★★☆☆
Polônia, Irlanda, 2022. Direção: Piotr Domalewski. Com: Arkadiusz Jakubik, Kinga Preis, Zofia Stafiej. 14 anos. Estreia nesta quinta (20)

Inácio Araujo

Sendo polonês, ninguém esperará que "Eu Não Choro" seja um filme otimista. Tanto mais que a família da protagonista, a jovem Olka, não é realizada — o pai é um operário trabalhando na Irlanda para sustentar a mulher, o filho tem problemas mentais.

Para completar, o pai morre num acidente de trabalho, e a filha, a quem ele tinha prometido um carro com o dinheiro ganho no exterior, é quem se encarrega de buscar seu corpo.

Olka nunca chora, como bem explicita o título. Em compensação, também nunca ri. Parece disposta a enfrentar um mundo em que a adversidade é o que há de mais frequente em seu cotidiano.

Ainda assim, na Irlanda as provas são duras. Ela é informada na firma em que o pai se acidentou que ele trabalhava fora de horário, portanto ilegalmente, e não terá direito a indenização. Ela tentará chantagear a firma. Nada consegue.

Por fim, resta a ela procurar o dinheiro que ele deveria ter economizado, o que supõe uma pequena odisseia. Olka deve encontrar os colegas do pai para saber dos seus hábitos, reencontrar pertences das mais diferentes formas, ficar por vezes fora da lei, ou até se embebedar com alguns jovens desconhecidos. Essa não é uma história para aquecer os corações nestas férias.

E, no entanto, contra toda expectativa, "Eu Não Choro" não é um filme arrastado ou enfadonho. Piotr Domalewski imprime um ritmo intenso para que possamos partilhar os problemas de Olka, sem que seu gênio um tanto monótono, em que uma tenacidade invulgar convive com um mau humor idem, contamine.

Com isso, "Eu Não Choro" consegue dar conta de algumas questões que se apresentam como se não quisessem estar lá. A primeira diz respeito à angústia do emigrante. Ainda que o pai da protagonista tenha sido recebido legalmente no país onde foi trabalhar, os empregos lá são precários. As habitações também são econômicas ao extremo, porque o objetivo é ganhar dinheiro para sustentar a família distante.

A segunda diz respeito àqueles que recebem esse dinheiro. Olka mal conhece o pai, tudo que espera é ganhar um carro. Isso também parece ser tudo o que os liga. Como terá ele vivido a expectativa de presentear a filha? Terá mesmo guardado dinheiro? E onde?

A partir de Olka e de sua determinação conhecemos um pouco desse pacto secreto entre países fornecedores e países receptores de mão de obra. Estes últimos fingem que não querem saber de imigrantes, não raro os deportam — não é o caso aqui, porque tudo se dá na União Europeia — e sempre os despreza. Já os fornecedores de mão de obra fingem não querer nada com esses tipos que deixam a sua terra para ganhar a vida fora. É como se fossem uns renegados. No entanto, a pátria espera ansiosa pelas divisas que enviam.

É graças ao mau humor permanente de Olka que entramos nessas questões. Ao mesmo tempo, conhecemos a garota bem pouco — não é uma inconformada, uma rebelde, uma antissistema de qualquer espécie. Talvez não saiba mesmo quem é. Afinal, ela é uma adolescente de 17 anos. Seu único consolo para as privações parece ser o cigarro que faz companhia a ela em tempo integral. (Sim, companhias de cigarro adoram financiar filmes com tal elemento.)

Pode ser que passe a saber um pouco mais de si na cena final, em que todas as tensões pelas quais passa vêm à tona.

Festival de Berlim anuncia filmes da mostra competitiva

SÃO PAULO O Festival de Berlim anunciou os filmes que estarão na seção principal de sua 72ª edição, marcada para acontecer de forma presencial entre os dias 10 e 16 de fevereiro.

Entre os destaques da mostra competitiva, que contempla os filmes que estão na disputa pelo Urso de Ouro, estão novos longas de Hong Sang-soo, François Ozon e Claire Denis.

Os brasileiros ficaram de fora, mas aparecem em mostras paralelas. Ao todo, há seis longas e curtas com produção nacional — "Fogaréu", "Mato Seco em Chamas", "Três Tigres Tristes", "O Dente do Dragão", "Se Hace Camino al Andar" e "Manhã de Domingo".

Gaspard Ulliel, que viveu Saint Laurent, morre aos 37 anos

PARIS | AFP O ator Gaspard Ulliel, de 37 anos, morreu após um acidente de esqui. A morte foi confirmada em nota de seu agente.

O francês era conhecido por filmes como "Saint Laurent", de Bertrand Bonello, e "É Apenas o Fim do Mundo", de Xavier Dolan — com o qual ganhou o César de melhor ator em 2017.

Ficou célebre ainda por seus trabalhos em "Paris, Te Amo", "Hannibal: A Origem do Mal" e, recentemente, "Cavaleiro da Lua".

Ele passava férias nos Alpes franceses e colidiu na tarde de terça com outro esquiador. Foi transportado de helicóptero para o Hospital Universitário de Grenoble, onde morreu.

Morre lendário editor da Vogue, André Leon Talley

NOVA YORK E SÃO PAULO André Leon Talley, editor da revista Vogue que, ao lado de Anna Wintour, moldou o mito popularizado em "O Diabo Veste Prada", morreu na terça-feira, aos 73 anos.

Considerado um gênio criativo pelos seus pares, foi um editor de moda grandioso que derrubou barreiras no setor ao trocar o sul dos Estados Unidos da era da segregação pelas primeiras filas nos desfiles de moda parisienses, além de ser palestrante, apresentador de televisão e curador.

Ele ganhou o apelido de "o Único" por ser um dos raros editores negros em um campo de atuação dominado por brancos.

Com The New York Times

Bijou, tradicional cinema de rua em São Paulo, reabre

SÃO PAULO Depois de passar 26 anos desativado, o Cine Bijou, tradicional cinema de rua paulistano, reabre as portas na próxima terça, dia 25, no aniversário da cidade de São Paulo.

O espaço foi inaugurado em 1962 e segue no mesmo endereço, na praça Franklin Roosevelt, mas agora administrado pelos fundadores da companhia de teatro Os Satyros. A agenda terá exibições de filmes, com clássicos e títulos autorais de diferentes países, mas também peças e debates.

Em janeiro e fevereiro, a programação será voltada ao cinema brasileiro, com conversas e exibições de obras de cineastas como Laís Bodanzky, Tata Amaral e Kleber Mendonça Filho.

Pluralismo plutocrata

É quando o tal jornal renomado faz o papel de tiozão do zap

Flávia Boggio
Roteirista. Escreve para programas e séries da TV Globo

Existe uma predisposição do ser humano de criar todo o tipo de artimanha para provar suas ideias, mesmo que esteja completamente errado.

Para validar seu ponto de vista, tende a pesquisar por estudos pontuais ou experiências pessoais. O indivíduo não se dá ao trabalho de pesquisar por informações que façam contraponto à sua teoria ou estudos endossados pela comunidade científica.

Outro dia, ouvi um conhecido dizer que não acredita em aquecimento global, pois, sempre que sobrevoa os Alpes, vê neve sobre as montanhas. Ele usou uma experiência pessoal para não se preocupar com o fato de que estamos à beira de um apocalipse climático. Além de se passar por um completo idiota.

Alguns chamam esse fenômeno de "viés de confirmação" que é um nome simpático para ignorância mesmo. Muitas vezes, ela vem acompanhada de má-fé. Nesses tempos de fake news, o ambiente nunca foi tão favorável para se espalhar teorias perversas, que desmoralizam estudos, indivíduos e grupos minoritários.

Normalmente, são publicadas por meios de comunicação suspeitos, sem fonte ou autoria, e espalhados por redes sociais, como grupos de WhatsApp. Algumas vezes, entretanto, essas teorias são publicadas por veículos que, a princípio, deveriam desmentir falsas informações. É quando o tal jornal renomado faz o papel de tiozão do zap.

Ao usar a justificativa do pluralismo, a *Folha* abriga um amplo espectro de opiniões, mas também abre espaço para divulgadores de teorias tendenciosas. Com a desculpa de "estou indo contra o senso comum", eles se baseiam em dados pontuais para negar fatos históricos.

Usar ataques de alguns homens negros contra brancos no metrô de Washington, "boicote preto" a um armazém no Brooklyn ou posicionamentos políticos de alguns grupos americanos para sustentar a teoria desonesta do "racismo preto antibranco" não pode ser chamado de pluralismo de ideias.

Tem como único objetivo descredibilizar a dor de quem ainda sofre as consequências de séculos de escravidão e vive em um sistema que os coloca à margem. A parcela branca, para não perder seus privilégios, usa artimanhas cruéis como "liberdade", "meritocracia" e "racismo negro".

Que o tal "pluralismo" da *Folha* não seja também uma dessas artimanhas.

Galvão Bertazzi

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | **SEX. Renato Terra** | SAB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Ivete Sangalo conversa e canta com amigos em série no streaming

Onda Boa com Ivete
HBO Max, 10 anos
A cantora Ivete Sangalo recebe amigos em um sítio para bater papo com eles e fazerem música juntos. Entre os convidados estão Carlinhos Brown, Iza, Gloria Groove, Vanessa da Mata e Agnes Nunes. Direção de Katia Lund, para a produtora Delicatessen. Um novo episódio toda quinta.

Selma Blair - A Batalha Contra a Esclerose Múltipla
Discovery+, 10 anos
O documentário de Rachel Fleit acompanha por um ano Selma Blair, que recebeu um diagnóstico de esclerose múltipla, registrando o esforço da atriz em manter o bom humor e servir de inspiração para outros que sofrem da doença.

Tratamento de Realeza
Netflix, livre
Uma cabeleireira é chamada para cuidar do visual de um príncipe prestes a se casar, mas é claro que os dois vão se apaixonar um pelo outro.

Impressões do Brasil
Curta!, 21h, livre
O canal presta homenagem a Thiago de Mello, morto no dia 14, e reprisa o episódio da série dirigida por Ronaldo Duque, gravada em 2011, em que o poeta dá um depoimento sobre sua vida.

A Maldição de Akakakor
Discovery, 22h, e Discovery+, 10 anos
Na década de 1980, três exploradores em busca das lendárias cidades de Akakor e Akahim desapareceram na floresta amazônica. Nesta série, uma missão tenta descobrir o que aconteceu com eles. A médica brasileira Karina Oliani faz parte da equipe.

A Doce Vida
Telecine Cult, 22h, 14 anos
Vencedor do Festival de Cannes de 1960, o clássico de Federico Fellini traz Marcello Mastroianni como um jornalista que escreve sobre celebridades. A cena com Anita Ekberg na Fontana di Trevi é antológica.

Lady Night
Globo, 23h30, 14 anos
O talk show de Tatá Werneck volta à TV aberta com episódios da quinta e e da sexta temporadas, exibidos pelo Multishow em 2020 e 2021. Entre os convidados estão Xuxa, Marcos Mion, Juliette, Gil do Vigor e, na estreia, Rodrigo Lombardi.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

GODOKU

texto.art.br/fsp

	U		B		F	N		J
		F	N	A		U		
	A					B		
					B			A
	E		D		N		B	
F			J					
		U					L	
		B		N	E	A		
A		J	L		D		N	

As regras do Godoku são simples: o jogador deve preencher o quadro maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que os espaços em branco contenham as letras presentes no diagrama. As letras não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid. No destaque será lido o nome de um utensílio de serviço de mesa

SOLUÇÃO

CRUZADAS

1. Que é oito vezes maior 2. Higiene / As iniciais da cantora Borba (1923-2005) 3. Bastão usado por antigos reis e generais / (Dry) Tecido usado em roupas esportivas 4. (Pop.) Investigador de polícia / Pasta para torradas 5. Saudação de felicidade do folclore afro-brasileiro / Posição de quem contorna alguma coisa 6. Os ossos que formam a caixa torácica 7. Que segura, que agarra 8. Prostrado 9. Trouxa, molho / A terceira nota musical 10. Absoluto, ilimitado / Uma bebida alcoólica perfumada com ingredientes aromáticos 11. O número de pernas da aranha / Critério de avaliação, no plano moral ou intelectual 12. A cantora carioca do sucesso "Pesadão" / O cantor, compositor e maestro Tom (1927-1994) 13. Lâminas de peixe cru, prato típico japonês

VERTICAIS
1. Planta da família do abacaxi / Visto que 2. Pedra pequena e solta, lisa / Poste limitador em provas de atletismo, regatas etc. 3. Série de comédia de sucesso até os anos 1970 4. (Pop.) Catimba, em um jogo / Doença infecciosa aguda, caracterizada por espasmos e rigidez muscular, com dificuldade para abrir a boca 5. Um Patinhas da Disney / Governado / Julio Iglesias, cantor espanhol 6. (Econ.) Unidade Orçamentária / A que se tirou a casca / Qualidade, efeito ou ar geral 7. Predestinado / Revista em quadrinhos 8. De aspecto lácteo / Oposto de máxi 9. Conseguir o que se deseja / Personagem que simboliza o carnaval

Filme mais visto da China desafia Hollywood

'A Batalha do Lago Changjin' encena a guerra com muitos efeitos, mas ostenta a política de cultura de massas do país

ANÁLISE

Inácio Araujo

"A Batalha do Lago Changjin" não é um filme entre outros. Não só por ser uma das raras ocasiões que se tem de ver um episódio histórico por outras lentes que não as anglo-saxônicas, as de Hollywood em especial. Mas também por proceder como uma espécie de espelho, em que todos os procedimentos clássicos do cinema de aventura retornam em sentido contrário.

Estamos na década de 1950, quando a guerra esquenta e também as divergências a respeito. As fontes ocidentais —com apoio do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas— garantem que os comunistas invadiram a Coreia do Sul. Os chineses falam em uma invasão da fronteira do norte pelas tropas dos Estados Unidos, lideradas pelo general MacArthur.

Até aí estamos no tipo de divergência básica de todas as guerras —a culpa sempre é do outro. O que vai marcar forma e fundo da "Batalha" são outros procedimentos.

Para começar, estamos diante de um blockbuster. Não qualquer um, mas o que tirou do cinema americano a liderança de audiência na própria China no ano passado —em termos absolutos, foi a segunda maior bilheteria do mundo, ficando atrás apenas do US$ 1,6 bilhão de "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa".

Ao longo de quase três horas, assistimos a esse épico com a impressão de estarmos diante de uma produção bem ocidental, com planos curtos, mudanças de ângulo constantes, efeitos especiais aos montes e filmagem com drones.

Não há grande preocupação com pessoalidade, ao contrário —seis diretores assinam a produção, alguns bem conhecidos do público ocidental. Os principais são Chen Kaige, Dante Lam e Tsui Hark.

Quanto ao roteiro, temos uma história, claro, de heroísmo e unidade nacional. O Exército chinês se move como um só homem. Mas os heróis individuais estão presentes, sobretudo nas figuras dos irmãos Wu Qianli, papel de Jing Wu, e Wu Wanli, interpretado por Jackson Yee.

O primeiro, mais velho, já participou da guerra pela tomada do poder por Mao Tse-Tung; o segundo, ainda jovem, aspira a participar de jornadas heroicas, embora Qianli ache que ele deve ficar com os pais.

O jovem Wanli não acatará tal ordem, intrépido e um tanto alopraco que é. O personagem é construído sob inspiração do samurai de Toshiro Mifune em "Os Sete Samurais" de Akira Kurosawa.

O importante, aqui, são duas notações destinadas a passar quase despercebidas.

Primeiro, os irmãos, na família, são muito próximos uns dos outros e são três (um morreu na guerra passada) —clara referência à política recente de aumento de fertilidade nas famílias chinesas.

Em segundo lugar, a principal preocupação dos filhos é a construção de uma casa para os pais —não há de ser por acaso, portanto, que a indústria da construção civil tem para a China de hoje a importância que tem.

O fato é que esses soldados, capazes de chorar ao contemplarem a Muralha da China, enfrentarão com garra a força superior do Exército americano, cujo ponto fraco é a soberba, representada pela crença de MacArthur de que essa será uma guerra rapidinha.

Cinéfilos mais habituais sentirão as fragilidades, como a repetição de procedimentos que Hollywood já está cansada de usar (sem falar nos de Hong Kong). Mas os espectadores chineses estão pouco se lixando para isso. Na bilheteria chinesa, o filme deixou para trás "Velozes e Furiosos 9", que em 2021 amargou um terceiro lugar.

"A Batalha do Lago Changjin" —que promete uma continuação para este ano— parece ilustrar a política de cultura de massas da China contemporânea. Ela pode ceder ao Ocidente em vários aspectos, mas essa é uma maneira de chamar seus espectadores a valores locais —a família, a nação, a unidade, a crença nos valores do Partido. E ninguém imagine que Mao ficou para trás —lá está ele, figura tutelar, pensante, base sobre a qual se ergue o país atual.

De certa forma, é um filme instrutivo, na medida em que informa a que ponto o cinema é capaz de organizar o mundo real de modo a que ele favoreça os interesses e ideias oficiais, ou seja, sua ideologia.

Até hoje podíamos acreditar que "a verdade" das batalhas hollywoodianas eram apenas isso —a verdade. Agora emerge um contraponto, tão ideológico quanto, a deixar claro o quanto são relativas as visões que as imagens produzem.

Talvez exista um último recado a anotar nessa produção. Quando se dirigem ao confronto final, a mais de 30 graus negativos, os soldados chineses não têm como alimento senão uma batata congelada para cada um deles. Pois bem, é isso que basta para pôr as forças inimigas para correr.

Claro, a história lembra muito a dos vietcongues que se nutriam de um punhado de arroz integral por dia durante a Guerra do Vietnã. Será verdadeira a história das batatas? No mais, consta que eram distribuídas aos espectadores na entrada das salas de cinema, antes das sessões do filme.

A rigor, que importa? É a capacidade de produzir mitos do cinema que parece interessar aos chineses deste século. É também uma maneira, pouco sutil, de lembrar aos americanos que, se eles usam o esforço bélico como modo de intimidar o adversário no conflito econômico que travam, a China está pronta a encarar o desafio.

Em vários sentidos este filme é instrutivo —em vários outros, um tanto assustador.

A Batalha do Lago Changjin
China, 2021. Direção: Chen Kaige, Tsui Hark, Dante Lam, Jianxin Huang, Haiqiang Ning e Ju-chun Park. Com Jing Wu, Jackson Yee e Yi-long Duan

Cena do filme chinês 'A Batalha do Lago Changjin', com direção de Chen Kaige, Tsui Hark, Dante Lam, Jianxin Huang, Haiqiang Ning e Ju-chun Park Divulgação

Como ter o espectador sempre alerta

A trajetória do apresentador Flavio Cavalcanti é contada pelo filho em livro

Mauricio Stycer

Jornalista e crítico de TV, autor de 'Topa Tudo por Dinheiro'. É mestre em sociologia pela USP

Flavio Cavalcanti (1923-1986) foi um dos grandes apresentadores de programas de auditório da televisão brasileira entre as décadas de 1950 e 1980. Conseguiu conquistar muita fama e alguma fortuna na mesma época em que os dois maiores da história, Chacrinha e Silvio Santos, também brilhavam.

A biografia "Um Instante, Maestro!", de Léa Penteado, lançada em 1993 (e à espera de uma nova edição), reúne ótimas histórias e ajuda o leitor a ter uma ideia do impacto causado pelo apresentador no auge de sua carreira, na década de 1970.

O recém-lançado "Senhor TV: A Vida com Meu Pai, Flavio Cavalcanti" (Matrix, 200 págs., R$ 46), acrescenta novidades. Primeiro, o olhar de dentro, do filho que foi braço direito do pai, e o acompanhou em inúmeras aventuras, dentro e fora da TV, algumas delas malsucedidas.

Um dos grandes desafios de quem estuda a história da televisão ou simplesmente a acompanha como espectador é definir as qualidades necessárias para ser um bom apresentador de programa de auditório. Ao reconstituir a trajetória do pai, Flavio Cavalcanti Junior esboça algumas delas.

Flavio Cavalcanti entendia que era preciso manter o espectador em estado de alerta, sempre à espera de algo surpreendente ou polêmico. E ele tinha talento e faro para fazer isso.

Teatral, quebrava no ar os discos dos artistas que desagradavam a ele. Exibia reportagens de grande apelo, muitas vezes sensacionalistas. Promoveu concursos inusitados, como "a garota de óculos mais bonita do Brasil". Introduziu os jurados, que incorporavam personagens, com opiniões muito distintas.

O apresentador seguiu à risca a lição do americano Chuck Barris, que inventou o gongo musical e o namoro na TV: "Se você for capaz de mostrar alguma coisa que interrompa o garfo a meio caminho entre o prato e a boca uma vez a cada meia hora, você terá um programa de sucesso". Flavio dizia coisa parecida: "Quero que meu telespectador fique na ponta da cadeira vendo meus programas; ele não pode relaxar me assistindo, porque senão troca de canal ou dorme".

Assim como Carlos Lacerda, de quem era amigo e admirador, Flavio Cavalcanti apoiou o golpe militar de 1964, mas se decepcionou com os desdobramentos. O filho repele com veemência as acusações de que o pai liderou o empastelamento do jornal Última Hora e que tenha dedurado artistas de esquerda para a polícia política. Ao contrário, diz, protegeu e ajudou gente perseguida, como Erlon Chaves e Leila Diniz.

Na segunda parte do livro, Flavio Cavalcanti Junior conta histórias reveladoras dos períodos em que atuou como executivo e lobista em Brasília das empresas de Adolpho Bloch e Silvio Santos. Ele acompanhou de perto o processo que levou o general João Figueiredo, último presidente da ditadura, a conceder, em 1981, os canais de televisão que formaram as redes Manchete e SBT.

Com muita franqueza, o executivo descreve as idas e vindas pelos gabinetes ministeriais no esforço de influenciar essa decisão. Mostra como foi abortada a iniciativa de conceder alguns canais a Edevaldo Alves da Silva, então dono da rádio Capital e próximo a Paulo Maluf.

Conta que Adolpho Bloch, ao saber que ganhou os canais, profetizou: "Nós todos estamos de parabéns, mas talvez hoje a Bloch tenha começado a quebrar". Descreve, ainda, como aproximou Silvio Santos de Tancredo Neves e ajudou o dono do SBT, já no governo Sarney, em 1985, a confirmar a concessão de um canal em Brasília dada por Figueiredo nos últimos meses de seu governo.

Fernanda Torres
A colunista está em férias

guiafolha

Elis nos bastidores de 'Falso Brilhante' no antigo Teatro Bandeirantes, em foto de Bob Wolfenson publicada no livro 'História da Música Brasileira em 100 Fotografias', da Bazar do Tempo Bob Wolfenson/Acervo Pessoal/Divulgação

Conheça a vida de Elis Regina em 10 passeios por São Paulo

Cantora, que morreu há 40 anos, teve relação de amor com a capital paulista

Renato Contente

SÃO PAULO Elis Regina entrou cedo para as estatísticas de migrantes no Sudeste do país. Tinha 19 anos, em 1964, quando deixou Porto Alegre para tentar se firmar como cantora profissional — primeiro no Rio de Janeiro, depois em São Paulo. Entre idas e vindas, estabeleceu-se de vez na capital paulista no início dos anos 1970, onde remodelou a carreira e explodiu como artista.

A cantora iria se considerar cidadã paulistana até morrer — de forma inesperada, quatro décadas atrás, em 19 de janeiro de 1982, quando tinha apenas 36 anos. "Planalto de Piratininga e não abro" vaticinou Elis em sua última entrevista para a televisão.

Do impacto cultural causado pelo programa "O Fino da Bossa" à realização do espetáculo "Falso Brilhante", São Paulo foi palco de momentos fundamentais da cantora.

Na cidade, ela desenvolveu uma linha musicalmente mais sofisticada, ao passo que se tornou mais interessada no engajamento contra a ditadura militar. Foi em São Paulo também onde a sua morte, que paralisou o país, foi mais sentida. A artista foi velada por 60 mil pessoas, ao longo de 19 horas, no antigo Teatro Bandeirantes, na Bela Vista — hoje uma igreja evangélica.

O cortejo fúnebre foi acompanhado por cerca de 200 carros e 30 mil pessoas a pé, em um percurso de mais de 14 km até o Cemitério do Morumby. Pétalas e papel picado eram atirados dos arranha-céus.

Elis dizia que estar na capital paulista significava ficar próxima de um fluxo artístico que aglutinava novidades desde a Semana de Arte Moderna de 1922. "Moderno é ser paulista. Contemporâneo é ser paulistano", brincou ela na mesma entrevista de TV.

Com o sucesso de "O Fino da Bossa" na TV Record, ela comprou um apartamento no edifício Agulhas Negras, no centro. Após o fim do programa, em 1967, diante de uma proposta de contrato com a TV Globo, voltou ao Rio.

Mas, exausta do star system carioca e já separada de Ronaldo Bôscoli, Elis retornaria em definitivo a São Paulo em fins de 1973. Nesse recomeço, morou em casas na rua Atlântica, no Jardim América, e na rua Califórnia, no Brooklin.

Nessa época, ensaiou o espetáculo "Falso Brilhante" em uma sala embaixo do viaduto do Chá, no Anhangabaú. O show permaneceu em cartaz de dezembro de 1975 a fevereiro de 1977, no Teatro Bandeirantes, com 257 apresentações e 180 mil espectadores.

A cantora ainda morou na serra da Cantareira. "Aqui em cima é muito simples, porque a gente tem a metade da ansiedade que tem lá embaixo", dizia. No bairro da Saúde, comprou um bar para os pais.

Desde os 13 anos, quando passou a cantar em programas de rádio e eventos, Elis sustentava o pai e a mãe. Para garantir a independência financeira deles, a cantora adquiriu um negócio para eles — um boteco paulistano, onde a mãe, Ercy, exerceria seus dotes culinários, enquanto o pai, Romeu, ajudaria na gerência.

Romeu morreu em 1984, dois anos após a filha, e Ercy tocaria o estabelecimento até 1990, quando repassou o ponto para o seu então fornecedor de pães, João Batista.

"Lembro muito dos pais dela, mas não cheguei a conhecê-la. Os moradores daqui falam que ela vinha visitá-los eventualmente", lembra o atual dono.

João Marcello Bôscoli, primogênito de Elis, rememora ainda os passeios com a mãe no Mercado Municipal. "Vendedores queriam dar frutas de graça para a gente, mas ela pedia para que eles vendessem", recorda o filho da cantora.

Como outro exemplo de lugar caro à cantora na cidade, João menciona o 150 Night Club, no hotel Maksoud Plaza, recentemente fechado. "Elis estava na plateia do show do Frank Sinatra, em 1981. Também ia de vez em quando conferir a house band de jazz que tocava na casa", lembra.

Confira abaixo uma lista com dez lugares para conhecer a São Paulo de Elis Regina.

Bar da Dona Ercy
Nos anos 1970, Ercy e Romeu, pais de Elis Regina, ganharam dela um boteco. A mãe da cantora cuidou do local até 1990, quando passou o ponto para o seu fornecedor de pães, João Batista, atual dono e quem batiza hoje o espaço.
Av. Ceci, 868, Saúde

Cemitério do Morumby
É onde Elis foi sepultada. Com ampla área verde, é conhecido por ter túmulos de personalidades como Ayrton Senna.
R. Deputado Laércio Corte, 468, Morumbi

Bar Os Mais
Na praça Roosevelt, é o atual bar Papo, Pinga e Petisco. Lá Elis fez o seu primeiro show na capital, na madrugada de 5 de agosto de 1964. Na entrada, uma placa relembra essa estreia em solo paulistano.
Pça. Franklin Roosevelt, 118, Bela Vista

Edifício Melo Alves
Foi num apartamento no quinto andar desse prédio que a cantora passou mal, foi socorrida para o Hospital das Clínicas, onde morreu pouco depois. Na calçada, uma placa e uma árvore de pau-ferro homenageiam a artista.
R. Dr. Melo Alves, 668, Cerqueira César

Praça Elis Regina
Inaugurada em 1984, próxima à Cidade Universitária, a praça reforça a relação da cantora com os estudantes durante a ditadura militar.
Altura do nº 600 da av. Corifeu de Azevedo Marques, no Butantã

Teatro Paramount
Atual Teatro Renault. Fundado em 1929, sediou entre 1965 e 1967 o famoso programa "O Fino da Bossa", apresentado por Elis e por Jair Rodrigues.
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 411, Bela Vista

Tuca
Palco de importância política na ditadura militar, recebeu o repertório engajado de Elis em 1974, além do show "Saudade do Brasil", em 1980.
R. Monte Alegre, 1.024, Perdizes

Teatro Bandeirantes
Sede de um recital feito com Tom Jobim, em 1974, e da longa temporada de "Falso Brilhante", entre 1975 e 1977, o teatro sediou ainda o velório da cantora. Hoje, uma igreja evangélica funciona no lugar.
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1.401, Bela Vista

Viaduto do Chá
Para produzir "Falso Brilhante", Elis conseguiu da prefeitura uma sala embaixo do viaduto do Chá. Nela, a cantora ensaiou o histórico espetáculo com o seu grupo à exaustão, durante sete meses.
Pça. Ramos de Azevedo, s/nº, Centro

Vila Itororó
Elis cantou com Adoniran Barbosa na vila tombada, um dos símbolos da região do Bexiga, em um especial da Bandeirantes. Reaberto, o espaço conta com programação cultural.
R. Maestro Cardim, 60, Bela Vista

ESTREIAS DA SEMANA

As Agentes 355
★★★
A representatividade feminina e racial é a estrela aqui, com estrelas que vão de Jessica Chastain e Lupita Nyong'o — que já venceu o Oscar — até a espanhola Penélope Cruz. Fazendo referência a uma misteriosa espiã americana do século 18, a ação se equilibra por um fio de história, em que as agentes secretas devem salvar o mundo de uma catástrofe. Diga-se: a direção é de um homem, Simon Kinberg, do não muito elogiado "X-Men: Fênix Negra".
EUA/China, 2022. Dir.: Simon Kinberg. Com: Penélope Cruz, Lupita Nyong'o, Jessica Chastain. 14 anos

Eduardo e Mônica
★★★★
Ele é do tipo que prefere ir à lanchonete. Ela, ver o filme do Godard. Mas, mesmo com as diferenças, o amor falou mais alto na história do casal que batiza a música do Legião Urbana — e que serve de inspiração para a produção. Este é o segundo longa em que René Sampaio adapta uma canção da célebre banda de Brasília, depois de apostar em "Faroeste Caboclo", de 2013.
Brasil, 2020. Dir.: René Sampaio. Com: Alice Braga, Gabriel Leone, Juliana Carneiro da Cunha. 14 anos

Eu Não Choro
★★★
Olka ainda não tem 18 anos, mas vai ter que assumir a responsabilidade de gente grande para ir atrás do corpo do pai, que acabou de morrer na Irlanda, e trazê-lo de volta para a Polônia, sua terra natal. Os obstáculos do mundo e a sua rebeldia parecem conspirar contra ela, mas, afinal, esta será uma jornada de amadurecimento e descobertas.
Irlanda/Polônia, 2020. Direção: Piotr Domalewski. Com: Kinga Preis, Arkadiusz Jakubik, Nigel O'Neill. 14 anos

O Segundo Homem
Num Brasil em que o porte de armas é liberado, o protagonista vivido por Anderson Di Rizzi, mais conhecido pelos papéis cômicos em novelas da Globo, decide se alistar na Legião Estrangeira para ajudar a proteger sua família da violência crescente. O filme já está disponível no streaming, no Star+.
Brasil, 2021. Direção: Thiago Luciano. Com: Anderson Di Rizzi, Lucy Ramos, Cleo Pires. 16 anos

Bar Filial retoma as atividades na Vila Madalena

SÃO PAULO Uma das relíquias da Vila Madalena, o bar Filial, que fica no número 254 da rua Fidalga, retoma as atividades após ficar os últimos 22 meses com as portas fechadas sob o risco de se despedir definitivamente da noite paulistana.

A abertura para o público será no dia 26 de janeiro, quarta-feira. Na terça, dia 25, o local promove um evento para convidados.

O retorno também marca uma nova fase da casa, que agora funciona sob o comando do grupo Fábrica de Bares, conhecido por resgatar clássicos paulistanos, como o Bar Léo e o Riviera — este, com reabertura prevista para fevereiro.

O local volta aos trabalhos com reforma no ambiente e novidade na cozinha, que agora leva a assinatura de Romulo Morente, do badalado bar Moela.

Mesmo com as novidades, o bar mantém o funcionamento até altas horas, como já fazia — até as 2h durante a semana e até as 4h às sextas e sábados.

turismo

A primeira parada é em Salisbury, a 120 quilômetros do aeroporto e com boas opções de restaurantes

Visitar de carro a Cornualha vale para conhecer a Inglaterra 'real'

O mergulho na história, com paisagens de impactante beleza, começa saindo de Heathrow e segue por boas estradas

Luiz Rivoiro

CORNUALHA (INGLATERRA) Viajar de carro pela Inglaterra não é uma opção lá muito considerada pelos turistas brasileiros que visitam a terra da rainha. Isso acontece porque, além da enorme oferta de atrações em Londres, até mesmo motoristas experientes sentem um certo arrepio quando ouvem falar em dirigir na "mão inglesa" —quando os veículos circulam pelo lado esquerdo e ultrapassam pelo direito.

Na prática, dirigir pelas estradas inglesas não é um pesadelo tão grande quanto parece —em meia hora ao volante já dá para se acostumar.

E sim, vale a pena conhecer o interior que, se por um lado, não tem o lado cosmopolita de Londres, por outro oferece um mergulho na história, com paisagens de impactante beleza e uma agradável imersão nos costumes da chamada Inglaterra real, que aqui pouco tem a ver com a rainha ela mesma.

A dica é pegar o carro logo no aeroporto de Heathrow e dali seguir em direção ao sudoeste da península para explorar em cerca de uma semana o condado de Cornwell (Cornualha), agendando Londres para o final da viagem —lá o carro definitivamente deixa de ser uma comodidade para se transformar em um verdadeiro estorvo.

Ao motorista ainda ressabiado, vale dizer que, em geral, as estradas inglesas são seguras, bem sinalizadas e, mesmo as mais interioranas e secundárias, apresentam uma boa pavimentação, apesar de às vezes parecerem estreitas demais para dois veículos ao mesmo tempo.

Em relação ao clima, o inverno não é extremamente rigoroso, variando entre 4°C e 10°C, mas as chuvas são frequentes. A partir de março e até junho, o tempo melhora, ficando mais firme e ameno.

Nas férias de julho e agosto, a temperatura pode chegar aos 30°C, mas aí o problema é a lotação de turistas ingleses, que tem o litoral da Cornualha como um destino tradicional no calor.

A partir do aeroporto, a primeira parada é Salisbury, a cerca de 120 km. Cidade medieval, abriga uma catedral imponente, um centro compacto e bem preservado com boas opções de restaurantes, além do misterioso círculo de pedras de Stonehenge.

Erguido entre 3.000 a.C. e 1.600 a.C., é considerado sagrado e místico para alguns, mas nem tanto assim para outros. De qualquer forma, já que se está por ali, vale conferir.

Seguindo na linha histórica, o próximo destino é Tintagel, a 240 km a sudoeste. Saia um pouco da rodovia principal e siga pelas estradas secundárias, passando por fazendas e vilas perdidas no tempo com seus pubs mais que centenários.

Em Tintagel, um parque aberto à visitação abriga as ruínas de um castelo no alto de um penhasco onde supostamente teria nascido o lendário rei Arthur. Também estão por ali as cavernas onde o mago Merlin, quem sabe, preparava suas poções mágicas.

Estátua do rei Arthur na cidade de Tintagel Divulgação

Depois da imersão na história do mais ilustre filho local, dê uma paradinha na Cornish Bakery para provar o tradicional cornish pasty, uma empanada assada recheada com carne e batatas, que lembra as similares chilenas ou argentinas, só que no tamanho GG.

Se a fome persistir, siga para um almoço em Padstow, a apenas 40 km de Tintagel. Ao longo do pequeno porto cheio de pequenos barcos de pesca, espalham-se diversas lojinhas, sorveterias, docerias e charmosos restaurantes especializados em frutos do mar que, dizem, são pescados ali mesmo.

Rock, sol e cerveja

Continuando 30 km rumo ao sul, está Newquay, típica cidade de veraneio com 20 mil habitantes, opções de estadia a bons preços e uma atmosfera praiana que atrai surfistas e famílias de turistas britânicos no alto verão, ainda que a água jamais seja algo além de muito fria.

Da encosta de Fistral Beach é possível acompanhar, sem sessão de palmas, um belo pôr do sol num dos bares encravados na encosta.

Para acompanhar, boas cervejas artesanais da região, assim como vinhos franceses e italianos a preços razoáveis (o que infelizmente pode mudar nesses novos tempos pós-Brexit).

A comida passa longe da sofisticação, mas, como estamos em clima de praia, uma pizza bem feita sempre ganha ares de banquete. Tudo embalado ao som do bom e velho rock and roll, trilha sonora oficial da viagem.

Mesmo estradas interioranas são seguras

Uma esticada de 50 km ao sul leva até St. Ives, cidade portuária com 11 mil habitantes erguida numa estreita península e conhecida por abrigar praias de areia branca e ondas perfeitas, listadas entre as melhores da Inglaterra.

Com ares de sofisticação artística, reúne várias galerias de arte, entre elas um braço da Tate Gallery, com trabalhos de artistas ingleses contemporâneos.

O porto tem uma boa variedade de cafés e restaurantes, que fazem de St. Ives uma excelente opção de parada para uma providencial refeição. A parte baixa e mais antiga, conhecida como Down-a-long, fica na crista de terra que separa a ilha do resto da cidade.

Em meio a ruelas com sugestivos nomes como Salubrious Place, Teetotal Street e The Digey, encontram-se antigos casinhas brancas que hoje servem ao comércio local e, claro, mais galerias. A ideia é perder (ou ganhar) tempo zanzando por ali numa verdadeira viagem no tempo.

A 45 minutos de St. Ives, cruzando uma das pontas da Cornualha até Porthcurno e seguindo por uma estrada bem, mas bem estreita, chega-se a um dos mais impressionantes teatros ao ar livre do mundo.

Com origens que remontam os anos 1920, e incrustado no penhasco acima de um mar de verde esmeralda profundo, o Minack Theatre mantém uma programação regular que vale ser checada antes da visita. Se a data do passeio não coincidir com nenhuma apresentação, ainda assim é possível (e imperdível) conferir o local, de onde se tem uma vista impressionante da arquitetura do próprio teatro, das praias e da imensidão do oceano.

Já no caminho de volta, deixando o litoral e subindo por 95 km, chega-se a Lostwithiel. Localizada às margens do tranquilo rio Fowey, o vilarejo tem cerca de 3.000 habitantes e um clima acolhedor, com um bom pub, pequenos restaurantes familiares, padaria, açougue, uma loja de vestidos de noiva, outra de artigos fotográficos, e ainda mais uma com quinquilharias antigas.

Não há nenhuma atração propriamente incrível em Lostwithiel, o que faz os locais perguntarem por que raios algum turista desavisado decidiu parar naquele fim de mundo.

Pode ser o astral, o clima, a curiosidade, ou apenas uma simples parada para descanso após um interessante giro pela Cornualha antes de encarar os quase 400 km de volta até Londres, vai saber.

Mas, se não tiver uma resposta pronta, não se preocupe. Sempre pode dizer que está ali especialmente para acompanhar um dos eventos mais importantes de todo o condado: a tradicional corrida de patinhos de borracha.

Recalculando a distância entre dois pontos

O segredo de uma viagem inesquecível é não se torturar com distâncias

Zeca Camargo

Jornalista e apresentador, autor de 'A Fantástica Volta ao Mundo'

Entre uma viagem e outra eu também tenho esse hobby de apresentar programas. E, esta semana, estreei no comando de mais um, uma espécie de quiz show, com diversos tipos de perguntas. Inclusive de viagens.

Mais especificamente, a certa altura da competição, eu lanço um desafio para as pessoas adivinharem a distância entre determinado ponto no planeta e a porta da emissora em que trabalho agora, a Bandeirantes.

Os participantes escolhem as categorias: palácios, parques, igrejas, praças —e até cidades fantasmas. Eu dou algumas dicas para o chute (e é um chute, a não ser que você tenha um GPS implantado no cérebro) e espero as respostas.

Elas variam de aproximações razoáveis a várias voltas ao mundo. Sempre nos divertimos com os palpites absurdos, mas também nos surpreendemos com acertos quase precisos.

Mais que tudo, e isso, claro, eu não revelo diante das câmeras, eu fico assustado com o quanto meus próprios chutes (que calculo apenas para mim) caem fora do alvo.

Alguém que já deu quatro voltas ao mundo deveria ter um pouco mais de experiência para acertar distâncias entre dois lugares no nosso planeta, certo? Porém, revisitando minhas aventuras, algumas até já narradas neste espaço, percebi que, se eu participasse do meu programa, não teria a menor chance de ganhar o prêmio.

Quando viajamos, estamos sempre preocupados com esses percursos ou, ainda, com o tempo que levaremos para chegar a um determinado destino. Nossa ansiedade nos oprime com essa precisão e nos leva a inevitáveis frustrações.

Queremos chegar. Sabemos aonde. Mas quando? Se você já saiu de casa alguma vez em viagem de férias, sabe do que eu estou falando. Mas será que precisamos sofrer por conta disso?

Lembrei-me de uma travessia de barco que fiz certa vez entre Phnom Phen e Siam Reap, no Camboja. Saindo pelo rio Tonlé Sap e desembocando no lago com o mesmo nome, nem senti passar a viagem de quase nove horas, tamanha a beleza do que via. Fora a expectativa de chegar pela primeira vez em Angkor!

Já quando fiz um trekking de 75km pelo interior de Papua Nova Guiné, cheguei a delirar tão forte no meio da selva que, ao jogar minha mochila no chão e gritar com o guia que não daria mais um passo, tive que voltar à realidade levando na cara um tapa dele (episódio já contado em detalhes nesta coluna).

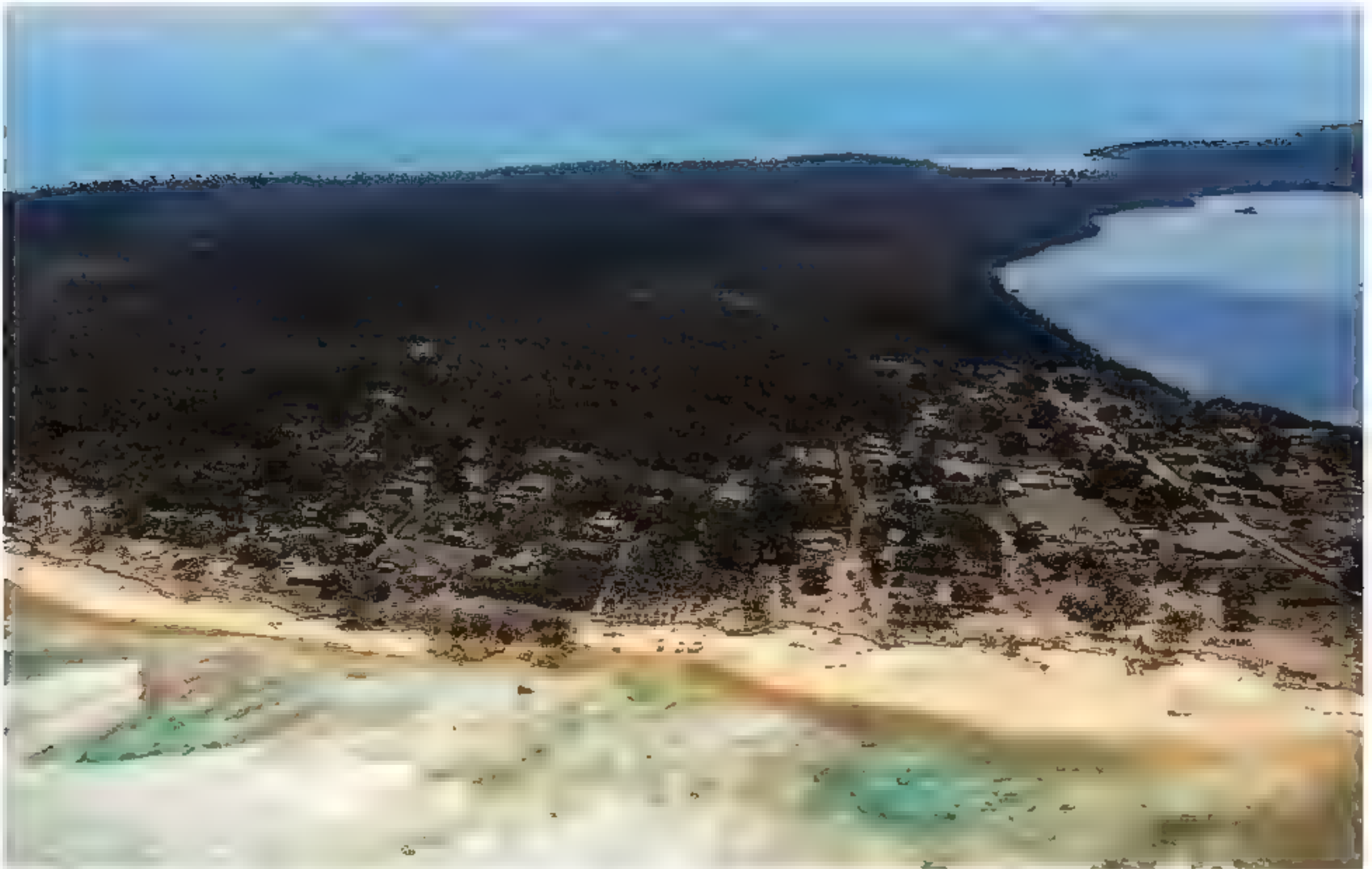
Psicologicamente, talvez a viagem mais longa que fiz na minha vida foi de ônibus entre Assunção, no Paraguai, e Ponta Porã (MS). E a mais curta, a de Honolulu, no Havaí, a Auckland, Nova Zelândia: 15 horas de voo, um dia que não vivi na minha vida (16 de junho de 2004, quando cruzei Linha Internacional de Data), e um paraíso me esperando no destino final.

Voltar de Bruxelas de carro para Paris depois dos atentados que presenciei na capital belga em 2016 levou uma eternidade. Uma lua-de-mel na Ilha de Páscoa foi só "um pulinho"? Nove horas em estrada de terra pelo interior do Mali, a caminho de Timbuctu então... nem senti.

O grande segredo de uma viagem inesquecível é não se torturar com essas distâncias. Um trem na Índia. Um balão no vale do Loire. Uma caminhada na Chapada Diamantina (BA). Um tuktuk em Bangcoc. Uma moto pelos arrozais de Bali. Um passeio de mãos dadas em Caraíva (BA). Um teco-teco sobrevoando a Namíbia. Uma van procurando auroras boreais pela Noruega.

Meus professores de geometria que me desculpem mas, quando a gente viaja, a distância mais curta entre dois pontos não é bem uma reta: é a sua vontade de chegar lá.

Tai uma sabedoria que não vai te ajudar muito a ganhar um quiz show.

| QUI. Josimar Melo, Zeca Camargo

Área coberta por cinzas em Tonga, após erupção do vulcão Hunga-Tonga Força de Defesa da Nova Zelândia - 17.jan.22/via AFP

Tonga teme que ajuda humanitária após tsunami leve Covid para as ilhas

Doenças introduzidas por forasteiros têm sido uma preocupação da Polinésia ao longo de séculos

MUNDO

Damien Cave, Isabella Kwai e Eric Nagourney

SYDNEY | THE NEW YORK TIMES Uma operação de limpeza e retirada começou em Tonga. Após dias de silêncio, o governo do país formado por ilhas disse que uma erupção vulcânica épica e o tsunami e as nuvens de cinzas que se seguiram foram "um desastre sem precedentes".

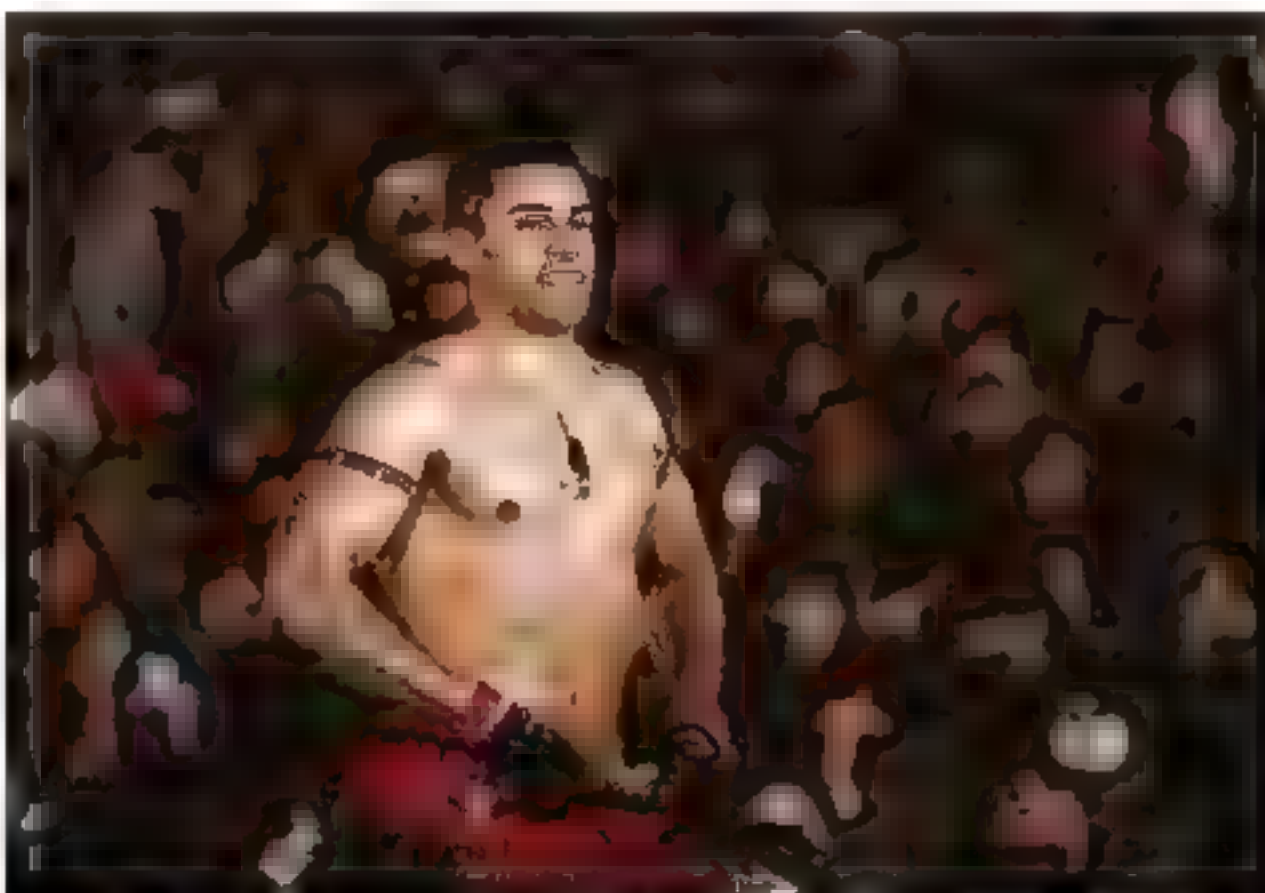
Os esforços internacionais para levar assistência enfrentam não só as cinzas e as linhas de comunicação danificadas mas também o receio de que o arquipélago, que até agora conseguiu evitar a Covid-19, seja invadido pela doença, se autorizar a entrada de funcionários humanitários que podem ser portadores do coronavírus.

Em entrevista coletiva na terça (18), Jonathan Veitch, coordenador residente do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) para as ilhas do Pacífico, disse que os trabalhos de assistência serão conduzidos de modo a levar suprimentos sem contato direto com pessoas de fora.

"Não vamos fazer nada que coloque em risco a segurança da população", disse ele a jornalistas remotamente a partir de Fiji. Mas mesmo o transporte de suprimentos levará algum tempo.

Austrália e Nova Zelândia estão com aviões carregados prontos para decolar. Mas os destroços produzidos pela erupção vulcânica do sábado deixaram as pistas dos aeroportos de Tonga inutilizáveis.

"Está sendo mais difícil do que se previa remover a camada de cinzas", disse Veitch. "Pensávamos que a pista já estaria operacional ontem."

Equipamentos hidráulicos para limpeza rápida das pistas estão sendo enviados a Tonga por navio, mas ainda deve levar de seis a oito dias para chegarem à área afetada.

Pita Taufatofua no encerramento dos Jogos de Inverno de 2018 Jonathan Nackstrand - 25.fev.18/AFP

Os mesmos navios estão levando alimentos e água, que são urgentemente necessários em partes do arquipélago.

Durante três dias após a erupção do vulcão Hunga Tonga-Hunga Ha'apai, a 65 quilômetros de Tonga, poucas notícias chegaram do país de cerca de 100 mil habitantes.

A erupção provocou "uma pluma vulcânica em forma de cogumelo" e um tsunami com ondas de até 15 metros que atingiram a costa oeste de várias ilhas. A internet ficou inativa, e as comunicações continuavam limitadas.

As primeiras notícias oficiais chegaram na noite de terça (18), quando o governo de Tonga disse que começou a avaliar os danos da erupção e confirmou a morte de três pessoas — uma cidadã britânica, uma mulher de 65 anos e um homem de 49.

Segundo o comunicado, equipes de busca e resgate foram acionadas a partir da manhã de domingo, e quase todas as casas de algumas das ilhas mais atingidas, incluindo Mango, Fonoifua e Nomuka, estão danificadas.

O governo disse ter montado centros de retirada e que está fornecendo artigos de assistência. Informou também que as cinzas vulcânicas afetaram gravemente os suprimentos de água limpa. Vários países se prepararam para ajudar, mas a grande pergunta é como fazê-lo sem colocar a população em risco.

"Qualquer boa vontade que pudesse ser criada pela assistência será totalmente desfeita se levarem a Covid a Tonga", diz Jonathan Pryke, diretor do programa para as ilhas do Pacífico do Instituto Lowy, think tank independente em Sydney.

Os receios dos tonganeses refletem traumas passados. Em toda a Polinésia, região espalhada pelo Pacífico sul e composta por cerca de mil ilhas, doenças levadas por pessoas de fora são um tema recorrente ao longo de centenas de anos de história.

O contato regular com as forças colonizadoras da Europa chegou relativamente tarde a lugares como Tonga — o capitão James Cook visitou o arquipélago em 1773, 15 anos antes de o primeiro grupo de britânicos se radicar na Austrália— mas teve impacto devastador. Ao longo dos cem anos seguintes, epidemias de sarampo, disenteria e influenza devastaram comunidades insulares em todo o Pacífico sul.

Um estudo histórico publicado em 2016 concluiu que em Tonga, Havaí, Fiji, Samoa e Rotuma (uma dependência de Fiji) a disseminação do sarampo no início do século 19 matou até um quarto da população de todas as idades.

Em Tonga, outra rodada de mortes chegou sob circunstâncias ainda mais dúbias com a gripe espanhola. De acordo com a historiadora Phyllis Herda, da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, em novembro de 1918 o navio a vapor Talune teria introduzido o vírus em Tonga.

Quando o navio aportou na capital tongana, Nuku'alofa, com 72 passageiros e tripulantes doentes, o capitão teria ordenado que todos a bordo "se vestissem e fingissem não estar doentes" para que as mercadorias trazidas pela embarcação pudessem ser descarregadas. Quase 2.000 tonganeses morreram no surto que se seguiu — cerca de 8% da população.

> Vamos colaborar com autoridades em Tonga para adequações a quaisquer expectativas e protocolos que elas tenham determinado
>
> **Jacinda Ardern**
> primeira-ministra neozelandesa

A Covid-19 tem sido encarada pela ótica dessa experiência, fato que não chega a surpreender. Tonga registrou apenas um caso da doença, em outubro, e exige que viajantes que chegam ao país façam quarentena de 21 dias. Cerca de 60% da população já recebeu duas doses de uma vacina contra Covid.

Curtis Tu'ihalangingie, vice-diretor da missão da Alta Comissão de Tonga na Austrália, disse que as autoridades tonganesas estão discutindo com os governos australiano e neozelandês e com doadores parceiros sobre como levar assistência ao país sem colocá-lo em risco pelo coronavírus.

"Vamos colaborar com autoridades em Tonga para adequações a quaisquer expectativas e protocolos que elas tenham determinado", disse no domingo a primeira-ministra neozelandesa, Jacinda Ardern.

Peeni Henare, o ministro da Defesa neozelandês, disse que existem outros meios de evitar a transmissão. "Já realizamos várias operações no Pacífico nos últimos dois anos que não envolveram contato."

Cerca de duas dúzias de funcionários humanitários da ONU já estavam lotados em Tonga quando o vulcão entrou em erupção, e Veitch disse que eles estão trabalhando, inclusive com a prestação de assistência médica.

É difícil avaliar se será o bastante. Segundo Tu'ihalangingie, as conexões por telefone ou internet levarão semanas para serem restauradas. "Ainda estamos com contato limitado com Tonga", disse ele à Rádio ABC na Austrália.

Tradução Clara Allain

'Besuntado dos Jogos' cria vaquinha virtual e procura o pai

ESPORTE

SÃO PAULO Conhecido no Brasil como o "besuntado de Tonga", o atleta do taekwondô Pita Taufatofua, é uma das muitas pessoas que não têm conseguido contato com familiares nas ilhas de seu país.

Taufatofua ganhou fama nas redes sociais como porta-bandeira nas cerimônias dos Jogos do Rio-2016 e de Tóquio-2020. Ele desempenhou a função também nos Jogos de Inverno de Pyeongchang, na Coreia do Sul, em 2018, quando competiu na modalidade de esqui cross-country.

O atleta criou uma vaquinha virtual para ajuda humanitária, que até esta quarta (19) já havia arrecadado mais de 470 mil dólares australianos (mais de R$ 1,8 milhão).

No entanto continua sem notícias de seu pai, governador das ilhas Ha'apai, parte do arquipélago de Tonga, que estava no local quando as ondas atingiram a costa do país e com quem não consegue mais contato desde então.

Nas suas redes sociais, Taufatofua tem organizado a campanha e compilado notícias e imagens dos danos causados pelo vulcão — além de buscar ajudar quem, como ele, também não está conseguindo encontrar familiares e amigos. Uma de suas mensagens dizia "das cinzas viemos e das cinzas vamos ressurgir". Liquo

Testes de Covid com coleta de saliva podem ser mais eficazes

De acordo com especialistas, vírus aparece primeiro na boca e na garganta

SAÚDE

Emily Anthes

THE NEW YORK TIMES Nos últimos dois anos, diagnosticar uma infecção por coronavírus muitas vezes exigiu sondar o nariz. Os profissionais de saúde inserem cotonetes finos no fundo das cavidades nasais das pessoas, enquanto os testes caseiros indicam o giro raso nas duas narinas.

Mas a rápida disseminação da variante ômicron e as perguntas sobre a efetividade dos testes caseiros reacenderam uma discussão sobre se a melhor maneira de detectar o vírus seria pegar a amostra em outro lugar: a boca.

"O vírus aparece primeiro na boca e na garganta", disse Donald Milton, especialista em vírus respiratórios na Universidade de Maryland. "Isso significa que a abordagem que estamos adotando para testar tem problemas."

Coletar amostras de saliva ou esfregar o interior da boca podem ajudar a identificar pessoas infectadas com o vírus dias mais cedo que os bastonetes nasais, sugerem algumas pesquisas.

A ciência ainda está evoluindo, e os dados pintam um quadro complexo, sugerindo que os testes baseados em saliva têm suas limitações. Muitos laboratórios não estão equipados atualmente para processar saliva.

Mas até os céticos da saliva reconhecem que as amostras orais têm algumas vantagens únicas. Com o avanço da ômicron, alguns especialistas dizem que empresas de testes, laboratórios e autoridades federais devem trabalhar com mais urgência para determinar os melhores locais e tipos de amostras para o vírus.

"Precisamos ser adaptáveis", disse Anne Wyllie, microbiologista da Escola de Saúde Pública de Yale que é uma das desenvolvedoras do SalivaDirect, um protocolo de teste não comercial de reação em cadeia da polimerase (ou PCR).

"Eu vejo tantos laboratórios ou governos que estão fixados em um certo tipo de amostra ou de teste que, mesmo com a mudança de dados ou das preferências de teste, não fazem as adaptações necessárias em seus programas de testagem."

> Eu vejo tantos laboratórios ou governos que estão fixados em um certo tipo de amostra ou de teste que, mesmo com a mudança de dados, não fazem as adaptações necessárias
>
> **Anne Wyllie**
> microbiologista

Os cientistas começaram a investigar os testes de saliva nos primeiros meses da pandemia. Eles estavam ansiosos para encontrar um meio do que fosse mais confortável do que os bastonetes nasofaríngeos profundos que eram o padrão na época e que não exigiam profissionais de saúde treinados ou os bastonetes nasais, ambos escassos.

Com saliva, as pessoas podiam cuspir em um tubo e entregá-lo para processamento.

Alguns profissionais de laboratório estavam descrentes de que o teste de saliva seria uma maneira confiável de detectar a infecção.

"Inicialmente houve preocupações de que a saliva não fosse a amostra padrão ouro, que não fosse a amostra mais sensível", disse Glen Hansen, do laboratório de microbiologia clínica e diagnóstico molecular do Centro Médico do Condado de Hennepin, em Minnesota. Mas no segundo semestre de 2020, dezenas de estudos sugeriram que a saliva era adequada para testes.

"Tem havido um crescente corpo de evidências de que, no mínimo, a saliva funciona bem — é tão boa quanto, ou melhor, quando coletada e processada adequadamente", disse Wyllie.

Também surgiram evidências de que o vírus tendia a aparecer na saliva antes de se acumular no nariz, sugerindo que as amostras de saliva poderiam ser a melhor maneira de detectar precocemente a infecção.

Milton e seus colegas descobriram recentemente que nos três dias antes do aparecimento dos sintomas e nos dois dias seguintes, as amostras de saliva continham cerca de três vezes mais vírus do que as amostras nasais e tinham 12 vezes mais chances de produzir um resultado positivo de PCR.

Depois disso, porém, os vírus começavam a se acumular mais no nariz, segundo o estudo, que ainda não foi publicado em uma revista científica.

A Administração de Alimentos e Drogas (FDA) já autorizou vários testes de PCR baseados em saliva, que se mostraram populares para triagem de estudantes nas escolas.

As vantagens da saliva podem ser acentuadas com a ômicron, que parece se replicar mais rapidamente no trato respiratório superior e tem um período de incubação mais curto do que as variantes anteriores.

Qualquer método de teste que possa detectar o vírus com segurança mais cedo é particularmente valioso, disseram especialistas.

A saliva, porém, também tem lados negativos. Embora o vírus pareça se acumular na saliva precocemente, o nariz pode ser um lugar melhor para detectá-lo mais tarde.

Pesquisadores do Instituto de Tecnologia da Califórnia descobriram que, embora o vírus geralmente atinja primeiro a saliva, ele finalmente sobe para níveis mais altos no nariz. Seus resultados sugerem que testes altamente sensíveis, como os de PCR, podem detectar infecções na saliva dias mais cedo do que com bastonetes nasais, mas testes menos sensíveis, como os de antígeno, não podem.

Os dados sobre a saliva ainda são mistos, observaram alguns especialistas.

"Existem esses poucos estudos que eu achei realmente muito interessantes", disse Mary K. Hayden, médica de doenças infecciosas e microbiologista clínica do Centro Médico da Universidade Rush, em Chicago.

Mas Hayden disse que estava interpretando os novos estudos com cautela porque "durante anos e anos" a pesquisa sugeriu que as amostras nasofaríngeas são melhores para detectar vírus respiratórios.

Alguns cientistas também têm preocupações práticas. A boca é "um ambiente um pouco mais descontrolado em comparação com as passagens nasais", disse Joseph DeRisi, bioquímico da Universidade da Califórnia em San Francisco.

A saliva pode ser "viscosa e difícil de trabalhar", especialmente quando os pacientes estão doentes e desidratados, disse Marie-Louise Landry, diretora do laboratório de virologia clínica do Hospital Yale New Haven, por email.

Em última análise, diferentes abordagens podem ser necessárias em diferentes circunstâncias. Para pessoas que estão com sintomas há vários dias, os bastonetes nasais podem ser uma boa opção, enquanto a saliva pode ser mais adequada para a triagem em grande escala de pessoas assintomáticas, sugeriu Hansen.

Na Grã-Bretanha, alguns testes caseiros exigem esfregar bastonetes tanto na garganta quanto no nariz, uma abordagem que pode valer a pena, disseram especialistas.

Mas, se os fabricantes quiserem adicionar amostras de saliva ou bastonetes de garganta, eles precisarão validar seus testes com essas amostras e enviar os dados aos órgãos reguladores.

Em uma audiência no Senado dos EUA na terça (18), Janet Woodcock, comissária da FDA, observou que os fabricantes também podem ter que reconfigurar seus testes para acomodar os bastonetes maiores que são projetados para a garganta.

"Continuamos monitorando e avaliando", disse John M. Koval, porta-voz do laboratório Abbott, que fabrica testes rápidos de antígenos. "Nosso teste é indicado atualmente apenas para uso nasal."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Robô controlado remotamente esfrega bastonete no interior da boca de uma pessoa, em Tanta, no Egito (Khaled Desouki - 20.mar.21/AFP)

Japão aprova novas restrições de combate ao vírus

AFP O governo japonês aprovou nesta quarta (19) novas restrições sanitárias para grande parte do país, incluindo Tóquio, na tentativa de conter um surto de coronavírus causado pela ômicron.

As medidas, para 13 regiões e dirigidas principalmente a estabelecimentos noturnos, são bem menos rígidas do que um confinamento e ficarão em vigor de sexta-feira (21) até meados de fevereiro.

A resolução do governo central permite que cada região decida que regras adotar, e a maioria das gestões locais pediu a bares e restaurantes que reduzam o horário de funcionamento ou suspendam a venda de bebidas alcoólicas.

A variante ômicron provocou um ressurgimento do coronavírus no Japão, com mais de 30 mil casos diários registrados pela primeira vez desde o início da pandemia.

Autoridades e especialistas temem que um aumento nas infecções pressione o sistema de saúde do país.

Três regiões já enfrentam restrições, após o aumento de casos associados a bases militares americanas. Mais de 78% da população japonesa está vacinada, mas apenas 1,2% recebeu uma dose de reforço.

EUA vão distribuir 400 milhões de máscaras PFF2

REUTERS Os Estados Unidos vão distribuir de forma gratuita 400 milhões de máscaras N95, conhecidas no Brasil como padrão PFF2, para combater a transmissão da Covid-19, disseram autoridades do governo Joe Biden nesta quarta-feira (19).

Esse tipo de máscara, que é reutilizável, é considerado mais eficaz para evitar a transmissão da doença e oferece quase 100% de proteção por promover uma vedação mais completa ao redor do nariz e da boca e pela capacidade de filtragem do ar. No Brasil, elas podem ser encontradas facilmente em lojas de materiais de construção.

Os itens de proteção serão enviados para farmácias e centros comunitários de saúde por todo o país e devem estar disponíveis para retirada na próxima semana.

A ação soma-se à distribuição já anunciada de testes gratuitos, que poderão ser requisitados por meio de um site lançado nesta quarta (19).

Biden tem sido criticado por não tomar atitudes suficientemente fortes para conter a doença, que tem contaminado mais de 700 mil pessoas e feito quase 2.000 vítimas por dia.

A usina de energia de Belchatow, na Polônia Kacper Pempel - 31.out.13/Reuters

Transição energética deve ser inclusiva e justa

Para que a descarbonização se torne viável, políticas públicas não podem ser guiadas só por gases do efeito estufa

OPINIÃO

Rodrigo Tavares
Fundador e presidente do Granito Group; professor de Sustainable Finance na Nova School of Business and Economics. Nomeado Young Global Leader pelo Fórum Econômico Mundial, em 2017

Em 2022, Portugal, Coreia do Sul, Costa Rica, Colômbia, França ou Brasil terão eleições para a chefia de governo e/ou de Estado. Em todos esses sufrágios, seja por conveniência ou por convicção, despontará o tema da transição energética —a passagem de uma matriz energética focada nos combustíveis fósseis para uma de baixo carbono, baseada em fontes renováveis.

Sem espanto, a discussão será marcada por dois grupos. No primeiro participam todos aqueles que acham que a descarbonização é o grande desígnio nacional e deve ser acelerada para enfrentar as alterações climáticas, o nosso maior desafio civilizacional. A prioridade exclusiva deve ser dada a ações de mitigação e adaptação.

Os integrantes do segundo grupo são céticos por natureza. Rejeitam qualquer responsabilidade humana, alegando que as alterações climáticas são naturais e cíclicas.

A leitura do segundo é errada, enquanto a do primeiro é parcial. O debate eleitoral e os compromissos das empresas, deveriam residir, alternativamente, no objetivo da transição justa. A descarbonização do planeta e a transformação das nossas economias deve ser concretizada tendo em consideração os efeitos laborais e sociais da transição. Ninguém pode ficar para trás.

Em um país como o Brasil, abundante em bifurcações étnicas, encastelamentos econômicos e monopólios regionais, a descarbonização da economia pode levar à aceleração dessas clivagens ou, se for feita de forma sistêmica e justa, à sua gradual atenuação.

A transição justa é mencionada no Acordo de Paris e está integrada ao cardápio orçamentário da União Europeia. Na Cúpula do Clima da ONU em 2019, meia centena de países se comprometeram a apoiá-la. Mas o imperativo ainda não faz parte da narrativa das empresas ou é uma prioridade política a nível nacional.

Em Portugal, o programa eleitoral do Partido Socialista, atualmente no poder e colocado em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, não menciona a transição energética justa uma única vez.

O enfoque está na redução das emissões de GEE e no aumento do peso das energias renováveis na produção de eletricidade. Com eleições em 30 de janeiro, os portugueses já puderam assistir à espantosa soma de 32 debates na TV entre os vários líderes partidários sem que o tema das alterações climáticas fosse elevado a prioridade nacional.

No Brasil, empresas como a Petrobras, Vale ou Ambev já assumiram compromissos com a agenda do clima e com o Acordo de Paris.

As maiores empresas internacionais de petróleo — BP, Chevron, ExxonMobil e Shell—, que serão severamente afetadas pela transição energética, viram sua capitalização combinada encolher 40%, de US$ 980 bilhões (R$ 5,4 tri) para US$ 570 bilhões (R$ 3,1 tri), na última década.

Por outro lado, as empresas de energia que se adaptaram a uma transição justa, como a Enel, Iberdrola, ou a NextEra valorizaram-se em 200% no mesmo período (dados da McKinsey). Como exemplo, a Enel defende em um manifesto disponível no seu site que a mudança de paradigma de todo o sistema energético tem que ser inclusiva.

Para que a descarbonização seja viável, políticas públicas e corporativas não podem ser só guiadas por dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e hexafluoreto de enxofre —o quadrunvirato dos gases de efeitos de estufa. Pautas correlatas como a capacitação de mão de obra, educação, inclusão social, democratização do acesso à tecnologia ou reconversão industrial devem ser igualmente priorizadas.

Se os efeitos adversos das alterações climáticas extravasam a arena ambiental, também a sustentabilidade ambiental sem inclusão social ou justiça econômica se torna insustentável. Uma visão sectária da descarbonização levará ao aumento da desigualdade social, à queda na produtividade e a eventuais distúrbios laborais e civis.

Estudos da OCDE, ONU e OIT enfatizam a viabilidade da transição justa, com um ganho econômico direto de US$ 26 trilhões (R$ 143,5) até 2030 e um ganho líquido de 24 milhões de empregos até 2030. Uma transição justa pode ser um forno de oportunidades sociais e econômicas.

No Brasil, com cada vez mais frequência veremos políticos e empresas adotar o conceito de transição justa. Mas a formulação de programas eleitorais e corporativos deve incluir a contribuição daqueles que correm o risco de ser afetados pela descarbonização.

Na década de 1980 o ativista americano Benjamin Chavis cunhou o termo "racismo ambiental" para se referir também à discriminação racial na elaboração de políticas ambientais.

A maioria das vítimas de Brumadinho e Mariana era negra. A maioria dos brasileiros afetados pela descarbonização poderá ser negra. Não podemos excluir ninguém da formulação de soluções para a inclusão.

Rondônia proíbe agentes de destruir equipamentos em operações ambientais

AMBIENTE

Fabiano Maisonnave

CURITIBA Em uma vitória para os infratores ambientais, o governador de Rondônia, o bolsonarista Coronel Marcos Rocha (PSL), sancionou uma lei que proíbe agentes estaduais de destruir equipamentos durante fiscalizações.

A medida, aprovada em dezembro pela Assembleia Legislativa, contraria parecer da própria Sedam (Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental) e também da PGE (Procuradoria-Geral do Estado).

"Fica proibido (sic) aos órgãos ambientais de fiscalização e Polícia Militar do Estado de Rondônia a destruição e inutilização de bens particulares apreendidos nas operações/fiscalizações ambientais no estado", diz a lei 5.299, assinada na quarta-feira (12).

O projeto é de autoria do presidente da Assembleia Legislativa, Alex Redano (Republicanos). Ao justificá-lo, o parlamentar disse que se tratava de uma demanda de garimpeiros. Ele afirma que, caso o dono do equipamento destruído seja inocentado mais tarde, ele não pode recuperar o prejuízo.

Em parecer, a Sedam recomendou o veto total. Na avaliação da pasta, a medida "é necessária para evitar o seu uso e aproveitamento indevido nas situações em que o transporte e a guarda forem inviáveis" e quando "possam expor o meio ambiente a riscos significativos ou comprometer a segurança da população e dos agentes públicos envolvidos na fiscalização".

Também contrária à lei, a PGE afirma, em seu parecer, que a medida é "materialmente inconstitucional, uma vez que resulta em grave violação ao princípio da vedação ao retrocesso ambiental".

A PGE diz ainda que, caso o dono do equipamento destruído consiga provar sua inocência, a legislação em vigor prevê a sua indenização.

Na prática, são raros os casos de proprietários que entram na Justiça contra a destruição. Isso porque os bens costumam ser inutilizados dentro de áreas protegidas, onde a mera presença desses equipamentos está vetada.

Os fiscais ambientais afirmam que a destruição de bens é o último recurso e só ocorre quando é impossível o transporte desses equipamentos devido às dificuldades logísticas da Amazônia.

No final de novembro, a Polícia Federal destruiu dezenas de balsas ilegais de garimpeiros no rio Madeira.

Trator usado no desmate da Floresta Nacional do Bom Futuro, em RO Bruno Kelly - 13.set.19/Reuters

Tronco em chamas em Itapuã do Oeste, em Rondônia; o desmatamento, como o da Amazônia, altera padrões de precipitação e pode fazer de regiões inteiras desertos Bruno Kelly - 11.set.19/Reuters

Sexta extinção em massa trará fome e sede

Desaparecimento previsto de ao menos 1 milhão de espécies deve causar desequilíbrios que afetarão a vida humana

AMBIENTE

Alistair Walsh

DW Há cerca de 65 milhões de anos aconteceu a última extinção em massa, que marcou o fim dos dinossauros. Cientistas advertem que estamos agora nos estágios iniciais de um desaparecimento semelhante. Só que, diferentemente das outras, esta sexta extinção em massa — ou extinção antropocênica — é causada pelo homem, através de mudanças climáticas, destruição do habitat, poluição e agricultura industrial.

Nas extinções em massa, pelo menos três quartos de todas as espécies desaparecem em cerca de 3 milhões de anos. Ao nosso ritmo atual, estamos no caminho para que isso aconteça dentro de alguns séculos. Somente nas próximas décadas, pelo menos 1 milhão de espécies correm risco de desaparecer para sempre, de acordo com uma estimativa de um relatório da ONU publicado em 2019.

Tentar prever o resultado de um colapso completo da biodiversidade é difícil, pois os ecossistemas são incrivelmente complexos. No entanto, os cientistas concordam que as previsões são claras se as extinções continuarem neste ritmo. E todos os efeitos estão ligados uns aos outros.

"A primeira coisa que veremos é que nossas reservas de comida começarão a diminuir bastante, porque grande parte de nossos alimentos depende da polinização", disse Corey Bradshaw, professor de ecologia global da Universidade de Flinders, na Austrália, que usa modelos matemáticos para mostrar a interação entre os seres humanos e os ecossistemas.

Cerca de um terço da oferta mundial de alimentos depende de polinizadores como as abelhas. Se elas se extinguirem, o rendimento agrícola pode cair, acrescentou. Por outro lado, pragas agrícolas podem ficar mais fortes à medida que diminuem seus predadores, impactando ainda mais nossas monoculturas.

Milhões de pessoas também dependem de animais selvagens para a alimentação, especialmente da pesca nas regiões costeiras. Mas as reservas pesqueiras estão ameaçadas e, com elas, uma importante fonte de nutrição.

Essa falta de segurança alimentar, também associada ao aumento de estiagens e inundações, atingirá mais duramente as regiões mais pobres, particularmente a África Subsaariana e partes do Sudeste Asiático, segundo Bradshaw.

Espera-se também que a qualidade do solo se deteriore à medida que certos microrganismos morrerem.

Embora sub-representados nos dados, alguns pesquisadores acreditam que os microrganismos possam desaparecer mais rapidamente do que outras espécies. Seu desaparecimento poderia levar a um agravamento da erosão do solo. Isto, por sua vez, levaria a mais inundações, bem como a uma menor fertilidade do solo, o que afetaria o crescimento das plantas.

Colman O'Criodain, da organização de conservação WWF International, considera a morte de microrganismos particularmente perigosa. "De certa forma, a matéria orgânica é como a cola que mantém tudo junto. Se você comparar com um pudim de Natal, tem alguns ingredientes secos como migalhas de pão, farinha e frutas secas, mas são os ovos e o amido que o mantêm unido, tornam o pudim macio e mole, e lhe dão sua forma", explicou O'Criodain.

Grande parte da água doce vem de zonas úmidas, onde a água é purificada e distribuída. Um exemplo é a água do Himalaia, que é alimentada por zonas úmidas e supre cerca de 2 bilhões de pessoas.

Se essas áreas colapsarem devido ao declínio da vegetação ou pelo florescimento de algas, por exemplo, a humanidade poderá perder muita água para beber e destinada ao uso agrícola.

É também provável que o desmatamento altere os padrões de precipitação, já que menos umidade é evaporada devido à perda de árvores. Assim, paisagens inteiras poderiam secar, processo atualmente observado na Amazônia.

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) estima que cerca de 10 milhões de hectares de floresta foram cortados anualmente desde 2015. Isto é equivalente à área da França e da Espanha juntas.

Com a perda de árvores e vegetação — reguladores fundamentais do CO2 na atmosfera —, a mudança climática vai se agravar e haverá eventos climáticos mais extremos. As secas e florestas insalubres também aumentam o risco de incêndios florestais.

Enquanto isso, as falhas nas colheitas e outras ameaças ecológicas provavelmente desencadearão migrações em massa, à medida que as pessoas tentarão escapar de fome e conflitos causados pela diminuição dos recursos.

"O que temos feito como humanos é simplificar todo o planeta, especialmente os ecossistemas de produção, a tal ponto que eles se tornaram vulneráveis", disse o cientista ambiental sueco Carl Folke. "A resiliência é frequentemente chamada a ciência da surpresa. Se você vive em condições muito estáveis e tudo é previsível, você não precisa desta proteção da biodiversidade."

"Mas, se você vive em tempos mais turbulentos, com situações mais imprevisíveis, esse tipo de portfólio de opções é extremamente importante", disse Folke, fundador do Centro de Resiliência de Estocolmo para pesquisa em ciência da sustentabilidade.

Os pesquisadores também alertam que a perda da biodiversidade pode levar a um risco maior de pandemias à medida que a vida selvagem e os seres humanos entram em contato mais próximo uns com os outros através da fragmentação do habitat e da ruptura dos sistemas naturais.

O exemplo mais citado é o surto de ebola em 2014 na África Ocidental, que se acredita ter sido causado porque crianças brincaram em uma árvore oca cheia de morcegos. Embora a origem da Covid-19 ainda não esteja clara, alguns estudos também ligam este patógeno a morcegos selvagens.

Muitos conservacionistas e cientistas comparam permitir irresponsavelmente a extinção de espécies ao vandalismo. Mesmo que sobrevivamos e evitemos consequências catastróficas, a extinção em massa deixaria o mundo severa e irrevogavelmente mais pobre. As perdas mais trágicas podem ser aquelas que não podemos sequer ver.

"Imagine as consequências da extinção como se fosse a queima de uma galeria de arte". Portanto, você não está nem pensando em um valor potencial direto, mas está pensando na perda intangível do patrimônio mundial", diz Thomas Brooks, cientista-chefe da Unidade de Ciência e Conhecimento da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

"Lembre-se de que cada espécie é o produto de milhões de anos de evolução. Você está olhando para a perda do que torna a humanidade parte do planeta. É tudo o que nos torna uma unidade."

> Cada espécie é o produto de milhões de anos de evolução. Você está olhando para a perda do que torna a humanidade parte do planeta. É tudo o que nos torna uma unidade
>
> **Thomas Brooks**
> cientista-chefe da Unidade de Ciência e Conhecimento da União Internacional para a Conservação da Natureza

Apesar destas previsões catastróficas, há razões para otimismo se a humanidade fizer algo. "Há dificuldades aparentemente intransponíveis para preservar a vida na Terra. Mas, por outro lado, há também muitas histórias de sucesso inspiradoras e exemplos em que as pessoas conseguiram inverter a maré. Aja para que a curva vá na direção certa, as tendências estão apontando na direção certa", diz Brooks.

Ele está bem familiarizado com os desafios. A IUCN compila a lista sobre a perda global de espécies, a Lista Vermelha, e as pesquisas mostraram que os esforços de conservação funcionam. Um estudo recente constatou que as perdas desde 1993 teriam sido três a quatro vezes maiores sem ações de conservação.

Espalhar histórias de sucesso de conservação — como a reintrodução de castores na Europa — parece importante na luta contra a perda da biodiversidade. Elizabeth L. Bennett, vice-presidente da Wildlife Conservation Society (WCS), destaca a importância das grandes reservas naturais para a conservação da biodiversidade.

"Se estiverem nos lugares certos, forem muito bem planejadas e gerenciadas, certamente serão muito úteis."

Como um primeiro passo em direção a este objetivo, a WCS está pressionando para a adoção do acordo "30 por 30" na Convenção de Kunming sobre Diversidade Biológica (COP15). O acordo exige que 30% da área global terrestre e oceânica seja protegida até 2030, aproximadamente o dobro do nível atual.

Conseguir isto seria um bom começo, mas qualquer acordo alcançado na COP15 seria apenas o início de uma longa jornada, adverte O'Criodain, da WWF.

Etiene mira além da piscina após cirurgia e reflete sobre saúde mental

Nadadora quer ajudar pessoas dentro do esporte e fazer campanha de conscientização de câncer

ESPORTE

Daniel E. de Castro

SÃO PAULO Etiene Medeiros, primeira nadadora do país a ser campeã pan-americana e mundial, quebrou várias barreiras no esporte brasileiro durante a última década.

Aos 30 anos, após temporadas marcadas por sobrecarga física e emocional, além de uma cirurgia no joelho direito em setembro do ano passado, a atleta mantém o desejo de voltar a nadar no nível da elite mundial.

"Não me sinto preparada para parar a natação, gosto muito de competir e ainda tenho algumas vontades e realizações a fazer dentro do meio esportivo", ela afirma à **Folha**.

Quando fala do que ainda pretende conquistar, porém, Etiene não se atém aos resultados nas piscinas.

"Tenho a meta de fazer uma nova campanha de conscientização do câncer de mama, de ajudar pessoas dentro do esporte, de fazer um trabalho voluntário, de estar em ação em alguns movimentos esportivos, de estar falando sobre pautas importantes como igualdade de gênero e combate ao racismo. É muito mais amplo do que falar só de medalhas", explica.

A nadadora Etiene Medeiros na final de campeonato mundial em Gwangju, na Coreia do Sul Oli Scarff - 25.jul.19/AFP

Os últimos anos não foram simples para a nadadora pernambucana, mas a fizeram refletir sobre seu papel no esporte e as discussões que muitas vezes acabam negligenciadas nesse meio.

Em 2019, após emendar participações no Campeonato Mundial de Gwangju (Coreia do Sul) e nos Jogos Pan-Americanos de Lima, ela comentou com jornalistas no Peru que não via a hora de tirar férias. Uma declaração que poderia ser encarada como normal, mas que também revelava um esgotamento sobre o qual ainda não se sentia à vontade para comentar.

"Eu passei por um momento em 2019 em que tive um burnout muito alto. Foi muito marcante e hoje é uma das pautas de que estou me sentindo mais segura para falar. Muitos atletas vêm verbalizando isso no dia a dia."

Quem a conhece certamente já percebia num simples "oi" ou "tchau" que algo não caminhava bem. "Eu não estava me reconhecendo em alguns aspectos. Levantei a mão e fui atrás de um profissional com quem conseguisse falar do que estava sentindo. A primeira coisa que senti foi aquela autocobrança. Eu nunca fui uma mulher de estar sempre buscando metas, sempre fui muito natural com tudo na minha vida."

A ajuda psicológica e médica, além do suporte do seu entorno, foram importantes para encarar o que ainda estava por vir: a interrupção do esporte causada pela pandemia de Covid-19 e as incertezas sobre vários fatores, entre elas a realização dos Jogos de Tóquio.

Etiene achava que a pausa forçada poderia ser um "suspiro" para quem ansiava por isso, mas também se deparou com novos dilemas.

Campeã mundial dos 50 m costas em piscina longa em 2017 e bicampeã pan-americana em 2015 (100 m costas) e 2019 (50 m livre), a nadadora não conseguiu repetir suas melhores performances após o retorno das competições.

Na seletiva olímpica, em abril do ano passado, ela não atingiu os índices para nadar provas individuais no Japão. Acabou classificada pela vaga no revezamento 4 x 100 m livre e pôde disputar também os 50 m livre, com um índice obtido anteriormente.

"Tem acontecido algo muito difícil para mim, mas ainda quero ficar um pouco reservada. No momento certo vou dividir com todo o mundo", disse em Tóquio, após terminar os 50 m em 19º lugar.

Apesar de hoje se ver aberta a tratar de temas mais delicados, Etiene também entende ser necessário ter autocuidado e só abordá-los quando se sentir preparada. "Não é tudo o que vivo que vou transparecer. No momento em que eu estiver confortável, vou querer falar sobre a pauta", diz.

Não era de conhecimento do público na época, mas a atleta competiu lesionada no Japão. Ela afirma ter cumprido o planejamento traçado pelo COB (Comitê Olímpico do Brasil) e pela CBDA (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos), em conjunto com seu treinador, para participar do evento mesmo com limitações.

> Eu passei por um momento em 2019 em que tive um burnout muito alto. Foi muito marcante e hoje é uma das pautas de que estou me sentindo mais segura para falar. Muitos atletas vêm verbalizando isso no dia a dia
>
> **Etiene Medeiros**
> nadadora

"No momento em que eu fosse ter dificuldade de colocar meu trabalho e gastar uma energia ruim para mim e para as minhas amigas, eu seria a primeira a falar que não queria participar. De nenhuma forma a gente colocaria a nossa seleção, nossa profissão e nossa qualidade técnica em risco", argumenta.

A cirurgia no joelho, em setembro, fez com que a pernambucana encarasse uma nova pausa forçada na carreira. A interrupção dos treinos dessa vez veio acompanhada de um desejo de se desligar completamente do que remetesse à rotina do esporte profissional.

"Sou uma atleta de alto rendimento e também uma mulher de 30 anos. Antes da atleta, existe um ser humano que treina desde os cinco. No momento da carreira em que essa atleta teve que fazer uma cirurgia e parar de treinar, ela também quis parar de fazer dieta, de falar sobre questões de esporte... Ela precisou desse tempo para ela", relata.

A nadadora conta que chegou a ganhar 15 kg e que refletiu bastante sobre autoimagem. Ela sabia que precisaria voltar à rotina se deseja competir novamente no nível da elite. "Eu tenho a responsabilidade de que sou uma atleta, funcionária de uma instituição, e trabalho com o meu corpo. Meu corpo tem que performar. Curti um pouquinho, agora vamos voltar à vida real, ir atrás, perder peso."

Etiene já voltou a nadar no clube que defende há nove anos, o Sesi-SP, mas ainda não tem um planejamento concreto para retornar às competições. Ela aproveita para também curtir com a família no Recife e viveu uma experiência nova, como comentarista do SporTV no Mundial de piscina curta, em dezembro.

A pernambucana lembra que no início da carreira encarava o esporte "de uma forma muito superficial". Depois veio a fase das conquistas, que a colocaram em contato com outras referências e a prepararam para o o que vive hoje.

"O amadurecimento ajuda a dividir as tarefas. Você se torna uma pessoa múltipla. Hoje não me vejo só como atleta na sociedade, eu me vejo como agente transformador."

O MUNDO É UMA BOLA | **Luís Curro**
folha.com/omundoeumabola

Morto aos 88 anos, Gento foi um dos melhores jogadores do Real Madrid

SÃO PAULO "O maior vencedor na história da Champions League é o ponta-esquerda Francisco 'Paco' Gento: seis vezes. Lenda viva do Real Madrid (tem 84 anos), esteve nos elencos campeões de 1956 a 1960 e em 1966. Atuou como titular em todas as finais, marcou um gol em duas delas [1957 e 1958] e em 1966 foi o capitão da equipe."

Desse modo eu, então enviado da **Folha** à Ucrânia, terminei um texto escrito no dia 26 de maio de 2018, data da decisão da Liga dos Campeões da Europa entre Real Madrid e Liverpool, em Kiev.

A partida acabou com vitória por 3 a 1 do clube madrileno, que conquistava seu 13º título na competição fundada em 1955 e cuja edição inaugural terminou em 1956.

Gento esteve em quase metade dessas conquistas.

Para faturar o hexacampeonato na Champions, ele e seus companheiros superaram nas decisões o francês Stade Reims (duas vezes), os italianos Fiorentina e Milan, o alemão Eintracht Frankfurt e o iugoslavo Partizan Belgrado.

Considerado um dos melhores jogadores da história do Real, ele morreu nesta terça-feira (18), aos 88 anos, enquanto dormia.

"O Real Madrid deseja expressar suas condolências e seu amor e carinho à sua esposa Mari Luz, seus filhos, Francisco e Julio, suas netas, Aitana e Candela, e a todos os seus parentes, colegas e entes queridos. Ele será sempre lembrado pelos madridistas e por todos os fãs de futebol como um dos maiores", escreveu o clube em comunicado.

Apesar de não ser um dos maiores na altura (alguns sites citam 1,68 m, outros, 1,71 m), Gento foi, sim, um gigante em campo.

Defendeu o Real de 1953 a 1971 e ganhou também, além de seis Ligas dos Campeões, 12 Campeonatos Espanhóis, duas Copas do Rei e uma Copa Intercontinental.

Imagem de Francisco Gento junto a seu caixão, no estádio do Real Madrid Nacho Doce/Reuters

Fez com a camisa merengue 182 gols e é o oitavo maior goleador do clube, em lista liderada por Cristiano Ronaldo e que inclui Raúl, Di Stéfano, Benzema e Puskás.

Além disso, sendo o futebolista que mais ganhou a Champions League, iguala-se a ninguém menos que Pelé como o mais laureado em uma competição gloriosa, possivelmente a mais cobiçada entre os torneios interclubes.

O rei do futebol triunfou três vezes na Copa do Mundo com a seleção brasileira (1958, 1962 e 1960). Só Pelé é tricampeão como atleta.

Gento defendeu a seleção espanhola 43 vezes, de 1955 a 1969, e esteve nos Mundiais do Chile (1962) e da Inglaterra (1966).

Não pôde duelar com Pelé em 1962 porque o camisa 10 do Brasil não atuou diante da Espanha —nem em nenhum jogo mais da Copa depois desse— devido a uma lesão no confronto anterior, contra a então Tchecoslováquia.

Pelé, contudo, lembrou-se de Gento e prestou sua homenagem ao espanhol em postagem no Instagram.

"Paco Gento é mais um gênio do futebol que se despede de nós. O maior campeão europeu até hoje. Eu ainda era um menino quando enfrentamos ele [sic] e outras lendas do Real Madrid, no Santiago Bernabéu, em uma excursão pela Europa", escreveu.

"Memórias de muita saudade e de paixão ao futebol, que ficam ainda mais vivas no dia de hoje. Deixo aqui os meus sentimentos de carinho a todos os amigos e familiares."

Pelé tinha 18 anos no dia 17 de junho de 1959, quando Real Madrid e Santos disputaram um amistoso no estádio da equipe espanhola.

A equipe paulista perdeu de 5 a 3. Pelé fez o primeiro gol do jogo, e Gento, o último.

Novak Djokovic em treino em Melbourne, antes do Australian Open [illegible]/AFP

[...]

Djokovic está acostumado a ser o excluído, a ouvir os gritos da torcida em apoio a Federer e a outros adversários, e a vencer mesmo assim. No passado, ele chegava a imaginar que a torcida na verdade gritava seu nome; mas nunca tinha sido alvo de tanta hostilidade mundial quanto agora

Frustração na Austrália pode ser ponto de inflexão para Djokovic

Era dos Três Grandes pode estar chegando ao fim com a ascensão de novos talentos

ESPORTE
ANÁLISE

Christopher Clarey

MELBOURNE | THE NEW YORK TIMES
Mesmo depois de ser expulso da Austrália, Novak Djokovic continuará a ser o primeiro colocado no ranking do tênis masculino, ao final do Australian Open, que começou nesta segunda-feira (17) sem a sua participação.

Ele ainda detém os títulos de Roland Garros e de Wimbledon. Continua a ter membros ágeis, técnica e um longo histórico de durabilidade diante de torcidas hostis e de chances remotas de sucesso.

Mas, em um esporte que parece dar mais importância a títulos conquistados recentemente do que ao passado e que costuma ser definido por eras e pelos campeões que as marcam, não seria surpresa se os acontecimentos do domingo (16) viessem a se tornar um momento de virada, simbolizado pela longa caminhada de Djokovic até o portão de embarque do aeroporto de Melbourne, escoltado pelas autoridades de imigração.

Djokovic tem 34 anos e, enquanto ele deixava a Austrália contra a vontade, depois que seu visto foi cancelado, uma nova geração de astros do tênis masculino preparava-se para lutar pelo título do torneio de Grand Slam que o esportista sérvio dominou como ninguém. Um torneio que ele talvez jamais volte a jogar se a decisão que o proíbe de entrar no país por três anos não for rescindida.

"Honestamente, não sei em que direção as coisas devem caminhar. Pode ser que ele demore muito tempo para se recuperar do acontecido, ou talvez isso o inspire a retornar ainda mais forte", disse John Isner, amigo de Djokovic e um dos tenistas norte-americanos mais bem colocados no ranking.

Djokovic já se recuperou de períodos desmoralizantes no passado e voltou a vencer. Em 2017, depois de talvez a fase mais dominante de sua carreira, ele teve problemas de motivação e perdeu a gana de competir por mais de um ano, em meio a problemas pessoais e a uma lesão persistente no cotovelo direito.

Ele mostrou, naquele período, uma dedicação a métodos naturais de cura que prenunciava sua decisão de não se vacinar contra o coronavírus. Mas, depois de jogar o Australian Open de 2018 com o cotovelo apoiado por uma manga de compressão, Djokovic decidiu que teria de passar por uma cirurgia.

Cinco meses mais tarde, voltou a ser campeão de um torneio de Grand Slam, conquistando o título de Wimbledon em 2018. E logo se restabeleceu no primeiro posto do ranking, deixando de novo para trás seus maiores rivais, Roger Federer e Rafael Nadal.

No começo de 2020, Djokovic continuava em excelente forma, iniciando o ano com 18 vitórias consecutivas antes que a pandemia paralisasse o tênis por cinco meses.

Ele organizou um evento amistoso imprudente na Sérvia e na Croácia em junho daquele ano, durante a paralisação forçada.

O torneio se tornou uma fonte de contágio em massa e uma crise de relações públicas, quando surgiram imagens que mostravam o tenista e outros jogadores e membros de suas equipes de apoio, entre os quais Goran Ivanisevic, treinador de Djokovic, dançando sem máscaras em uma festa em uma casa noturna dos Bálcãs.

A turnê da ATP, a associação do tênis profissional masculino, foi cancelada. Djokovic e sua mulher, Jelena, Ivanisevic e outros foram apanhados em exames de coronavírus.

Quando o tenista retornou aos torneios de Grand Slam, no US Open, causou a própria eliminação nas oitavas de final, ao disparar uma bola com a raquete em um momento de frustração e machucar sem querer uma juíza de linha.

Ele foi expulso do torneio pelo árbitro-chefe e retornou à Europa para recuperar o controle. O jovem austríaco Dominic Thiem ficou com o título.

Depois de todas as suas decisões dúbias e dos abalos sofridos por sua imagem, outra queda livre de Djokovic não podia ser descartada, mas, em um reflexo de sua tenacidade e talento, ele se recuperou espetacularmente em 2021, com uma das melhores temporadas de sua carreira: venceu os três primeiros torneios de Grand Slam do ano e ficou a uma vitória de conquistar o primeiro Grand Slam masculino de simples em 52 anos, antes de ser derrotado por Daniil Medvedev na final do US Open.

A exibição de resiliência que ele fez em 2021 deveria bastar para causar dúvidas àqueles que acreditam que Djokovic vai se refugiar em seu apartamento em Monte Carlo e se isolar do mundo, depois do acontecido na Austrália.

Estamos falando de um jogador que se tornou campeão a despeito de ter crescido em Belgrado durante a dissolução violenta da Iugoslávia, quando bombardeios da Otan (Organização para o Tratado do Atlântico Norte) ocasionalmente o forçavam a interromper treinos de tênis.

Ele saiu de casa aos 12 anos, para uma academia de tênis na Alemanha, enquanto seus pais e parentes tomavam dinheiro emprestado e improvisavam para bancar seu treinamento. Havia a esperança de que o esporte fosse o caminho para que o filho, e toda a família, encontrasse dias melhores.

Djokovic está acostumado a ser o excluído, a ouvir os gritos da torcida em apoio a Federer e a outros adversários, e a vencer mesmo assim. No passado, ele chegava a imaginar que a torcida na verdade gritava seu nome; mas nunca tinha sido alvo de tanta hostilidade mundial quanto agora.

Embora insista em que não deseja ser um paladino da oposição às vacinas, as consequências da posição iconoclasta que ele adotou na Austrália —Djokovic é um dos apenas três jogadores que não se vacinaram, entre os cem primeiros do ranking mundial masculino— o associarão indelevelmente à questão.

E, enquanto insistir em não se vacinar, ele enfrentará dificuldades para ingressar em certos países e torneios.

Nos últimos anos, ele dedicou muita energia a outras causas que não vencer torneios de tênis: decidiu alterar o status quo na turnê masculina e criar uma nova organização de jogadores a fim de promover —até agora sem sucesso— mudanças no sistema e para conferir mais poder de decisão aos jogadores.

Ele ajudou a iniciar um novo torneio em Belgrado, fez trabalhos assistenciais na Sérvia e na região dos Bálcãs e cooperou com um documentário sobre os bastidores de sua vida que deve sair em 2022.

Conteúdo não faltará: tanto triunfos notáveis quanto reveses brutais. Quando é que isso começará a afetar sua fome de vencer? Pode ser que o momento tenha chegado.

Mesmo em sua notável temporada em 2021 houve indícios de uma nova vulnerabilidade em quadra. Djokovic reduziu seu número de partidas, reconhecendo que o tempo passa para todos e que é melhor concentrar a energia nos maiores torneios.

Mas ele tropeçou algumas vezes e não atingiu seu objetivo nas Olimpíadas de Tóquio, saindo dos Jogos sem medalha, derrotado por Alexander Zverev nas semifinais de simples.

O Australian Open irá adiante sem Djokovic pela primeira vez desde 2004 e, com Federer também fora devido a uma lesão, será a primeira vez na longa carreira de Nadal que ele jogará um torneio de Grand Slam como único representante dos Três Grandes.

Os três dividem o recorde de conquistas de Grand Slam, cada qual com 20 títulos. Que terminem suas carreiras ainda empatados não está fora de questão.

A era deles está chegando ao final, tendo em vista suas idades e a ascensão de novos talentos. Tudo o que aconteceu em Melbourne nos últimos dias pode acelerar ainda mais essa transição.

Tradução Paulo Migliacci